UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE BIBLIOTECONOMIA E COMUNICAÇÃO
DEPARTAMENTO DE COMUNICAÇÃO

RAFAELA CHIAPIN PECHANSKY

A COBERTURA JORNALÍSTICA DA SEGUNDA GUERRA MUNDIAL PELA REVISTA *O CRUZEIRO*

Porto Alegre

2014

RAFAELA CHIAPIN PECHANSKY

A COBERTURA JORNALÍSTICA DA SEGUNDA GUERRA MUNDIAL PELA REVISTA *O CRUZEIRO*

Trabalho de conclusão apresentado ao Departamento de Comunicação da FABICO, UFRGS, como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Comunicação Social – Jornalismo.

Orientadora: Profa. Dra. Virginia Pradelina da Silveira Fonseca

Porto Alegre

2014

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE BIBLIOTECONOMIA E COMUNICAÇÃO

AUTORIZAÇÃO

Autorizo o encaminhamento para avaliação e defesa pública do TCC (Trabalho de Conclusão de Cursos) intitulado **A COBERTURA JORNALÍSTICA DA SEGUNDA GUERRA MUNDIAL PELA REVISTA *O CRUZEIRO,*** de autoria de Rafaela Chiapin Pechansky, estudante do curso de Comunicação Social – habilitação Jornalismo, desenvolvida sob minha orientação.

Porto Alegre, 21 de junho de 2014

_____

Profa. Dra. Virginia Pradelina da Silveira Fonseca

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE BIBLIOTECONOMIA E COMUNICAÇÃO
DEPARTAMENTO DE COMUNICAÇÃO

A Comissão Examinadora, abaixo assinada, aprova o Trabalho de Conclusão de Curso

A COBERTURA JORNALÍSTICA DA SEGUNDA GUERRA

MUNDIAL PELA REVISTA *O CRUZEIRO*

elaborado por Rafaela Chiapin Pechansky

como requisito parcial para obtenção do grau de

Bacharel em Comunicação Social – Habilitação em Jornalismo

COMISSÃO EXAMINADORA:

_____
Prof. Dra Virginia Pradelina da Silveira Fonseca
(orientadora)

_____
Prof. Dra. Aline do Amaral Strelow

_____
Prof. Me. Gisele Dotto Reginato

Porto Alegre, 07 de julho de 2014

AGRADECIMENTOS

Aos meus pais, pelo incentivo e apoio incondicional. Ao meu irmão, que me ensina tanto, apesar da pouca idade. Às minhas amigas de vida: Deborah, Júlia e Isadora, pelas incontáveis palavras confortadoras. À UFRGS, pela oportunidade de conviver com pessoas tão incríveis e brilhantes, como o Marcel e a Priscila, ao longo destes anos de curso. À minha querida orientadora, pelos conselhos e pela inspiração. Ao Museu Hipólito da Costa, ao Masp e à Flávia, que tornaram possível realizar o trabalho em sua completude.

RESUMO

O presente trabalho analisa o modo como a revista *O Cruzeiro* abordou o acontecimento Segunda Guerra Mundial em suas edições no período de junho a dezembro do ano de 1945. Buscando verificar quantitativamente e qualitativamente como se deu o tratamento de temas relacionados ao fim do conflito, foi utilizada a Análise de Conteúdo como metodologia. Como resultado, apurou-se a prevalência de artigos opinativos de jornalistas como Austregésilo de Athayde e Franklin de Oliveira, assim como de reportagens da dupla David Nasser e Jean Manzon como principais marcas da cobertura da revista sobre a Guerra.

Palavras-chave: O Cruzeiro; jornalismo; Segunda Guerra Mundial

ABSTRACT

This paper seeks to analyse the way Brazilian magazine *O Cruzeiro* treated the subject of the World War II on its editions from June to December 1945. Aiming to verify in numbers and in subject (qualitatively) how was the treatment given to themes related to the end of the conflict, it was chosen to have the Content Analysis as method of research. It is evident the presence of the articles of journalists as Austregésilo de Athayde and Franklin de Oliveira and the news reports of David Nasser and Jean Manzon, all which had a real impact on the pages of the magazine, dealing with the subject of War.

Key words: O Cruzeiro; journalism; Second War

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Total de edições que abordaram a Segunda Guerra Mundial.....p.50

Tabela 2 – Gêneros predominantes.....p.52

Tabela 3 – Presença de articulistas.....p.54

Tabela 4 – Presença de reportagens de David Nasser/Jean Manzon.....p.56

Sumário

1 INTRODUÇÃO 18
2 O CRUZEIRO – RETRATO DE UM BRASIL MODERNO 13
2.1 Nasce um império 13
2.2 Luxo jamais visto 15
2.3 A década de 1940 17
2.3.1 Uma fase ditatorial 18
2.3.2 Uma fase de modernização 22
2.4 O incontornável fim 24
3 REVISÃO HISTÓRICA: O DECLÍNIO DE UMA ERA 26
3.1 O ano de 1945 no mundo e no Brasil 26
3.1.1 O fim da guerra 26
3.1.2 O fim do Estado Novo 29
3.1.3. A sociedade da época 31
3.2 Cenário midiático da época 33
3.3 Americanização refletida 34
3.4 Considerações acerca do conteúdo da revista 36
4 A COBERTURA JORNALÍSTICA EM 1945 40
4.1 Sobre a metodologia 40
4.2 Referencial teórico 43
4.3 Constituição do *corpus* 47
4.4 Análise 50
4.4.1 Ampla abordagem do tema 50
4.4.2 Grande prevalência do gênero opinativo 51
4.4.3 Articulistas 54
4.4.4 As reportagens de David Nasser e Jean Manzon 55
4.4.5 Influência do contexto político 57
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS 59
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS 62
ANEXOS 64

1 INTRODUÇÃO

Tendo o jornalismo um papel consolidado na sociedade atualmente, crescem as análises, as teorias e os estudos acerca do seu funcionamento enquanto prática de prover informações. O tratamento do conteúdo a ser publicado até a sua entrega ao público de fato suscita diversas discussões, e as múltiplas abordagens de um mesmo tema geram questionamentos e análises diversos. Como um veículo de comunicação considera o que é digno de divulgação? Como é a sua abordagem?

A discussão acerca do modo subjetivo com o qual cada veículo comunicacional pauta um evento de grande porte e "recorta" um acontecimento é de suma importância para que futuros jornalistas possam realizar a tarefa da forma mais ampla possível. Para tentar elucidar a questão, é fundamental que se conheça como ocorreu a evolução do jornalismo. O entendimento da História é condição *si ne qua non* para entender o contexto em que estamos inseridos, tanto como indivíduos, como sociedade, como profissionais da área. Foi desta forma, buscando compreender um pouco do passado, que surgiu a temática do presente trabalho.

Selecionamos, como ponto de partida da pesquisa, um acontecimento de indiscutível importância para a humanidade – a 2ª Guerra Mundial. O evento durou de 1939 a 1945, sendo a guerra mais abrangente da história, do ponto de vista geográfico, envolvendo a maior parte das nações do mundo, tornando-se, até hoje, o conflito mais letal já registrado – historiadores estimam mais de 70 milhões de mortos. Na época do acontecimento, a televisão estava começando a ser difundida; e a internet, por óbvio, tampouco existia. O mercado comunicacional ainda era dominado pelas publicações impressas, como jornais e revistas,

que, porém, já dividiam espaço com o rádio, que possuía um papel consolidado como mídia de massa.

Diante da grandiosidade do acontecimento, surge, então, o questionamento sobre o modo como a imprensa brasileira tratou do assunto. Considerando que a revista *O Cruzeiro* foi uma das publicações mais importantes do século XX no Brasil, foi-se delineando o segundo foco do trabalho. Lançada em 1928 pelos Diários e Emissoras Associados, empresa de Assis Chateaubriand, também conhecido como Chatô, a publicação semanal inovou do ponto de vista gráfico e fotojornalístico, impactando o cenário midiático do país. Já em seu primeiro editorial, Chatô afirmava que a publicação se diferenciava de suas "irmãs mais velhas", que nasceram das demolições do Rio colonial, colocando-se na vanguarda da modernidade e aliando o seu nome a tecnologias modernas. A magnitude alcançada pela revista também é facilmente verificada em números - *O Cruzeiro* bateu recordes de tiragem para a época, com edições que ultrapassaram os 750 mil exemplares. A publicação durou 47 anos, deixando de circular em 1975.

A revista era desordenadamente ilustrada, com profusão de fotografias. Também oferecia rica variedade de temas: acontecimentos sociais de toda ordem - moda, beleza e culinária, cinema americano, competições esportivas, notícias requentadas. Sobre o seu conteúdo, Netto (1998) lembra que a publicação tinha, ainda, cerca de 50% do seu espaço dedicado ao humor: foram muitos os ilustradores que povoaram a história da revista. Sobre o impacto da publicação na sociedade da época, Carvalho (2011) defendia que o que saía publicado em *O Cruzeiro* ganhava enorme peso: nos teatros, por exemplo, era comum ver cartazes reproduzindo comentários e críticas saídos na revista.

No âmbito político, vivenciava-se o período ditatorial do *Estado Novo* (1937-1945), caracterizado pela repressão às diversas formas de expressão coletiva, fosse reivindicatória ou cultural: o *Departamento de Imprensa e Propaganda* (DIP) foi o órgão responsável por divulgar as mensagens que interessavam ao Estado, realçando as qualidades do líder Getulio Vargas e de suas propostas. Durante aqueles anos, o órgão foi responsável pela difusão da imagem do "bom trabalhador" brasileiro e pelo combate contra os desempregados, "malandros", que não contribuíam para o "engrandecimento" da Nação. Alberto Gawryszewski, em sua obra *O Cruzeiro – uma revista (muito) ilustrada*, diz que "a censura sobre as artes não poderia ter sido diferente: músicas, jornais, esculturas, romances etc., todos sofreram com a sua existência".

No decorrer da pesquisa, procuramos aprofundar a compreensão sobre a influência da política sob o jornalismo praticado na época. Recorrendo, inclusive, à biografia de Vargas escrita por Lira Neto, procuraremos compreender o contexto político no qual o Brasil se encontrava. Nessa publicação, também são revelados detalhes da relação entre Vargas e Chatô, que muito influenciou a seleção dos assuntos pautados pela revista.

Assim, em função da importância da revista e do impacto do acontecimento 2ª Guerra Mundial, o conflito mais sangrento do século XX, estabelece-se o objetivo deste trabalho: analisar a cobertura jornalística da Segunda Guerra Mundial pela revista *O Cruzeiro*, com foco no ano em que o acontecimento teve fim – 1945.

O trabalho procura evidenciar como o término de um evento de tal magnitude foi abordado jornalisticamente pela maior revista brasileira da época, optando-se por um *corpus* constituído a partir das edições do segundo semestre do ano referido. Julga-se importante assinalar aqui que o entendimento quanto ao fim da Guerra tem sido considerado, por muitos historiadores, como um processo, uma evolução que culminou na rendição da Alemanha, no dia 07 de maio e, posteriormente, na rendição do Japão, no dia 02 de setembro de 1945. Muitos livros de história julgam essa a data oficial do término da Guerra. Observaremos atentamente como este momento de transição foi abordado pela revista e quais foram os seus desdobramentos.

Desta forma, perseguem-se os seguintes objetivos específicos:

a) Identificar e selecionar os exemplares da revista *O Cruzeiro* que trataram, no segundo semestre do ano de 1945, da temática da Guerra;
b) Analisar o espaço destinado pela revista a esse acontecimento;
c) Analisar o modo pelo qual a revista abordava a temática relacionada ao conflito (gêneros de texto - editoriais, grandes reportagens, artigos, crônicas);
d) Tentar identificar a visão daqueles que escreviam sobre o assunto para a revista (quais eram as suas expectativas ao final da Guerra? Percebiam mudanças na sociedade brasileira que pudessem ser relacionadas à Guerra?);
e) Inserir a análise em um contexto histórico, considerando outras publicações influentes na época.

Procura-se atingir esses objetivos investigando-se um *corpus* formado por textos extraídos das 31 edições publicadas no período de junho a dezembro de 1945. Os exemplares

selecionados são aqueles que apresentaram conteúdo de relevância jornalística, como capas, reportagens e artigos de opinião que faziam referência ao conflito.

Utilizamos como metodologia a Análise de Conteúdo. Procura-se empregar tanto o método quantitativo quanto o qualitativo, como descrito no capítulo correspondente.

Visando à composição do *corpus*, faz-se uso do acervo disponibilizado pelo Museu da Comunicação Hipólito José da Costa, de Porto Alegre, que conta com uma das maiores hemerotecas do país. Optamos por restringir a pesquisa ao segundo semestre do ano de 1945 também para que fossem analisados com maior atenção os exemplares disponíveis. Leva-se em conta o fato de que os meses que transcorrem de junho a dezembro evocam um período de fim de Guerra, no qual a humanidade se reorganizava geopoliticamente, e o Brasil, vitorioso, recebia os soldados combatentes após a rendição dos países do Eixo.

O trabalho está estruturado em quatro partes. Depois desta Introdução, no segundo capítulo, buscando evidenciar a importância da revista *O Cruzeiro*, fazemos um apanhado histórico, contextualizando sua relação política com o governo da época. A pesquisa teórica envolve um levantamento de dados sobre a trajetória da publicação: origem, evolução, anos dourados e decadência. Nesse capítulo, também procura-se discutir outras questões relevantes, como o contexto midiático no qual a revista estava inserida e a influência exercida por Assis Chateaubriand na linha editorial adotada pela publicação. Também procuramos evidenciar o modo como se distinguia de outras revistas do período, considerando questões como público-alvo e tiragem no ano de 1945, visando apreender a sua influência na sociedade da época.

No terceiro capítulo, problematiza-se o impacto do final da Segunda Guerra Mundial no Brasil, o que implica analisar os ideais do presidente Vargas e suas decisões políticas, que muito afetaram a sociedade e imprensa da época, atentando para o fato de que o presidente renunciou ao cargo no dia 29 de outubro de 1945. Também julgamos de suma importância lavantar, a partir de uma breve pesquisa histórica, os principais fatos que marcaram o ano de 1945 - internacionalmente e no Brasil. Atentamos também para fatos ocorridos no primeiro semestre, como o suicídio de Hitler, no dia 30 de abril, uma vez que foram decisivos para o desfecho do conflito e seus futuros desdobramentos.

Por fim, no quarto capítulo, analisamos o *corpus* da pesquisa. Descrevemos todos os procedimentos realizados para investigar o material coletado. A partir da metodologia da Análise de Conteúdo, proposta pela teórica francesa Laurence Bardin, buscaremos sanar

dúvidas acerca da maneira como a temática da Segunda Guerra Mundial foi abordada pela revista *O Cruzeiro*. Para melhor orientação e delimitação do foco da pesquisa, procuramos responder às seguintes questões: dentre os exemplares selecionados, quantos tinham chamadas de capa referentes à Guerra? Quantas páginas eram destinadas ao assunto? Quem eram os autores dos artigos, das crônicas, das reportagens? O que diziam eles em seus escritos? Para responder tais questões e refletir sobre elas, recorremos a teóricos da área da comunicação e do jornalismo, como Nelson Traquina e Warren Breed.

Tem-se a expectativa de que o presente trabalho possa contribuir para melhor compreender o papel da revista *O Cruzeiro* na sociedade da época e como, inserida em um particular contexto histórico, se distinguia de outras publicações do período, ampliando as reflexões sobre um jornalismo, que, embora exercido 75 anos atrás, foi de grande importância e ainda possui um espaço dentro das discussões teóricas acerca da comunicação.

2 O CRUZEIRO – RETRATO DE UM BRASIL MODERNO

2.1 Nasce um império

No dia 04 de maio de 1928, na sede de *O Jornal*, então funcionando em um prédio estreito, de três andares, no Rio de Janeiro, reuniu-se um grupo de jornalistas convidados pelo anfitrião e diretor do matutino, Assis Chateaubriand. O objetivo do encontro era a fundação da revista *O Cruzeiro*, uma publicação semanal ilustrada. Naquela época, o jovem paraibano Chateaubriand começava a criar um verdadeiro império de comunicação, denominado Diários Associados (NETTO, 1998). Segundo Romanello (2009), a história da revista confunde-se com a história de vida do advogado e jornalista aventureiro, Assis Chateaubriand Bandeira de Mello – conhecido pelo público como Assis Chateaubriand e, pelos íntimos, simplesmente como Chatô.

> Em 1916, recém-formado e com apenas 24 anos, foi admitido como professor da faculdade de Direito do Recife, onde se formara. Resolveu não assumir o posto e mudou-se para o Rio de Janeiro, disposto a construir uma cadeia de jornais. Na capital, desenvolveu diversas atividades, como advogado e empresário, nunca se afastando do jornalismo, profissão a qual mais tarde se dedicaria quase exclusivamente (MORAIS apud ROMANELLO, 2009, p.58).

Em 1924, com a compra de *O Jornal*, iniciou-se efetivamente a execução do seu projeto acalentado há muito tempo. Com a aquisição – logo seguida pela compra do *Jornal da Noite* de São Paulo – Chateaubriand fundava os alicerces dos Diários Associados. A revista *O*

Cruzeiro integrou este grupo e transformou-se em sua empresa mais importante (ROMANELLO, 2009). O lançamento do primeiro número foi minuciosamente planejado, o que era inédito para o Brasil daquela época. Fazia uma tarde quente em dezembro de 1928 e, no momento em que as repartições públicas encerravam o expediente e pouco antes de o comércio fechar as portas, a Avenida Rio Branco foi inundada por uma chuva de papel picado.

> Parecia que, de repente, por um espantoso milagre meteorológico, estava nevando na mais importante via pública da Cidade Maravilhosa, com 40 graus à sombra. Ônibus e automóveis estancaram. Uma sinfonia de buzinas encheu o ar. E milhares de transeuntes, surpresos, começaram a apanhar no ar, nas calçadas ou sobre o asfalto escaldante os pedaços de papel, que nada mais eram do que pequenos folhetos impressos, atirados dos andares mais altos dos edifícios, e que diziam: "Compre amanhã *O Cruzeiro*, em todas as bancas, a revista contemporânea dos arranha-céus" (NETTO, 1998, p.37).

Por fim, conseguiu-se um verdadeiro milagre para um país cujas comunicações ainda estavam na idade da pedra: a revista *Cruzeiro* aparecia nas bancas de Belém a Porto Alegre, simultaneamente (MORAIS, 2002), além de centenas de bancas de jornal no Rio, do Centro aos subúrbios (NETTO, 1998). Além de usar caminhões, barcos e trens, Chateaubriand fretou um bimotor para que nenhuma cidade importante fosse esquecida pela distribuição: "como se quisesse esbanjar competência, até nos principais pontos-de-venda de Buenos Aires e Montevidéu havia repartes da revista – da mesma edição em português que circulava no Brasil. Os dois primeiros exemplares a chegar às mãos de Chateaubriand foram mandados para Getulio Vargas – com quem Chateaubriand, na época, cultivava boas relações –, e para o padrinho e patrocinador Antônio Mostardeiro" (MORAIS, 2002, p.187). Até então, não existia no Brasil uma publicação deste tipo que atingisse todas as regiões do país, o que exigiu grandes gastos: Assis Chateaubriand não mediu esforços para concretizar o plano (ROMANELLO, 2009).

É possível encontrar a descrição detalhada da primeira capa da revista em diversas pesquisas: os teóricos parecem tentar captar e passar ao leitor o espírito da publicação, que era tão diferente das outras contemporâneas da época. Em um fundo azul emoldurado por uma tarja prateada, estava um desenho hiper-realista do rosto de uma moça com ar *vamp*, unhas cintilantes, sombra nos olhos e boquinha pintada, como se soprasse um beijo para os seus 50 mil leitores (NETTO, 1998): "a capa do primeiro número, por si só, já era um bom exemplo da proposta do editorial" (GAWRYSZEWSKI, 2009, p.35). Completando a atmosfera, sobre o rosto da melindrosa esvoaçavam as cinco estrelas de prata do Cruzeiro do Sul que haviam

inspirado o nome da revista (MORAIS, 2002). A estratégia de lançamento funcionou muito bem, com o esgotamento de todos os exemplares da revista em poucas horas (NETTO, 1998).

A presença de ilustrações também já chamava atenção desde aquele início impactante. Gawryszewski (2009, p.35), em sua obra *O Cruzeiro, uma revista (muito) ilustrada*, relata que

> as capas eram assinadas como se fossem quadros. Nas reportagens, propagandas, em quase toda a revista se encontravam ilustrações feitas pelo lápis de algum artista. As fotos também estavam presentes e foram ocupando um espaço cada vez maior dentro da revista, mas não tiravam a beleza e a importância dos desenhos, em especial dos desenhos satíricos.

No editorial sem assinatura da primeira página, a direção prometia uma publicação bem mais ingênua do que poderia sugerir o ar lascivo da capa: esclarecia que, se um jornal pode ser o órgão de um partido, de uma facção, de uma doutrina, uma revista como *O Cruzeiro*, no entanto, seria um instrumento de educação e de cultura: "Onde se mostrar a virtude, animá-la; onde se ostentar a beleza, admirá-la; onde se revelar o talento, aplaudi-lo; onde se empenhar o progresso, secundá-lo" (MORAIS, 2002, p.188). Naquele primeiro editorial de *O Cruzeiro* – na época batizado apenas de *Cruzeiro*, tendo o seu nome modificado em 1929 (CARVALHO, 2001) –, foi lançada, ainda, a promessa de "ser a mais moderna das revistas". É este o título que, entre todos, se empenhou por merecer e conservar durante o resto de sua trajetória.

2.2 Luxo jamais visto

Já em sua fase inicial, caracterizada por um luxo editorial jamais visto no Brasil, *O Cruzeiro* era impresso em cores sobre papel couché (material com revestimento brilhoso) de primeira classe (NETTO, 1998). Romanello (2009) endossa que, ao ser impressa em papel de

alta qualidade, ficava mais atraente e fazia com que os temas abordados ganhassem uma nova dimensão de apresentação e recepção pelos leitores.

Mas não era apenas na forma que a revista era luxuosa: no conteúdo, trazia trabalhos de colaboradores do porte de Gustavo Barroso, Menotti del Pichia, Viriato Correa, Manuel Bandeira, Humberto de Campos, Guilherme de Almeida e Mário de Andrade, que colaboravam com crônicas, contos e reportagens. Enquanto isso, as ilustrações a cores e as excelentes reproduções tinham assinaturas de Carlos e Rodolpho Chamberand, Henrique Cavaleiro, Emiliano Di Cavalcanti, Anita Malfatti, entre outros (NETTO, 1998). Muitos destes artistas haviam sido nomes expressivos durante a Semana de Arte Moderna, em 1922, e carregavam o espírito modernista consigo. "Um dos objetivos do movimento modernista era reagir criticamente contra os padrões considerados arcaicos de nossa cultura, que despersonalizava o Brasil", explana Cotrim (2002, p.480). A reação modernista objetivava, portanto, abrasileirar a cultura brasileira. Seguindo as tendências culturais, *O Cruzeiro* refletia o movimento em suas páginas, uma vez que se propunha a ser sempre uma publicação em prol do progresso do Brasil - não só defendendo, mas também registrando a ascensão da nossa modernidade. Naquela época, o conceito de civilidade passava pelo desenvolvimento humano, pelo crescimento industrial, pela adoção de costumes modernos no trajar, falar e comer. As comparações para ajudar a difusão e a aceitação dessas ideias pela população foram um constante na revista (GAWRYSZEWSKI, 2009).

Durante diversos anos, a publicação esteve à frente de todas as publicações do gênero no Brasil. Além de manter o seu alto padrão de qualidade, para Netto (1998), quando *O Cruzeiro* atingiu a sua fase de maior sucesso, era uma revista essencialmente eclética, destinada a ser lida por um público diversificado, de todas as classes sociais, incluindo homens e mulheres.

> Num país com milhões de analfabetos, o apogeu da revista foi o que se chamou de "milagre editorial": com tiragem de 850 mil exemplares circulando em território nacional, calculava-se – imaginando que cada exemplar seria lido por cinco pessoas – que *O Cruzeiro* passaria pelas mãos de nada menos que quatro milhões de leitores a cada semana, espalhados por oito milhões de quilômetros quadrados. Estes números são ainda mais impressionantes se pensarmos que nos anos 50, apogeu da revista, a população do Brasil mal passava dos 50 milhões de habitantes (NETTO, 1998, p.123).

No que tange o conteúdo da revista, diversos autores ressaltam a constante presença de assuntos culturais efervescentes para a época, como o cinema americano. O colunista de cinema Alex Viany – mais tarde cineasta e militante do cinema brasileiro –, por exemplo,

tornara-se um produtivo correspondente em *Hollywood*. E a popularidade era recíproca. Segundo Carvalho (2001), Viany, na edição de 27 de outubro de 1945, a do décimo sétimo aniversário da revista, mandou, de Los Angels, "Astros e estrelas de Hollywood felicitam *O Cruzeiro"*. O material tratava-se de fotografias de uma dúzia de personalidades sagradas do cinema com mensagens assinadas de saudação à revista. Clark Gable, Veronica Lake, Rita Hayworth, Maureen O'Hara, Rosalind Russel, Carey Grant – todos estavam presentes. Na foto que fecha a matéria, Rosalind Russel fatia um bolo com a inscrição "Felicitações a *O Cruzeiro* e seu aniversário".

Ao longo da década de 1930, porém, *O Cruzeiro* enfrentou diversas dificuldades financeiras. Chateaubriand, em 1934, começara uma forte campanha contra o governo de Getulio Vargas, a quem chamou de "monstro" em uma de suas matérias mais brilhantes. O revide foi imediato, e, ameaçado de prisão, Chateaubriand saiu do país. Nessa época, uma variedade de assuntos passou a inundar as páginas das revistas: esportes (futebol, automobilismo – que vivia o seu auge –, lutas livres), o Carnaval, grandes bailes frequentados pela elite carioca (NETTO, 1998).

No início da década de 1940, a revista começara a respirar novamente: possuía uma tiragem de 45 mil exemplares, em outubro de 1940, e 58 mil dois anos mais tarde. Bem à frente da principal concorrente, a *Revista da Semana*; e com faturamento publicitário superior ao da receita com as vendas avulsas (CARVALHO, 2001). O período dos anos 1940 também pode ser considerado de fortalecimento político de Chateaubriand e de consolidação de suas empresas. Foi nesta época que a revista estruturou-se e modernizou-se, tornando-se a mais importante do Brasil das décadas seguintes (ROMANELLO, 2009).

2.3 A década de 1940

Como bem lembra Sodré (1966), o desenvolvimento da imprensa no Brasil foi condicionado ao desenvolvimento do país. Assim, veremos como as mudanças sociopolíticas no Brasil e no mundo influenciaram as decisões editoriais e os impactos nos critérios de noticiabilidade da revista.

2.3.1 Uma fase ditatorial

Antes de se realizar o apanhado histórico da época, é importante considerarmos um fato que, ressaltado pelos teóricos que resgatam a história da revista, nos auxilia a melhor compreender as pautas que permearam a trajetória de *O Cruzeiro*: a influência que Chateaubriand exercia sobre a linha editorial de todos os veículos que compunham o seu conglomerado. Wainberg (1997, p.114) pondera que o posicionamento do magnata era incongruente com seus discursos acerca da prática jornalística. "[Chateaubriand] Diz que o jornal não pode ser um órgão político (afirmação inconsistente com a prática seletiva de sua pauta jornalística) e critica o jornalismo doutrinário (embora fosse ele um doutrinador nato)."

No âmbito político, vivenciava-se o período ditatorial do *Estado Novo* (1937-1945), caracterizado pela repressão às diversas formas de expressão coletiva, fosse reivindicatória ou cultural (GAWRYSZEWSKI, 2009). Lira Neto (2013) faz uma descrição detalhada sobre a ascensão de Getulio Vargas ao poder:

> Às oito horas da noite, ao microfone (...), Getulio leu em cadeia nacional de rádio uma proclamação aos brasileiros, ao longo da qual pretendeu justificar seus últimos atos. "As exigências do momento histórico e as solicitações do interesse coletivo reclamam, por vezes, imperiosamente, a adoção de medidas que afetam os pressupostos e convenções do regime [...]" (NETO, 2013, p.310).

A relação entre Vargas e Chateaubriand, por sua vez, era conturbada[1]. Ambos sabiam o que estava constantemente em jogo: poder e coerção (WAINBERG, 1997). Segundo Morais (2002), Chateaubriand encarou a nova forma de governo com ambiguidade. Em um artigo intitulado "O fim dos partidos" (no qual defendia a extinção dos partidos políticos pelo golpe), por exemplo, o magnata mandou publicar, como se fosse um acidental descuido

gráfico, um claro indício de que os seus artigos estavam sendo submetidos à censura. Em tipografia diferente da utilizada no artigo, saiu publicado: “Visto. Assinado, Negrão de Lima”, referência a Francisco Negrão de Lima, que acabara de ser nomeado chefe de gabinete de Francisco Campos, o ministro da Justiça encarregado de censurar e reprimir em nome da nova ordem.

Dois anos após o golpe do Estado Novo, foi criado, em 27 de dezembro de 1939, o Departamento de Imprensa e Propaganda (DIP), tornando-se o órgão executor da censura à imprensa e da política de culto à personalidade do ditador Vargas (CARVALHO, 2001). Durante aqueles anos, o DIP foi responsável pela difusão da imagem do brasileiro como “bom trabalhador” e pelo combate aos desempregados, “malandros” que não contribuíam para o “engrandecimento” da Nação. “A censura sobre as artes não poderia ter sido diferente: músicas, jornais, esculturas, romances etc., todos sofreram com a sua existência” (GAWRYSZEWSKI, 2009, p.38), incluindo a imprensa, como veremos a seguir.

Se, internamente, vivia-se um regime ditatorial, a chegada da guerra, que já se anunciava com a ascensão de Hitler e Mussolini, redefiniu os acordos e alianças políticas do país. Duas grandes potências se enfrentavam: de um lado, o Eixo (Alemanha, Itália e Japão); de outro, os Aliados (liderados por Inglaterra, Estados Unidos e União Soviética). Apesar de certas afinidades com os regimes fascistas, Vargas procurava manter o Brasil em posição de neutralidade na Segunda Guerra Mundial. Considerado pragmático, buscava, desta forma, tirar proveito do conflito para obter vantagens político-econômicas (CAMPOS e MIRANDA, 2005).

Embora nunca tivesse defendido claramente o fascismo, Chateaubriand não escondia sua simpatia pelo movimento integralista. Em pelo menos um artigo, chegou a afirmar que, “mesmo divergindo dos pontos cardeais da ideologia integralista, encontro na arrancada de sua mocidade um emocionante ponto de contato com o programa dos Diários Associados: a unidade política e espiritual do Brasil” (MORAIS, 2002, p.357). De admirador confesso dos regimes de Mussolini e Hitler, porém, Chateaubriand se transfiguraria em um aliadófilo radical – a ponto de pedir, em artigos publicados nos Associados, que, terminada a guerra, as tropas e bases militares norte-americanas instaladas no Nordeste permanecessem indefinidamente no Brasil, como enclaves estrangeiros em território nacional. As opiniões provocaram surpresa no restante da imprensa, que o acusava de “querer entregar a terra de seus maiores aos americanos” (MORAIS, 2002).

Editorialmente, a revista podia, por vezes, ser vista como governista e conservadora – refletindo os acertos da reconciliação temporária entre Chatô e Vargas (CARVALHO, 2001). Já o DIP exigia que a imprensa louvasse o ditador (NETTO, 1998), tendo a força da distribuição do papel, o dinheiro fácil das matérias pagas, a polícia política, a censura sistemática e a violência institucionalizada do regime – tudo isso materializado nas prisões e nos estados de sítio e de guerra decretados em diversas ocasiões. Com as raríssimas exceções de *O Estado de S. Paulo* e, no Rio, do *Correio da Manhã, A Noite, A Manhã* e *O Diário de Notícias*, a imprensa dobrou-se ao sistema: foi o caso de todos os veículos de Chateaubriand (CARVALHO, 2001). Também foi grande o número de jornais, revistas e panfletos fechados por determinação do executivo e grande também o número de jornalistas presos por delitos de imprensa. Nos Estados, foram instalados os Departamentos Estaduais de Imprensa, DEI, que faziam o mesmo serviço: "Nos dias mais agudos da ditadura, esse controle de imprensa destacava censores em cada jornal e nenhum original descia às oficinas sem o 'visto' do fiscal do governo." (SODRÉ, 1966, p.439).

Com a Guerra em vigor, os rumos dos Diários Associados também haviam sido diretamente influenciados (ROMANELLO, 2009).

> A Segunda Guerra Mundial se tornou o principal assunto da revista na década, e esteve presente [...] antes mesmo da entrada no Brasil no conflito. As matérias enviadas pelas agências internacionais eram publicadas em abundância. As coberturas variavam as temáticas: hora apresentavam a preparação de tropas brasileiras e sua atuação na guerra, hora eram as grandes batalhas navais e aéreas que recebiam destaque [...] foram publicadas muitas matérias sobre a retomada de territórios conquistados pelas forças do "Eixo"; mais tarde, sobre os acordos de paz e esforços de reconstrução dos países envolvidos. (ROMANELLO, 2009, p.72)

Provenientes principalmente da Europa e dos Estados Unidos, as imagens eram, com frequência, diagramadas entre mapas a respeito dos teatros das operações militares, que esclareciam questões como a geografia dos acontecimentos. As matérias eram, ainda, acompanhadas por sugestivos títulos, subtítulos e comentários sobre o desempenho dos aliados e suas vitórias. Romanello (2009) destaca, porém, que tais elementos conjugados davam às matérias um tom de propaganda.

Com o final da Segunda Guerra Mundial e o desgaste do Estado Novo, a deposição de Vargas era uma questão de tempo (ROMANELLO, 2009), e Chateaubriand se voltaria para o assunto que eletrizava o Brasil: a redemocratização (MORAIS, 2002). Neste período, a revista ia bem no que tange o âmbito financeiro (CARVALHO, 2001): na última edição de 1945, em

124 páginas, 48 são de grandes anunciantes – Sheaffer's, Helena Rubinstein, Longines, Tissot, Zenith, Cinzano.

> [...] as sucessivas edições de Cruzeiro engordavam a cada semana com anúncios e mais anúncios. Muitas vezes o leitor ficava em dúvida sobre se determinada matéria publicada pela revista era uma reportagem informativa ou um anúncio pago, disfarçado de jornalismo. Quando não era "A maior inauguração do ano" (na verdade apenas a abertura do novo prédio da companhia de cigarros Souza Cruz), podia ser a página inteira de fotos e texto dedicada à nova seção de contratos da velha amiga Light e Power. Mesmo para um jornalismo tão ingênuo como o que se fazia no Brasil do final dos anos 20, onde talvez aqueles assuntos fossem de fato de interesse para a época, aquilo cheirava a matéria paga (MORAIS, 2002, p.188).

No dia 29 de outubro de 1945, data em que o presidente foi efetivamente deposto, os *Associados* conseguiram um furo de reportagem - significando a primeira ruptura da dupla Manzon-Nasser (a trajetória de ambos será resgatada no capítulo seguinte) - mas destacando-se das concorrentes. Fernando Morais, em sua obra *Chatô, o rei do Brasil* (2002), descreve a seguinte cena:

> A certa altura o major Amílcar Dutra de Menezes apareceu em uma das portas e fez um sinal para que Manzon – e só ele – entrasse (os dois cultivavam grande amizade, nascida nos tempos em que Menezes fora chefe de Manzon no DIP). Para raiva e ciúme dos outros repórteres e fotógrafos, o francês atravessou sozinho o cordão de isolamento e, fechada a porta da sala onde entrara, empalideceu de emoção com a notícia que Menezes lhe deu: - Venha fotografar o fim do Estado Novo. O presidente acaba de ser deposto pelos militares. Ao vê-lo, no entanto, Getulio reage com monotonia: - Ah, então aqui está o artista que veio fazer meu último retrato antes da queda, não? Apesar de embaraçado, Manzon continua apertando o obturador da câmera (MORAIS, 2002, p.457).

Assim, com os bolsos do paletó repletos de filmes, Manzon correu para a redação de *O Cruzeiro*, e a gráfica foi avisada para interromper a impressão do número daquela semana. Ainda de madrugada, foram enxertadas nove páginas repletas de fotos e informações, intituladas "A queda de Vargas" (MORAIS, 2002). O editor da época, sobrinho de Chateaubriand, com espírito profissional, deixou de assinar o tradicional "Fotos de Jean Manzon", optando por "Reportagem fotográfica de Jean Manzon" – "Texto de Freddy". Segundo Carvalho (2001), "foi mais um banho fotográfico de *O Cruzeiro* – mas dessa vez, grande momento histórico, o repórter predileto da casa (aqui o autor refere-se a Nasser) cedeu a vez a Freddy. É ele que assina o texto "A queda de Vargas", principal matéria da edição de 10 de novembro. Na manhã seguinte, os milhares de leitores que correram às bancas viram o prodígio de uma revista semanal sair um dia após a deposição do presidente (MORAIS, 2002)

contendo material que nenhum jornal diário tinha – nem mesmo os outros veículos dos Associados.

2.3.2 Uma fase de modernização

Em 1943, chega à revista o fotógrafo Jean Manzon. Na época, o experiente repórter francês era conhecido como um proeminente fotógrafo, ex-funcionário da revista *Match* (BARBOSA, 2002), revista que vivia exclusivamente de grandes reportagens (NETTO, 1998). Iniciou-se uma fase de grande modernização em *O Cruzeiro*, que instituiu em suas redações novas concepções estéticas de fotografia e novos modelos de editoração (GAWRYZSEWSKI, 2009).

> Um exame da coleção a partir de janeiro de 43 mostra que a revista buscava ampliar o universo de leitores com matérias de serviços, entretenimento e cultura. O Brasil nunca vira fotos produzidas como as de Manzon, a não ser quem comprava as revistas ilustradas estrangeiras. Enquadramento perfeito, ângulos novos, closes de arrepiar, caras e bocas que pareciam em movimento, um estilo completamente novo se comparado ao das fotos da imprensa brasileira, incluindo *O Cruzeiro* (CARVALHO, 2001, p.67).

O francês teve, ainda, de se esforçar muito pelo sucesso da imagem do DIP e do Estado Novo: no final de 1940, acumulou outro trabalho, o de "photographo-chefe" da revista *Sombra*, a mais sofisticada da época – entusiasticamente governista e voltada para a alta sociedade (CARVALHO, 2001).

Naquele mesmo ano, também entrava na publicação o repórter de origem libanesa David Nasser. A parceria entre os dois mudaria para sempre o rumo da revista. Nasser trabalhou nela por 30 anos, de 1943 a 1974, e era o principal repórter de *O Cruzeiro*, desfrutando de um enorme prestígio, com uma capacidade de escrever vista poucas vezes antes no país (NETTO, 1998). De acordo com Carvalho (2001), Nasser jorrava o texto, apresentando fluência e riqueza verbal, independentemente do tema abordado. Chatô chegou a classificar a dupla como a "mais suntuosa de *O Cruzeiro*". Durante 9 anos, Nasser e Manzon trabalharam juntos, realizando matérias que entraram para a história. "A fórmula foi um

sucesso. As reportagens da dupla logo passaram a ocupar as primeiras páginas da revista [...] Eles buscavam sempre casos sensacionais, que a imprensa daquela época abordava de forma insossa" (NETTO, 1998, p.109).

Ainda na década de 1940, o conteúdo da revista cada vez mais diversificado atraía não somente o público-alvo a que se destinara originalmente - a classe média. Geralmente, as capas traziam modelos, atrizes e mulheres bonitas, sendo raras as capas políticas. Getulio Vargas, Juscelino Kubitscheck, João Goulart e Jânio Quadros estão entre essas raridades. A primeira personalidade a aparecer em uma capa foi o rei Alberto, da Bélgica, na edição nº 2. Já a primeira capa utilizando uma foto mostrava Santos Dumont, na edição nº 5 (BARBOSA, 2002).

A corrente modernista, mencionada anteriormente, também se refletia nas escolhas temáticas da publicação: "A revista trazia farta documentação fotográfica do Brasil [...] com os acontecimentos da semana e matérias sobre a fauna e a flora" (NETTO, 1998, p.37). Além das reportagens, abrangia enorme diversidade de assuntos. Complementando o sumário, com a presença de colunistas fixos, *O Cruzeiro* contava com o mundanismo de "Vida fútil", de Peregrino Júnior, Gilberto Trompowski, Martine Poincarré; a coluna "Modas", com correspondência enviada de Paris, mostrando com exclusividade os principais desfiles dos melhores costureiros franceses, Austregésilo de Athayde, com seus comentários políticos, e ainda seções sobre cinema, rádio e teatro (NETTO, 1998).

Prevalecia, no texto, o chamado "nariz de cera" – as longas introduções que antecediam a informação propriamente dita. O material era apresentado em um design confuso, sem unidade, em meio a muitos anúncios, matérias pagas ou sem caracterização publicitária. Paralelamente, no âmbito cultural, a revista seguia a tendência de cobrir uma grande variedade de temas julgados pertinentes na época (GAWRYSZEWSKI, 2009). "[...] acontecimentos sociais de toda ordem; moda, beleza e culinária; muito cinema americano; competições esportivas; notícias requentadas" (CARVALHO, 2001, p.63), ressaltando a presença de uma "farta cobertura da Segunda Guerra Mundial".

Enquanto David Nasser e Jean Manzon produziam grandes reportagens, o caricaturista Millôr Fernandes criava o personagem Vão Gôgo, que possuía a famosa coluna "O pif-paf" – uma das seções humorísticas mais famosas da publicação (MORAIS, 2002), que ocupava duas páginas. Seguindo o conteúdo cômico, os desenhos de Péricles eram considerados infalíveis e "sempre traziam sacadas geniais, bem como uma de 24 de novembro (de 1945):

“Como alguns pintores veriam a deposição do sr. Getulio Vargas”. Personalidades artísticas, como Da Vinci, Rafael, Rubens e Salvador Dalí mostram o ex-ditador em situações desconfortáveis, cada qual a seu estilo” (CARVALHO, 2001, p.147). Ainda no primeiro bloco da revista, vinha a ficção literária, com contos assinados. A revista publicava também novelas, muitas delas saindo posteriormente em livros.

O segundo bloco era dominado por assuntos mais femininos – obedecendo à lógica segundo a qual as mulheres leriam as revistas de trás para a frente. Incluía, além da crônica fixa de Rachel de Queiroz, chamada “Última página”, uma serie de seções, como “beleza e elegância”, “o mundo do cinema”, “de mulher para mulher”, “lar, doce lar” (NETTO, 1998).

Em 1945, a tiragem da revista chegava a 80 mil exemplares. Em sua obra *O Cruzeiro: uma revista síntese de uma época da história da imprensa brasileira*, Marialva Barbosa (2002, p.11) defende que “o prestígio atingido pela revista em meados dos anos 1940 já dava pistas do que seria a década seguinte”. Em 1951, os Associados eram uma rede de 28 jornais, cinco revistas, 19 emissoras de rádio e uma agência nacional de revistas (WAINBERG, 1997), constituindo um verdadeiro império das comunicações. Cobrindo o suicídio de Vargas, em agosto de 1954, a revista atingiu a impressionante tiragem de 720.000 exemplares – um verdadeiro recorde para a época.

2.4 O incontornável fim

Em 1959, Chateaubriand, paralítico em razão de um derrame e com suas faculdades mentais comprometidas, renunciou ao seu grande conglomerado: estava condenada à morte a revista *O Cruzeiro*. O império morria antes mesmo do seu dono: dificuldades políticas associadas ao crescimento da concorrência resultaram em problemas financeiros (MORAIS, 2002): todos os veículos pertencentes à Cadeia de Diários e Emissoras Associados entraram em declínio a partir da doença e morte de Assis Chateaubriand. Para Romanello (2009, p.88),

“as mudanças no cenário cultural do país também contribuíram para o fim da revista: a televisão avançava para tomar o lugar da principal mídia e as revistas ilustradas começavam a se enfraquecer em todo o mundo”.

Leão Godim de Oliveira, detentor da maioria das ações de *O Cruzeiro* na época, assinou o contrato de renúncia sem nem sequer ler o documento. Os novos interventores, José Velasco Portinho e Waldemar Pereira Soares, então, alegaram que a edição de *O Cruzeiro Internacional* (uma variante da revista impressa em espanhol na América do Sul) dava prejuízos e acabaram com a publicação. Após a medida, *O Cruzeiro* perdeu a força remanescente, perdendo espaço para publicações com *Manchete* (lançada em 1952) e *Diretrizes* (lançada em 1939 e se tornando semanal em 1941), de Samuel Wainer. Além disso, um novo gênero de revista que começava a emergir com força na década de 1960 – as revistas semanais de informação. Algumas iniciativas ainda foram feitas para resgatá-la, como mudança de formato e de diretores de redação, mas a publicação estava com os dias contados (NETTO, 1998).

Afundada em dívidas, foi cedida a Helio Lo Bianco, em 1974, para, em seguida, ter suas máquinas e seu parque gráfico vendidos a preço de ferro-velho. O último proprietário foi Alexandre Von Baungarten, jornalista e escritor, colaborador do Serviço Nacional de Informações (SNI) à época do regime militar implantado em 1964, e assassinado em condições misteriosas em 1982. A revista tem o seu fim oficial em 1975, após 47 anos de funcionamento.

3 REVISÃO HISTÓRICA: O DECLÍNIO DE UMA ERA

Visando a uma melhor contextualização da temática eleita, busca-se, neste capítulo, resgatar os fatos que compuseram a trajetória da Segunda Guerra Mundial e do Estado Novo, atentando para o fim de ambos os eventos em 1945. A partir das visões históricas de Cotrim (2002), Campos e Miranda (2005) e Vicentino e Dorigo (2010), objetiva-se verificar o impacto que o conflito teve não apenas na Europa, mas principalmente no Brasil. Julga-se importante, também, considerar as escolhas políticas de Vargas, que, como já vimos, muito impactaram a história da revista. Também julga-se imprescindível citar o seguinte trabalho: "Americanização no Brasil e na Alemanha: uma proposta de interpretação através dos grupos de pressão de *O Cruzeiro* e der Spiegel (1947-1952", tese de mestrado de Kellen Bammann, publicada pela PUCRS em 2011. A pesquisa é utilizada como bibliografia essencial nas últimas seções do presente capítulo.

3.1 O ano de 1945 no mundo e no Brasil

3.1.1 O fim da guerra

Primeiramente, é importante relembrar que, durante a Segunda Guerra Mundial, as forças em conflito dividiram-se em dois grupos. De um lado, os países do Eixo, que incluía a Itália, a Alemanha e o Japão. As afinidades e as pretensões expansionistas aproximaram essas nações, que formalizaram um pacto em 1940. Do outro lado, as forças Aliadas reuniram inicialmente a França e a Inglaterra e, mais tarde, a União Soviética e os Estados Unidos. Com a entrada dos norte-americanos e do Japão na guerra, o conflito assumiu proporções mundiais: poucos países permaneceram neutros, e os cenários das batalhas estenderam-se pela Europa, Ásia e África. (CAMPOS e MIRANDA, 2005). As novas formas de governo representaram uma reação nacionalista às frustrações resultantes da Primeira Guerra Mundial e um modo de fortalecer o Estado. Na Alemanha, o nazifascismo caracterizou-se por ser um movimento "essencialmente nacionalista, antidemocrático, antioperário, antiliberal e antissocialista" (VICENTINO e DORIGO, 2010, p.617).

No ano de 1941, um fato significativo mudou profundamente os rumos da guerra: rompendo acordos anteriores, Hitler invadiu a União Soviética, o que motivou a reação russa. No caso dos Estados Unidos, a decisão de entrar na guerra resultou, principalmente, do ataque dos japoneses à base militar norte-americana de Pearl Harbor, no Havaí, em dezembro de 1941. Até 1942, os exércitos alemães, apoiados por aliados húngaros, finlandeses e italianos, avançaram de modo fulminante pelo território da União Soviética, aniquilando cerca de um terço do seu exército, dando início a um período de invencibilidade alemã (COTRIM, 2002).

A partir de 1941, o governo brasileiro começou a fazer acordos internacionais para apoiar os Aliados. Comprometeu-se a fornecer borracha e minério de ferro para os combatentes e permitiu que os militares norte-americanos fossem enviados para bases militares instaladas no nordeste brasileiro. A Alemanha, porém, logo reagiu à cooperação brasileira: entre fevereiro e agosto de 1942, submarinos alemães torpedearam e afundaram nove navios brasileiros, matando mais de 600 pessoas. A agressão militar nazista provocou indignação nacional levando multidões a reunirem-se em várias capitais, pedindo guerra e vingança contra os alemães (COTRIM, 2002). Naquela época, o Brasil atravessava um momento de turbulência, abrindo espaço para que o sentimento de nacionalidade fosse reforçado. Em 31 de agosto de 1942, o governo brasileiro declarou guerra às potências do Eixo. Além de uma nota emitida pelo DIP, que explicava a nova política em relação às nações agressoras – Alemanha de Hitler e a Itália de Mussolini –, o Ministro da Guerra, o general Eurico Gaspar Dutra, também fez uma proclamação ao Exército, conclamando sentimentos como obediência, dignidade e honra (Imprensa Nacional Rio de Janeiro, 1944). Em 1944,

partiram para lutar na Itália as primeiras tropas da Força Expedicionária Brasileira (FEB), comandadas pelo general Mascarenhas de Morais. Mais de 25 mil soldados foram enviados à Itália e participaram de batalhas, como as de Monte Castello, Castelnuovo, Collechio e Fornovo (COTRIM, 2002).

> O irrompimento da Segunda Guerra Mundial teria um reflexo muito profundo no Brasil: na fase inicial, de avanço vitorioso e irresistível das forças nazistas, fascistas e nipônicas, esses reflexos foram no sentido de fortalecer o regime totalitários aqui dominante; o Brasil adotou posição neutra, o noticiário da imprensa e do rádio mostrava isso; a partir da entrada dos Estados Unidos, no conflito, em 1941, aqueles reflexos se fizeram em sentido oposto; a entrada do Brasil na Guerra, no segundo semestre de 1942, foi realmente a consolidação dessa mudança: o Estado Novo começou a deteriorar-se rapidamente. No decorrer dessa evolução, a imprensa teve condições para desafogar progressivamente as suas manifestações (SODRÉ, 1966, p.441).

Enquanto isso, alguns fatos foram contribuindo para o fim da guerra em 1945. No ano de 1943, três batalhas decisivas – Midway, Stalingrado e El-Alamein – provocaram uma reviravolta (CAMPOS e MIRANDA, 2005). A ofensiva alemã sobre a cidade de Stalingrado, no final de 1942, a batalha dentro da cidade e a contraofensiva soviética que cercou e destruiu um Exército alemão e outras forças do Eixo levaram à segunda derrota em larga escala da Alemanha nazista na Segunda Guerra: a partir daí, a ofensiva passou totalmente para as mãos dos soviéticos.

> A luta nazista contra os soviéticos na Batalha de Stalingrado, ao fim de alguns meses, levou ao aniquilamento da ofensiva alemã e à inversão da situação da guerra [...]. Formava-se a primeira frente de luta dos Aliados, que marcharia pouco a pouco em direção a Berlim. [...] Em setembro de 1943, depois de o rei italiano demitir o primeiro-ministro Mussolini, a Itália se rendeu e, no mês seguinte, declarou guerra à Alemanha (VICENTINO e DORIGO, 2010, P. 648).

Em 06 de junho de 1944 – o dia D – os Aliados desembarcaram na Normandia, na França. Em fins de junho, após a marcha pelo interior e a conquista das praias, os Aliados haviam consolidado a sua posição na França – até então ocupada pelo Exército alemão – com 1,5 milhão de homens (CAMPOS e MIRANDA, 2005). Em 25 de abril de 1945, a cidade de Berlim estava totalmente cercada. Em 30 de abril, Hitler comete suicídio. No dia 08 de maio de 1945, deu-se a completa rendição da Alemanha, sendo considerado o Dia da Vitória na Europa (COTRIM, 2002). No Extremo Oriente, porém, a guerra prosseguiu por mais quatro meses, até a rendição japonesa em 2 de setembro de 1945. As forças armadas dos Estados Unidos, que desde o ataque a Pearl Harbor vinham combatendo os japoneses, desferiram o golpe definitivo em agosto de 1945: em uma tentativa de demonstrar o seu poderio militar ao

mundo, explodiram duas bombas atômicas em território japonês. A primeira, na cidade de Hiroshima, no dia 06 de agosto, e a segunda, em Nagasaki, três dias depois. Nas duas cidades morreram, instantaneamente, cerca de 160 mil pessoas.

Assim,

> a Segunda Guerra Mundial foi a mais destrutiva da História. As estimativas do número de mortos atingiram os 50 milhões, incluindo 20 milhões de russos, que sacrificaram, em população e recursos materiais, mais do que os outros participantes. Houve uma massiva migração de povos, sem paralelo na história europeia moderna (CAMPOS e MIRANDA, 2005).

A partir de 1945, surgiram no cenário internacional dois grandes blocos de países, divididos ideologicamente em capitalistas e socialistas sob a liderança de duas superpotências – os Estados Unidos e a União Soviética (COTRIM, 2002). Em fevereiro, antes da rendição oficial da Alemanha na Segunda Guerra, os representantes das três principais potências vitoriosas – Churchill (Inglaterra), Roosevelt (Estados Unidos) e Stalin (União Soviética) – reuniram-se na Ucrânia para estabelecer os rumos da política internacional no pós-guerra (CAMPOS e MIRANDA, 2005). Apesar de Harry Truman, presidente norte-americano na época, ter declarado que a bomba atômica foi utilizada para apressar a rendição japonesa, muitos analistas apontam o crime de guerra como uma forma de intimidação ao governo da União Soviética. Dessa forma, os Estados Unidos marcariam a sua força política, tendo em vista a nova ordem internacional do pós-guerra (COTRIM, 2002). Com o fim da Segunda Guerra, abria-se amplo horizonte à liberdade de pensamento; cada vez mais se verificava, porém, na prática, que tal liberdade era meramente teórica: só grandes capitais poderiam montar grandes empresas, como os jornais (SODRÉ, 1966).

3.1.2 O fim do Estado Novo

Enquanto a Europa lutava contra o nazifascismo na Europa, os grupos liberais brasileiros aproveitavam para combater o “fascismo interno” do Estado Novo (COTRIM, 2002). “O totalitarismo, enfim, definhava na Europa. Cedo ou tarde, no Brasil, Getulio teria

que aceitar a transição para um regime democrático e representativo" (LIRA NETO, 2013, p.244). A maioria dos jornais tomou o partido dos países que combatiam o nazifascismo: a propósito do que ocorria no exterior, as críticas visavam o que acontecia no próprio Brasil (SODRÉ, 1966).

O regime no Brasil tinha como ponto de partida a Constituição "Polaca" – redigida às pressas e parcialmente inspirada nas constituições fascistas da Itália e da Polônia. A centralização política, o fortalecimento do poder do presidente, a extinção do Legislativo, a indicação dos governadores (interventores) e a legislação trabalhista eram algumas das características da "Polaca". O principal meio de fortalecimento do poder do Estado foi a aproximação de Vargas dos trabalhadores urbanos, configurando a prática populista. A partir da introdução do salário-mínimo – que passou a vigorar em 1940 –, o presidente ganhou a alcunha de "pai de todos os pobres" (VICENTINO e DORIGO, 2010).

Mas o Estado Populista teria de se adaptar à democracia representativa e os compromissos entre os diversos grupos sociais teriam de ser atualizados (CAMPOS e MIRANDA, 2005). Vargas decidiu antecipar-se aos adversários e procurou liderar a abertura democrática.

> Em fevereiro de 1945, fixou prazo para a eleição presidencial, concedeu anistia ampla a todos os condenados políticos e libertou os comunistas presos, entre os quais o líder Luis Carlos Prestes. As eleições presidenciais foram marcadas para o dia 02 de dezembro, com a presença dos renascidos partidos políticos. No decorrer da campanha eleitoral, Vargas fazia um jogo político contraditório: aparentemente apoiava o general Eurico Gaspar Dutra, mas estimulava um movimento popular que pedia sua permanência no poder – era o queremismo, palavra derivada dos gritos de "Queremos Getulio" (COTRIM, 2002, p.492).

A transição democrática, no entanto, ainda era incerta. Vargas prometia a democracia e afirmava que não concorreria à presidência nas eleições marcadas para dezembro de 1945. No entanto, as suas declarações eram vistas com desconfiança: "Lembrai-vos de 37" – esse era o slogan da forte campanha oposicionista da UDN. Como naquela ocasião, temia-se um golpe de Getulio e, por isto, a oposição tentaria antecipar-se ao ditador (CAMPOS e MIRANDA, 2005).

Lira Neto (2013) relata a urgência que vinha se tornando evidente até mesmo pelos militares: a ampla maioria dos oficiais concordava que não fazia mais sentido a manutenção da ditadura ante o triunfo inexorável da democracia sobre as potências do Eixo.

> Se em 1945 o Brasil era outro, bem diverso daquele de 1930, Getulio a essa altura também não era exatamente o mesmo homem, embora tenha permanecido um personagem singular, permeado por fascinantes contradições. [...] Em quinze anos de governo, com exceção de um breve interlúdio [...], comandou o Brasil como ditador nacionalista – autoritário e sorridente -, que assinava e rasgava Constituições sem nenhum constrangimento, um homem a um só tempo amigo do povo e aliado dos interesses industriais (LIRA NETO, 2013, p.491).

Em 29 de outubro de 1945, tropas do exército lideradas pelos generais Góis Monteiro e Eurico Gaspar Dutra cercaram a sede do governo e obrigaram Vargas a renunciar: "era o fim do Estado Novo" (COTRIM, 2002, p.493). A presidência da república foi entregue, então, temporariamente a José Linhares, presidente do Supremo Tribunal Federal. Vargas retirou-se para a sua fazenda, em São Borja, no Rio Grande do Sul. Com o apoio do ex-presidente, o general Dutra venceu as eleições presidenciais.

3.1.3 A sociedade da época

Para melhor compreender quem era, afinal, o público leitor ao qual se destinava a revista *O Cruzeiro*, é de suma importância tentar compreender o legado social da era Vargas, além de considerar os aspectos de uma sociedade profundamente tocada pela guerra.

Vicentino e Dorigo (2010) definem a figura de Vargas como polêmica, considerando-o fundamental para se entender o século XX no Brasil. Isso não se deve apenas a suas realizações políticas, mas principalmente ao processo de construção pública de sua pessoa como um líder paternalista, pacificador das relações sociais, "Pai dos Pobres" e defensor intransigente dos interesses nacionais.

Porém, a legitimação do regime era buscada por meio da ideia de que entre o presidente e as massas trabalhadoras não deveria haver nenhuma intermediação (o que implicava dissolução do Congresso e abolição dos partidos políticos). Assim, em 1939, com o objetivo de garantir tal proximidade, foi criado, como já vimos anteriormente, o Departamento de Imprensa e Propaganda (DIP), responsável por controlar os meios de comunicação e promover a propaganda do regime. A maioria da população foi influenciada

pela promoção de manifestações cívicas, como concursos musicais, filmes nacionais e o programa Hora do Brasil, que desde 1934 era irradiado para todo o país por todas as emissoras de rádio entre 19h e 20h. (CAMPOS e MIRANDA, 2005).

Com o golpe de 1937 e a instauração da ditadura do Estado Novo, consolidou-se a ideologia trabalhista e completou-se o controle sobre as atividades sindicais. Além de prender diversos dirigentes anarquistas, socialistas e comunistas, o governo fez dos sindicatos meros departamentos do Ministério do Trabalho, com funções assistenciais e recreativas. Em vez de greves e manifestações reivindicatórias, os sindicatos organizavam festas, grêmios esportivos e colônias de férias para seus associados. “Graças a uma intensa propaganda, o trabalhismo ganhou os corações e as mentes da população brasileira”. (CAMPOS e MIRANDA, 2005, p.489). Essas inovações das práticas políticas devem ser creditadas tanto à sensibilidade pessoal de Getulio quanto às condições gerais que cercaram o Brasil pós-1930. O “vazio do poder” e a instabilidade verificada nos primeiros anos do período foram solucionados com o crescente fortalecimento do poder de Getulio Vargas. Clientes de suas doações e benefícios, elas eram controladas a partir de duras medidas repressivas e pelo prestígio de seu líder, que imobilizava as iniciativas autônomas: a legitimação junto às massas conferia poder e estabilidade ao Estado Novo (CAMPOS e MIRANDA, 2005).

Durante o longo tempo em que Getulio permaneceu à frente dos destinos da nação, o país sofreu transformações significativas – políticas, econômicas e sociais. De nação essencialmente agrária e semicolonial, o Brasil iniciara um processo de industrialização crescente, que se intensificaria nos decênios seguintes. Em uma década e meia de ditadura, a emergência de uma sociedade urbana de massas – outro fruto da chamada Era Vargas – ajudou a moldar também o indivíduo Getulio (LIRA NETO, 2013). A demagogia havia se transformado em prática política corriqueira: para conquistar o voto das populações, principalmente urbanas, os políticos empenhavam-se em explorar a emotividade (VICENTINO e DORIGO, 2010).

No âmbito internacional, o período democrático que se iniciava foi marcado pela Guerra Fria. A Segunda Guerra Mundial havia gerado uma redução das importações brasileiras, mas, com o fim da guerra e a desmobilização militar mundial, a indústria, principalmente norte-americana, voltava a produzir bens de consumo em larga escala e procurava mercado para esses produtos. O Brasil passaria a receber um grande volume de importações dos Estados Unidos – tratavam-se de produtos de consumo não duráveis,

especialmente têxteis e alimentícios (VICENTINO e DORIGO, 2010). Em 1944, em plena Segunda Guerra Mundial, a empresa de eletrodomésticos Walita lançou o primeiro liquidificador no Brasil. Esse foi um dos marcos da "revolução consumista", que desde os anos 1920 já estava mudando radicalmente o modo de vida nos Estados Unidos.

> Quando exportaram sua tecnologia, os Estados Unidos propagaram também um certo estilo de vida. O Brasil também recebeu em cheio o impacto da revolução tecnológica americana, em todos os sentidos possíveis e imagináveis. A classe média, principalmente, adotou o sonho do carro na garagem e consumia a fantasia vendida por Hollywood (ARBEX JR apud CAMPOS e MIRANDA, 2005, p.533).

3.2 Cenário midiático da época

No Brasil dos anos 1940, o clube da imprensa era extremamente restrito, franqueado a umas poucas famílias eleitas. No Rio Grande do Sul, reinava o *Correio do Povo*, comandado pelo jovem Breno Caldas. No Paraná e em Santa Catarina, como em quase todos os outros estados, não havia jornais importantes. Em São Paulo, o "*Estadão*", da família Mesquita, já era hegemônico, embora também tivessem influência *A Gazeta*, porta-voz do Partido Democrático, controlado pelo grupo de Francisco Morato. No Nordeste e no Norte, só tinham algum peso *A Tarde*, da Bahia, pertencente à família Simões, o *Jornal do Commercio*, de Pernambuco, controlado pelos Pessoa de Queiroz, e *O Liberal* do Pará. Mas as grandes publicações brasileiras, como *O Cruzeiro*, eram editadas no Rio de Janeiro (WAINER, 1987).

> Àquela altura, Assis Chateaubriand era o dono de uma cadeia que incluía cerca de vinte jornais e várias emissoras de rádio. Poucos desses jornais alcançavam grande circulação – *O Jornal*, por exemplo, tinha uma tiragem diária de 9000 exemplares. Mas a força dos Associados era enorme e Chateaubriand sabia como poucos usá-la em proveito próprio. [...] paraibano baixinho, elétrico, que representava uma espécie de versão cabocla do "cidadão Kane" retratado no famoso filme de Orson Welles [...] um homem com agudo faro jornalístico e talentoso em várias coisas, entre as quais ser influente e ganhar dinheiro (WAINER, 1987, p.101-102)

Para Sodré (1966), o processo de redemocratização do país, iniciados sob um clima de "liberdade reinante", seria violentamente truncado com o golpe militar de 29 de outubro de 1945, que depôs Vargas. Acentuando-se desde 1930/1940, a concentração da imprensa era tão marcante, em sua segunda metade que, tendo desaparecido numerosos jornais e revistas, poucos novos apareceram. Assim, "as revistas que haviam marcado sua posição, algumas desde o início do século, desapareceram todas: *Careta*, *Fon-Fon*, *Ilustração Brasileira*, *O Malho*, *O Tico-tico*, *Eu Sei Tudo*, *Revista da Semana* e mesmo as posteriores, como *A Noite Ilustrada*, *Carioca*, *Vamos Ler*, *Vida Nova*. Mantinha-se *O Cruzeiro* [...]" (SODRÉ, 1966, p.446).

3.3 Americanização refletida

No Brasil, existe uma extensa historiografia responsável por estudar os anos do pós-guerra e atenta aos aspectos oficiais da presença dos Estados Unidos no país. É possível inferir, após uma análise dos desdobramentos do fim do conflito, que os acordos econômicos e diplomáticos no decorrer da Primeira e Segunda Guerra Mundial acabaram por levar a um processo de americanização como consequência da dependência econômica do Brasil aos Estados Unidos (BAMMANN, 2011). Nos anos de guerra, se a imprensa estava censurada, o esforço para "imprimir" práticas culturais "americanizadas" garantia a formação de imaginários da "boa vizinhança" (FÁVERI, 2002).

> Justamente durante a ditadura do Estado Novo – período da História do Brasil mais associado aos modelos totalitários europeus -, nasceu e disseminou-se a influência norte-americana por aqui. Segundo Tota, "o fetiche dos gadgets, os filmes de Hollywood atuaram como tropa de vanguarda que prepara uma invasão". [...] ocorreu durante a guerra, que abriu a oportunidade de alardear o sucesso e a "superioridade" da industrialização norte-americana (MARTES, 2001, p.79).

A teoria de Antonio Pedro Tota, historiador brasileiro e autor da obra "O Imperialismo sedutor" (2001), dialoga com as interpretações de Noam Chomsky sobre o interesse dos

Estados Unidos na América Latina e, em especial, no Brasil. Para Chomsky, a política do pós-guerra foi consolidar um sistema global que pudesse servir aos Estados Unidos, garantindo tanto seu acesso aos mercados produtores de matérias-primas, quanto aos interesses da economia privada em mercados consumidores para os produtos estadunidenses. Ao reconhecer a americanização no Brasil como parte do projeto estadunidense na busca de mercados, Tota estabelece uma relação com Chomsky ao mesmo tempo em que se aproxima da historiografia brasileira tradicional (BAMMANN, 2011).

Desta forma, sendo a revista *O Cruzeiro* uma publicação, como já visto anteriormente, autoproclamada moderna e estando sempre atenta às mudanças de comportamento de uma sociedade complexa em transição, "*O Cruzeiro* acompanhou 'as transformações sociais por que passou o país e instigaram a produção editorial a reciclar para atender aos novos perfis de leitores'" (BAHIA apud BAMMAN, 2011, p.45). Desta forma, Meyrer (2011) também afirma que a linha editorial da revista se preocupava com a construção de uma modernidade pautada pelo modelo de sociedade norte-americana através da divulgação de sua indústria cultural nas reportagens sobre a indústria cinematográfica e publicidade (responsável por veicular padrão de comportamento externo), a mesma também defendia o desenvolvimento nacional e a necessidade de superação do atraso – superação essa relacionada ao progresso estadunidense – seguindo a argumentação dos setores liberais e antinacionalistas. Essas posições eram, em geral, as mesmas atribuídas a Assis Chateaubriand em seus discursos políticos.

É importante ponderar aqui que, enquanto diversos autores julgam que a americanização da sociedade brasileira foi refletida na imprensa da época, outras explicações enveredam por outro caminho. Marlene de Fáveri, por exemplo, afirma que a sociedade foi influenciada – mais do que apenas refletida – pela imprensa da época, lembrando da criação de Walt Disney: o personagem Zé Carioca teria sido construído para receber Pato Donald e, assim, simbolizar a estreita amizade entre os dois países. Todos os setores da sociedade, o governo e os intelectuais projetavam uma determinada cultura nacional.

> Não há dúvidas de que a imprensa falada e escrita, bem como o cinema, influenciaram práticas culturais no Estado Novo e mais ainda depois da entrada do país na guerra. [...] a imprensa foi largamente utilizada no sentido de construir imagens de inimigos ou amigos, servindo como instrumento mobilizador no controle das práticas costumeiras (...) Nos regimes onde as políticas de massas ("populismos") alicerçaram-se no poder, a imprensa foi o baluarte para a produção de imaginários sociais (FÁVERI, 2002, p.45-46).

Naquele período, o uso da imagem de Carmem Miranda, imortalizando as “bananas” aos “amigos do norte”, também foi bastante explorada. *O Cruzeiro* acompanhou o sucesso da cantora, dedicando editoriais e capas à estrela brasileira.

3.4 Considerações acerca do conteúdo da revista

Após essa breve revisão histórica acerca de fatos relevantes ocorridos durante o ano de 1945 e feito um apanhado da trajetória de *O Cruzeiro*, consideramos de extrema importância realizar uma reflexão sobre o conteúdo da revista na época, e como esse conteúdo foi afetado pelas questões econômicas, sociais e políticas supracitadas.

Para Gawryszewski (2009), é necessário trabalhar simultaneamente com a abordagem de múltiplas perspectivas que se enredam na história da revista. Assim, é fundamental considerar a perenidade do periódico, bem como as mudanças técnicas – que dizem respeito ao maquinário disponível, à adoção de novos padrões editoriais e estilos fotográficos ocorridos ao longo das quase cinco décadas em que circulou. O poder e a influência de seu proprietário, Assis Chateaubriand, também devem ser outros aspectos a serem considerados.

Jacques Wainberg (1997) questiona o objetivo mercadológico da revista e coloca no centro de sua análise a postura ideológica do semanário. Segundo o autor, *O Cruzeiro*, como parte de um conglomerado de meios de comunicação, sob o controle de Assis Chateaubriand, passa a ser uma extensão de seus interesses, de suas ideias e projetos, ideologia e desejos. Como todo empresário, Chateaubriand estava ora ligado ao governo, ora publicando críticas a este. A relação do empresário com Vargas, como já ficou evidenciado, dava-se de forma ambígua. Glauco Carneiro (1999) ressalta que, durante a década de 1940, o fundador dos Diários Associados não veria problema em receber uma solicitação e mandar um dos seus repórteres, como Samuel Wainer, realizar uma matéria paga: uma vez que o tema, a personalidade e o repórter se prestavam ao tipo de publicidade editorial por ele reconhecida. Enquanto Wainer escreveu em suas memórias que aquilo era parte de uma “generalizada

corrupção" dos Diários Associados da época, Carneiro defende que a realização de matérias do tipo era comum naquele período e, com o tempo, iria generalizar-se também em jornais e outras revistas.

O público leitor de *O Cruzeiro* era composto pelas camadas altas e médias da sociedade brasileira. A caracterização leva em consideração o preço do periódico, inacessível para as camadas mais populares, e o conteúdo em geral. As matérias se dirigiam ao grupo social de maior poder aquisitivo, que poderiam usufruir de espaços de lazer divulgados pela revista, por exemplo, ou comprar produtos nela anunciados. É possível inferir tal afirmação a partir da reprodução de um anúncio que visava convencer os anunciantes a investirem em suas páginas: "Alie a eficiência de seu anúncio a escolha do veículo mais adequado – pois os leitores de *O Cruzeiro* representam o maior conjunto humano, de melhor nível do país" (MEYER apud BAMMANN, 2011, p.40). Romanello (2009) lembra que a profusão de fotografias coloridas e desenhos eram acompanhados de textos cuidadosamente redigidos para serem lidos com rapidez e facilmente compreendidos.

Segundo Wainberg (1997), a autonomia dos repórteres e editores do semanário também ficou restrita às vontades políticas e humores de seu proprietário. Na edição do periódico, jornalistas, editores e diretores não possuíam qualquer autonomia para escrever e publicar matérias e opiniões, frutos de suas escolhas pessoais ou do grupo. Barbosa (2002) considera que os editores (*gatekeepers*) da revista publicavam somente reportagens, artigos e textos literários com um alto grau de noticiabilidade. Ela discorda de Wainberg, argumentando que os repórteres tinham liberdade para indicar pautas e desenvolvê-las, lembrando que o que mais se praticava na revista era a união entre redatores das matérias e um fotógrafo, como fora feito com a dupla David Nasser e Jean Manzon.

> As reuniões de pauta eram semanais, cada repórter ou fotógrafo escolhia as reportagens de acordo com sua área de interesse. Dentro desse sistema temos que o fotógrafo Luís Carlos Barreto, hoje produtor de cinema, especializara-se em futebol, Indalécio Wanderley em concurso e vida de "miss" e Flavio Damm em reportagem sobre o sertão e crimes (BARBOSA, 2002, p.10).

Cada exemplar de *O Cruzeiro* era aberto com um espaço dedicado a um grande nome literário, como Humberto de Campos, Jorge Amado, Erico Verissimo, Manuel Bandeira ou Graciliano Ramos, entre muitos outros. Imediatamente depois – em geral, na terceira página, um resumo dos acontecimentos da semana, com muita inteligência e humor. Ainda nesse bloco havia também a maior reportagem da edição, invariavelmente um assunto de grande

interesse, quase sempre escrita por Nasser e com fotografias de Manzon. *O Cruzeiro* tinha também cerca de 50% de seu espaço dedicado ao humor (NETTO, 1998).

Enquanto a população era afetada pelas mudanças sociais promovidas pelo Estado Novo, a imprensa também vivenciava mudanças. O gênero de caricatura política refletiu a consolidação do regime (SODRÉ, 1966).

> Belmonte enfrentou a censura do Estado Novo com dignidade e coragem, até que foi obrigado também a se voltar para a temática internacional, tão crítica quanto a que fazia correntemente, mas com menos censura. Estas charges tiveram reconhecimento de fora do país. Um dos políticos mais caricaturados por Belmonte foi o chefe de propaganda e subordinado íntimo de Hitler, Goebbels. Conta-se que, ao ver os desenhos de Belmonte que lá chegavam, teria dito que nosso artista estava a serviço dos Estados Unidos e Inglaterra, ou seja, receberia dinheiro para produzir aqueles desenhos. (ROMANELLO apud GAWRISZEWSKI, 2010, p.39).

Com o fim do regime, a caricatura foi lentamente libertada e, aos poucos, recompondo sua feição. Nisso se distinguiu particularmente Belmonte, cujo calunga Juca Pato buscava o expressar o sentimento popular e cuja campanha contra o totalitarismo externo teve grande alcance (SODRÉ, 1966).

Augusto Rodrigues foi outro genial artista plástico a figurar nas páginas da revista. Pintor, caricaturista, chargista, educador – além de reportagens, fez muitas ilustrações. Como tantos outros desenhistas, no período do Estado Novo partiu para charges e caricaturas de costumes ou que tratavam de tema internacional. Ao travar uma luta contra o nazifascismo internacional, sabia que combatia o regime totalitário de Vargas. Antônio Gabriel Nássara, caricaturista, produziu inúmeras caricaturas de artistas e políticos brasileiros e estrangeiros e tinha seção intitulada Caricaturas de Nássara. O chargista produziu, ainda, a série Minha Luta, onde satirizava a figura de Hitler utilizando o título do livro do ditador. De 24 de julho a 02 de outubro de 1943, o leitor da revista pôde aproveitar o seu humor destruidor. As críticas eram, especialmente, dirigidas a Mussolini, a quem chamava de rinoceronte e responsabilizava pelas dificuldades encontradas pela Alemanha na guerra em função de seus atos estratégicos fracassados. Na primeira imagem publicada, em 24 de julho, Hitler escreve que copiou de Chaplin o bigodinho e de Napoleão, a mão dentro da casaca: de um lado ridiculariza o ditador e conta uma parte da História, na visão do artista (ROMANELLO, 2009).

Nos anos 1950, enfim, *O Cruzeiro* podia ser definida como uma revista “que tinha de tudo para todos”. Sua concepção gráfica e editorial chegara quase à perfeição, podendo ser

comparada às melhores revistas do mundo. Mas seu feitio era *sui-generis*, por uma característica original, que era a de não ter princípio nem fim: ou seja, podia ser lida a partir de qualquer página, inclusive da última (NETTO, 1998). A importância da revista no decorrer pode ser mensurada pelos leitores que chegavam a colecionar as edições, acreditando guardar em suas casas um pedaço da história do país e do mundo, "uma vez que os editores e fotógrafos de *O Cruzeiro* produziam no leitor a sensação de contar 'A verdade' dos fatos, e não apenas uma versão – entre as muitas possíveis – sobre eles" (ROMANELLO, 2009, p.16).

4 A COBERTURA JORNALÍSTICA EM 1945

4.1 Sobre a metodologia

Sendo o objetivo geral da presente pesquisa a análise de 31 exemplares da revista *O Cruzeiro* publicadas no período de junho a dezembro de 1945, será adotada como metodologia a Análise de Conteúdo (AC). Optamos por tal método uma vez que pretendemos realizar uma análise quantitativa – verificar com qual frequência surge a temática da Segunda Guerra Mundial dentre as 31 publicações disponíveis – e qualitativa – analisar como efetivamente se deu tal cobertura.

Tomada como base a obra de Laurence Bardin – publicada, pela primeira vez, em 1977 –, somos remetidos a um apanhado histórico que envolve a Análise de Conteúdo. Segundo a autora, é interessante observar que no período da Segunda Guerra Mundial, justamente o foco do presente trabalho, um fenômeno surgiu nos Estados Unidos. Naquela época,

> os departamentos de ciências políticas ocuparam um lugar de destaque no desenvolvimento da análise de conteúdo. Os problemas levantados pela Segunda Guerra Mundial acentuaram o fenômeno. Durante este período, 25% dos estudos empíricos que relevam a técnica de análise do conteúdo pertencem à investigação política (BARDIN, 2011, p.22).

Ainda no que tange ao período que compreende o final dos anos 1940-1950, Bardin cita as regras de análise elaboradas por Berelson. O teórico, que lançou sua obra em 1948, resume bem as preocupações epistemológicas do período: “A análise de conteúdo é uma técnica de investigação que tem por finalidade a descrição objetiva, sistemática e quantitativa do conteúdo manifesto da comunicação” (BERELSON apud BARDIN, 2011, p.24). Bardin complementa a célebre definição, ressaltando que, até os anos de 1973-74, na França, continuou-se a obedecer rigidamente o modelo berelsoniano. Após meados dos anos 1970, a Análise de Conteúdo é diretamente afetada pela tecnologia em rápida ascensão e pela proliferação dos computadores pessoais (BARDIN, 2011).

A Análise de Conteúdo, porém, tem a necessidade de complementos para melhor definir a sua técnica. Bardin nos apresenta a metáfora do analista representado por um arqueólogo: ambos trabalham com vestígios. Sendo a descrição a primeira etapa necessária e a interpretação a última fase, a inferência seria o procedimento intermediário – permitindo deduções lógicas a partir de um conhecimento prévio sobre o emissor da mensagem. “Os pesquisadores que utilizam a análise de conteúdo são como detetives em busca de pistas que desvendem os significados aparentes e/ou implícitos dos signos e das narrativas jornalísticas, expondo tendências, conflitos, interesses [...] presentes nos materiais examinados” (HERSCOVITZ apud LAGO e BENETTI, 2008, p.127).

Após definirmos o ano de 1945 como o período de análise – por ser um ano de profundas transformações político-sociais no Brasil –, optamos por trazer o enfoque para o segundo semestre, visando respeitar o critério de exaustividade de Bardin, limitando a pesquisa a 31 exemplares. Desta forma, nos deparamos com cinco edições em junho (dos dias 02, 09, 16, 23 e 30), quatro em julho (dos dias 07, 14, 21 e 28), quatro em agosto (dos dias 04, 11, 18 e 25), cinco em setembro (dos dias 01, 08, 15, 22 e 29), quatro em outubro (dos dias 06, 13, 20 e 27), quatro em novembro (dos dias 03, 10, 17 e 24) e cinco em dezembro (dos dias 01, 08, 15, 22 e 29). O material utilizado é parte do acervo do Museu de Comunicação Hipólito da Costa, em Porto Alegre, e do Museu de Arte de São Paulo Assis Chateaubriand (MASP).

Respeitando a regra da exaustividade, que prima pela análise de todos os documentos considerados relevantes à pesquisa – sem deixar de incluir algum por dificuldade de acesso (FONSECA JR. apud DUARTE e BARROS, 2009) –, buscamos contornar um obstáculo encontrado durante o levantamento para constituição do *corpus*: frente à falta de quatro

exemplares de *O Cruzeiro* no acervo do Museu Hipólito – e após uma intensa procura frustrada por tais exemplares em Porto Alegre –, contatamos o MASP, na cidade de São Paulo. A instituição possui uma das maiores hemerotecas do país e tem em seu acervo edições encadernadas da revista *O Cruzeiro* do período de 1928 até 1970. A pesquisa. se deu na biblioteca do local, nos sendo disponibilizadas as seguintes edições: 07/07/1945, 11/08/1945, 08/09/1945 e 22/12/1945, faltantes no Museu Hipólito da Costa. Após a análise, nos foram gentilmente digitalizadas as unidades de registro selecionadas.

Para uma maior efetividade da pesquisa, Bardin (2011) sugere que dividamos o método em três etapas, sendo elas a pré-análise, a exploração do material e o tratamento dos resultados, incluindo a inferência e a interpretação. A primeira é a fase de organização propriamente dita, contendo três missões: a escolha dos documentos a serem submetidos à análise, a formulação das hipóteses e dos objetivos e a elaboração dos indicadores que fundamentem a interpretação final. Tais processos, lembra a autora, não ocorrem necessariamente em uma ordem cronológica, estando, porém, intimamente ligados. Após uma leitura "flutuante", que consiste em um contato inicial com os documentos a serem analisados, é realizada a escolha efetiva do *corpus*.

Temos, então, a fase da exploração do material: trata-se da análise propriamente dita. Consiste em operações de codificação, decomposição ou enumeração. O analista pode, tendo resultados significativos e fiéis, propor inferências e adiantar interpretações acerca dos objetivos previstos. Herscovitz (2008) lembra que o processo de codificação envolve várias decisões, entre as quais a especificação das categorias e os níveis de mediação. Cada categoria nominal ou ordinal terá uma definição com seus indicadores, dimensões e atributos descritos de forma sucinta.

Já as regras de enumeração se referem ao modo de quantificação das unidades de registro que levarão ao estabelecimento de índices. Tradicionalmente, é possível encontrar três índices nas pesquisas sobre as comunicações de massa: (a) a frequência com que aparece um símbolo, ideia ou tema; (b) o equilíbrio na quantidade de atributos favoráveis e desfavoráveis de um símbolo, ideia ou tema; (c) a quantidade de associações e de classificações manifestadas sobre um símbolo, ideia ou tema – que pode ser interpretada como uma medida de intensidade/força de uma crença, convicção ou motivação (DUARTE e BARROS, 2009).

4.2 Referencial teórico

Durante a revisão da evolução histórica de *O Cruzeiro*, percebemos a influência que Assis Chateaubriand, enquanto dono de um conglomerado comunicacional e de enorme poder econômico-político no contexto brasileiro de 1945, teve sobre o conteúdo publicado pela revista. Atentando para tal fato, e visando melhor compreender quais elementos jornalísticos permearam as escolhas de conteúdo da publicação, utilizamos as referências de Nelson Traquina (2003) e Warren Breed (1955) acerca da teoria organizacional, considerando o jornalismo enquanto prática e instituição social.

Nelson Traquina (2003) defende que, ao longo de várias décadas, e depois de muitos estudos realizados sobre o jornalismo, é possível esboçar a existência de várias correntes teóricas que tentariam responder à pergunta: por que as notícias são como são? Estas teorias, pondera o autor, não se excluem mutuamente, não sendo "puras" ou necessariamente independentes umas das outras. Sobre o jornalismo como prática, Kovach e Rosenstiel (2004) defendem que, na medida em que a imprensa moderna começou a se formar, com o surgimento da teoria democrática, a promessa de veracidade e precisão logo se tornou uma parte poderosa até mesmo das primeiras tentativas de marketing do jornalismo. O mais incipiente jornalismo colonial era uma mistura estranha de ensaios e fatos, mas, ao livrar-se do controle político no século XIX, o jornalismo procurou seu primeiro grande público com base no crime, no escândalo, nas emoções fortes e no endeusamento das celebridades.

Traquina nos conduz à teoria organizacional, na qual "a ênfase está num processo de socialização organizacional em que é sublinhada a importância duma cultura organizacional e não uma cultural profissional" (TRAQUINA, 2003, p.72). Foi em uma revista chamada *Forças Sociais* que Warren Breed publicou o primeiro estudo que gerou a teoria. Em seu pioneiro estudo científico, Breed busca compreender melhor o processo do jornalismo enquanto prática. Baseado em sua própria experiência, o autor defende que existe um código de ética dentro das reações e que certas regras existem e regem o comportamento dos jornalistas, bem como suas escolhas. Esta é a chamada "socialização" da redação.

Para Traquina (2003), tal teoria alarga a perspectiva teórica, indo de um âmbito individual a um nível mais vasto: a organização jornalística. No seu estudo intitulado "Controle social da redação: uma análise funcional", Breed insere o jornalista no seu contexto mais imediato, a organização para a qual trabalha. Seria possível inferir que o jornalista conforma-se mais com as normas editoriais da política editorial da organização do que com quaisquer crenças pessoais que tivesse trazido consigo.

> As notícias são um valor máximo; o seu trabalho de 24 horas; as notícias são um desafio constante. Assim, o jornalista investe na realização desse objetivo: obter mais notícias e não contestar a política editorial da empresa. É preciso ir em busca das notícias; é preciso vencer a hora do fechamento; assim a harmonia entre os jornalistas e a direção é cimentada pelos seus interesses comuns pela notícia (TRAQUINA, 2003, p.74).

Assim, na teoria organizacional, a ênfase está num processo de socialização em que é sublinhada a importância de uma *cultura organizacional*, e não uma *cultura profissional*. Breed identifica seis fatores que promovem o conformismo com a política editorial da organização: (1) A autoridade institucional e as sanções – para o autor, é verdadeiro o fato de os jornalistas ainda recearem as punições, uma vez que a chefia tem o poder de decidir quem irá fazer a cobertura de que acontecimentos, e nem todos os acontecimentos são encarados da mesma forma, havendo tarefas que a maioria dos jornalistas considera mais interessantes e outras menos agradáveis; (2) Os sentimentos de obrigação e de estima para com os superiores – segundo Breed, poderiam ser criados laços de amizade ao longo do tempo e um sentimento de respeito em relação aos jornalistas mais velhos, que servem como exemplo; (3) As aspirações de mobilidade – em seu estudo, Breed descobriu que os jornalistas consideravam que a luta contra a orientação da política editorial do jornal podia ser um obstáculo para os avanços na carreira; (4) A ausência de grupos de lealdade em conflito – trata-se da teoria de que o local de trabalho dos jornalistas é relativamente pacífico, em que as organizações sindicais não interferem em assuntos internos; (5) O prazer da atividade – Breed defende que os jornalistas gostam do seu trabalho: existem diversas gratificações não-financeiras que os jornalistas ganham. "Os jornalistas estão próximos das grandes decisões sem terem de as tomar; tocam no poder sem serem responsáveis pela sua prática" (BREED apud TRAQUINA, 2003, p.74); (6) As notícias como valor – as notícias seriam um valor máximo, sendo um trabalho de 24 horas e um desafio constante: a harmonia entre os jornalistas e a direção é cimentada pelos seus interesses comuns pela notícia.

Assim, Breed defende que os supracitados fatores promoveriam o conformismo com a política editorial da empresa jornalística. Breed acrescenta que cinco destes fatores parecem ser constantes e ocorrem em todos os jornais estudados. O fator variável seria o segundo: a obrigação e a estima que os jornalistas mantêm pela direção e pelos jornalistas mais antigos. Segundo ele, este segundo fator parece ser a variável ativa determinante, não só do conformismo para com a política editorial da empresa, mas também da moral e do bom desempenho profissional.

Breed reconhece que um determinismo, ou melhor dito, um "ditatorialismo" organizacional seria de difícil implementação devido à natureza do trabalho jornalístico e a um mínimo de autonomia profissional que ela exige. Ainda mais, qualquer tentativa de obrigar o jornalista a seguir uma dada política constituiria um tabu ético e uma clara afronta a um dos pilares da legitimidade profissional – a independência do jornalista. O autor aponta, então, alguns fatores dentro da área de influência do jornalista que o ajudam a ludibriar o controle da empresa e que indicam que, sob certas condições, os controles que levam ao conformismo com a política editorial da empresa jornalística podem ser ultrapassados.

A conclusão de Breed é que a linha editorial da empresa jornalística é geralmente seguida e que a descrição da dinâmica situação sociocultural da redação sugere explicações para esse conformismo. A fonte de recompensas do jornalista não se localizaria entre os leitores, que são manifestamente os seus clientes, mas entre os colegas e superiores: ao invés de aderir a ideias sociais e profissionais, o jornalista redefiniria os seus valores até o nível mais pragmático do grupo redatorial.

Outros estudos do jornalismo demonstram também a importância da organização jornalística. O primeiro estudo sobre jornalistas, publicado em 1937, de Leo Rosten, demonstrou que mais de 60% dos jornalistas entrevistados indicaram que "sentiram pressões sutis destinadas a obrigá-los a orientar as suas notícias no sentido das ideias da direção". Assim, segundo a teoria organizacional, as notícias são o resultado de processos de interação social que têm lugar dentro da empresa jornalística. O jornalista, sabendo que o seu trabalho vai passar por uma cadeia organizacional em que os seus superiores hierárquicos e os seus assistentes têm certos poderes e meios de controle, teriam de antecipar-se às expectativas dos seus superiores para evitar os retoques de seus textos (trabalho suplementar para a organização) ou até reprimendas – dois meios que fazem parte do sistema de controle.

Para Franciscato (2005), compreender mais profundamente como o jornalismo se constituiu em uma instituição social requer uma discussão mais articulada sobre alguns aspectos históricos do desenvolvimento da imprensa, inclusive sobre o seu processo interno de institucionalização de princípios, normas, recursos e técnicas. Para o autor, a instituição jornalística está entranhada no ambiente histórico e social em que atua. Isto significaria dizer que o contexto espaço-temporal limita certas possibilidades de produção jornalística e configura relações e práticas sociais tanto externas à instituição (desempenho de papéis sociais instituídos e relações de poder na construção de sentidos e ações sociais) quanto internas a ela (princípios organizativos da instituição, tais como regras, metas, conflitos, pressões, imposições, disputas).

> A instituição jornalística é um fenômeno cuja complexificação em sua estrutura, concepções, práticas e produtos tem sido acompanhada por um movimento paralelo de formulação de modelos mais sistemáticos e particulares para a sua compreensão e descrição, resultantes de um amadurecimento da percepção do próprio papel do jornalismo na sociedade (FRANCISCATO, 2005, p.164).

Na produção de informação de massa, temos, de um lado, a cultura profissional, entendida como

> um emaranhado inextricável de retóricas de fachada e astúcias táticas, de códigos, estereótipos, símbolos, padronizações latentes, representações de papéis, rituais e convenções, relativos às funções da mídia e dos jornalistas na sociedade, à concepção do produto-notícia e às modalidades que controlam a sua confecção do produto-notícia e às modalidades que controlam a sua confecção. Posteriormente, a ideologia se traduz numa série de paradigmas e práticas profissionais adotadas como naturais" (GARBARINO apud WOLF, 2008, p.195).

Por outro lado, existem restrições ligadas à organização do trabalho, sobre as quais se constroem convenções profissionais, que determinam a definição de notícia, legitimam o processo de produção (do uso das fontes à seleção dos eventos, às modalidades de confecção). Determina-se, assim, um conjunto de critérios de relevância, que definem a noticiabilidade (newsworthiness) de cada evento, ou seja, a sua "aptidão" para ser transformado em notícia. A noticiabilidade é constituída pelo complexo de requisitos que se exigem para os eventos – do ponto de vista da estrutura do trabalho nos aparatos informativos e do ponto de vista do profissionalismo dos jornalistas –, para adquirir a existência pública de notícia (WOLF, 2008).

4.3 Constituição do *corpus*

Após o levantamento das edições a partir das quais constituir o *corpus* da pesquisa, para melhor organizar as unidades de registro, inserimos as informações recolhidas na tabela abaixo, com o objetivo de visualizar claramente os dados, de forma a permitir, por exemplo, uma análise comparativa. Cada código representa uma Unidade de Registro (sua cópia podendo ser encontrada em anexo no final deste trabalho) extraída de edições da revista *O Cruzeiro* presentes no Museu Hipólito da Costa, em Porto Alegre, ou no MASP, em São Paulo. O levantamento foi realizado no período de fevereiro a junho de 2014. Também é importante assinalar que os códigos estão enumerados em ordem crescente e acompanhados por uma letra que corresponde o mês da edição. Assim, A = junho; B = julho (e assim sucessivamente, até dezembro).

UNIDADE DE REGISTRO	EDIÇÃO	DATA	TÍTULO	GÊNERO
0001-A	32	02/06/1945	A legião dos choramingas	Opinativo
0002-A	32	02/06/1945	Pensemos nos moços	Opinativo
0003-A	32	02/06/1945	A bárbarie nazista	Opinativo
0004-A	32	02/06/1945	Volta ao cinema português	Informativo
0005-A	33	09/06/1945	Neurose de Guerra	Informativo
0006-A	33	09/06/1945	Herois sem Armas	Opinativo
0007-A	34	16/06/1945	Uma notícia triste	Opinativo
0008-A	34	16/06/1945	A glória triunfal	Opinativo
0009-A	36	30/06/1945	Educação democrática	Opinativo
0010-A	36	30/06/1945	Assim faria o Cristo	Opinativo
0011-B	37	07/07/1945	A luz que não cessará jamais	Opinativo
0012-B	37	07/07/1945	Os “33” do Pacífico	Informativo
0013-B	37	07/07/1945	O arco-íris	Opinativo
0014-B	38	14/07/1945	Para toda a tarde para noite	Informativo
0015-B	39	21/07/1945	A imortalidade do sacrifício	Opinativo
0016-B	39	21/07/1945	Sete dias	Opinativo
0017-B	40	28/07/1945	Ansiedade Universal	Opinativo
0018-B	40	28/07/1945	A volta	Informativo
0019-C	42	11/08/1945	Sete dias	Opinativo
0020-C	42	11/08/1945	Uma guerra entre coragem e fanatismo	Informativo
0021-C	43	18/08/1945	O símbolo da redenção	Opinativo
0022-C	44	25/08/1945	O combatente Walter Lippman	Opinativo
0023-D	45	01/09/1945	A palavra do sábio	Opinativo
0024-D	46	08/09/1945	Sete dias	Opinativo
0025-D	46	08/09/1945	As “Jeanne” sem punhais	Informativo
0026-D	47	15/09/1945	Um novo caminho	Opinativo
0027-D	47	15/09/1945	Sete dias	Opinativo
0028-D	47	15/09/1945	Fábricas de morte lenta	Informativo
0029-D	48	22/09/1945	A mulher e a F.E.B	Opinativo
0030-D	48	22/09/1945	O espírito lavrará sobre as ruínas	Opinativo
0031-D	48	22/09/1945	Sete dias	Opinativo
0032-D	48	22/09/1945	O mistério do submarino T-2	Informativo
0033-E	50	06/10/1945	A ruína final	Opinativo
0034-E	52	20/10/1945	Chave perdida	Opinativo
0035-E	52	20/10/1945	Sete dias	Opinativo
0036-E	01	27/10/1945	A glória da creação	Opinativo
0037-E	01	27/10/1945	Desertores da F.E.B	Informativo
0038-F	03	10/11/1945	Daonde virá a salvação	Opinativo
0039-F	03	10/11/1945	Sete dias	Opinativo
0040-F	04	17/11/1945	Ânimo feminino	Opinativo
0041-F	04	17/11/1945	O erro de Prestes	Informativo
0042-F	05	24/11/1945	O abismo	Opinativo
0043-F	05	24/11/1945	A Guerra está entre nós	Opinativo
0044-F	05	24/11/1945	Margarida – a falsa espiã	Informativo
0045-G	08	15/12/1945	Sete dias	Opinativo
0046-G	08	15/12/1945	Brasil, refúgio dos intelectuais	Informativo
0047-G	09	22/12/1945	E que este primeiro Natal de paz...	Opinativo
0048-G	09	29/12/1945	Uma nova humanidade	Opinativo
0049-G	09	29/12/1945	Ano-bom	Opinativo

É importante esclarecer que, na edição que data de 27/10/1945, a revista completou 17 anos e, portanto, passou a ser classificada como edição Nº 01. Neste exemplar, a maior parte

do espaço da revista foi destinado às comemorações de "aniversário" da publicação, apresentando um editorial fotográfico, intitulado de "Happy Birthday, '*O Cruzeiro*'", com fotos de artistas internacionais felicitando a revista.

As seguintes edições não abordaram o tema foram: Nº 35 (23/06/1945), Nº 41 (04/08/1945), Nº 49 (29/09/1945), Nº 51 (13/10/1945), Nº 02 (03/11/1945), Nº 06 (01/12/1945) e Nº 07 (08/12/1945). A seguir, faremos ponderações sobre a eventual falta de referências à Guerra nas páginas da revista.

Abaixo, exemplo da ficha utilizada durante a pesquisa:

Autor	**ANEXO Nº**
Título	
Edição	
Data	
Nº Páginas	
Unidade de texto (Nota? Editorial? Reportagem?)	
Gênero	

4.4 Análise

4.4.1 Ampla abordagem do tema

Após realizar uma primeira análise dos exemplares de junho a dezembro de 1945 da revista, a primeira conclusão à qual chegamos é a de que a presença do tema do final da guerra foi, de fato, uma constante nas páginas da publicação. Para chegar a tal conclusão, fizemos uso da "leitura flutuante" – a primeira atividade que nos permitiu estabelecer contato com os documentos a serem analisados. Nesta fase, surgiram as primeiras impressões acerca dos documentos examinados.

Tabela 1 – Total de edições que abordaram a Segunda Guerra Mundial

Mês	Nº edições	Nº edições que abordaram o tema
JUNHO	05	04
JULHO	04	04
AGOSTO	04	03
SETEMBRO	05	04
OUTUBRO	04	03
NOVEMBRO	04	03
DEZEMBRO	05	03
TOTAL	31	24

Das 31 edições publicadas ao longo destes sete meses (selecionados por motivos já explicados, considerando a necessidade de um recorte e foco), 24 edições abordaram o tema – algumas pautando o assunto de forma mais superficial, de passagem, e outras o colocando em foco. É evidente, portanto, a ocorrência frequente da cobertura do tema. Podemos resgatar,

aqui, algumas ideias trabalhadas ao longo da pesquisa. Se a publicação se propunha a ser moderna e integradora da cultura nacional (MEYRER, 2007), a cobertura frequente de um tema de impacto tão enorme na época é condizente com a política editorial da revista. Carvalho (2001) também defende que a publicação possuía farta cobertura da Guerra, mas pondera que o assunto era tratado em meio a outros acontecimentos variados: moda, beleza, culinária. A partir de uma maior exploração do material, veremos como se deu, efetivamente, tal abordagem do tema.

4.4.2 Grande prevalência do gênero opinativo

Nesta seção, buscou-se identificar qual dos gêneros prevaleceu nas páginas da revista que trataram do tema do fim da Segunda Guerra, objetivando uma análise mais aprofundada.

José Marques de Melo classifica os gêneros baseando-se em dois critérios: a intencionalidade e a natureza estrutural do relato, limitando-se aos gêneros informativo e opinativo, excluindo os demais, por não encontrarem "ancoragem" na prática jornalística brasileira. Pelo ângulo da intencionalidade, nos relatos informativos, há o desejo de "reproduzir" o real: "a partir da observação de um acontecimento do que se aceita como realidade empírica, sua apreensão e descrição são feitas pela instituição jornalística com base no desejo de 'saber o que se passa'" (MARQUES DE MELO apud COSTA, 2008). O relato tem sua estrutura dependente de variáveis externas: os acontecimentos e a relação estabelecida entre o jornalista e os protagonistas do acontecimento. Enquanto isso, no gênero opinativo, a intenção de "ler" o real, ou seja, a análise e a avaliação (atribuição do valor) possível desta realidade seria baseada no desejo da coletividade de "saber o que se pensa sobre o que se passa". Aqui, a estrutura dependeria do controle, pela instituição, da autoria e da angulagem da narração. Por estes critérios, temos a seguinte classificação: o jornalismo informativo comporta os formatos nota, notícia, reportagem e entrevista. Nos formatos opinativos estão o editorial, o comentário, o artigo, a resenha, a coluna, a crônica, a caricatura e a carta.

Tabela 2 – Gêneros predominantes

Mês	Nº edições que abordaram o tema	Nº edições que tiveram gênero opinativo	Nº edições que tiveram gênero informativo	Nº unidades de registro - gênero opinativo	Nº unidades de registro - gênero informativo
JUNHO	04	04	02	08	02
JULHO	04	03	03	05	03
AGOSTO	03	03	01	03	01
SETEMBRO	04	04	03	07	03
OUTUBRO	03	03	01	04	01
NOVEMBRO	03	03	02	05	02
DEZEMBRO	03	03	01	04	01
TOTAL	24	23	13	36	13

Analisando-se os resultados expostos acima, é possível inferir a prevalência de um jornalismo de gênero opinativo. Das 24 edições que abordaram o tema da Segunda Guerra, 23 edições tiveram artigos opinativos em suas páginas e 13 tiveram reportagens informativas. Das 49 unidades de registro que compõem o corpus da pesquisa, 36 são do gênero opinativo, e 13 pertencem ao gênero informativo. Em sua maioria, as matérias opinativas são artigos e colunas, e as matérias informativas são reportagens. Foi possível estabelecer um padrão: majoritariamente, os exemplares apresentavam artigos e colunas de autores que pautavam o fim da Segunda Guerra de forma bastante similar. Os autores tinham expectativas em relação à nova organização geopolítica do planeta. É visível a emoção recorrente nos artigos: de forma emotiva, eles lançavam a questão aos leitores da revista – como seria viver em um mundo livre de conflitos, após cinco anos de Guerra?

Por diversas vezes, um sentimento de ufanismo permeia o conteúdo do artigo, coluna ou nota que trata do assunto. Com a volta dos soldados brasileiros que lutaram na Itália, os autores não poupam elogios e engrandecimentos ao Brasil, visto sempre como uma nação vitoriosa (apesar de, como já visto antes, ter tido pouca participação efetiva no conflito). Elogios à nação condizem com o estilo da revista: durante a revisão bibliográfica realizada no capítulo 2, observamos a influência do movimento moderno durante a consolidação da publicação. Outro aspecto discutido na presente pesquisa anteriormente é a influência

estadunidense nas páginas de *O Cruzeiro*, que, durante o levantamento do *corpus* também fica evidente. Enquanto que, em diversos artigos opinativos ou reportagens informativas, que abordavam assuntos sérios, relativos ou não ao fim da Guerra (as grandes reportagem costumavam envolver assuntos diversos, como o destino das crianças filhas de leprosos ou a vida dos indígenas que viviam isolados em uma ilha do litoral paulista), a revista, invariavelmente, dedicava páginas e mais páginas a conteúdos mais supérfluos, funcionando como uma espécie de coluna social semanal, atualizando os leitores dos últimos casamentos envolvendo pessoas da *high society* carioca ou reportagens sobre a mais nova atriz de *Hollywood*. Pudemos comprovar a "americanização" da revista, como vimos anteriormente: a revista não possuía chamadas referentes à Guerra, tendo em suas capas modelos ou atrizes famosas. Outro fator decisivo para tal tipo "acomodação" em relação ao conteúdo da revista foi o fato de que a imprensa, nos anos 40, era extremamente restrita. Também como vimos no segundo capítulo, as publicações brasileiras da época eram limitadas. Ao mesmo tempo em que inovou, *O Cruzeiro* tinha diversos aspectos conservadores, mas condizentes ao período no qual estava inserida.

Outras considerações, ainda, devem ser feitas para que se possa estabelecer uma discussão mais completa acerca do conteúdo da revista. Primeiramente, é imprescindível recordar que *O Cruzeiro* tinha uma periodicidade semanal, não podendo, portanto, atualizar seus leitores diariamente (fatos referentes ao fim da Segunda Guerra que mereceriam maior destaque talvez tivessem espaço na revista se ela fosse publicada com maior frequência). Além disso, a proposta da revista nunca foi ser uma publicação voltada para assuntos políticos, econômicos ou sociais. Era considerada uma revista de variedades, que abordava os mais diversos temas. Esta também pode ser uma explicação plausível para a grande maioria da incidência do tema da Segunda Guerra aparecer em colunas e artigos e não em reportagens: tendo de cobrir os mais variados assuntos, o fim da Segunda Guerra não poderia aparecer em todas as edições, ou acabaria por tornar-se repetitivo. Em colunas, artigos e notas, porém, os autores tinham total liberdade para escrever o que bem entendessem, pautando, assim, o assunto com grande frequência e mostrando que o tema era muito presente na sociedade da época.

4.4.3 Articulistas

Com a presença de colunistas fixos, *O Cruzeiro* contava com os textos de Austregésilo de Athayde e Franklin de Oliveira. Netto (1998) defende que colunistas como Athayde possuíam um impacto na revista em função de seus comentários políticos. Em uma análise um pouco mais aprofundada dessas 23 edições, fica evidente a presença constante de artigos destes dois jornalistas.

É importante observar que, diferentemente de reportagens informativas, as notas, os comentários e as colunas opinativas traziam uma "leitura do real" destas pessoas (MARQUES DE MELO, 2008). Ou seja, um relato de um acontecimento repleto de subjetividade, ao contrário de reportagens, que evidenciavam o fato, e não a opinião de articulistas.

Tabela 3 – Presença de articulistas

Mês	Nº edições com textos de gênero opinativo	Nº edições com textos de Austregésilo de Athayde	Nº edições textos de Franklin de Oliveira
JUNHO	04	02	0
JULHO	03	03	01
AGOSTO	03	01	01
SETEMBRO	04	03	03
OUTUBRO	03	02	01
NOVEMBRO	03	02	01
DEZEMBRO	03	01	01
TOTAL	23	14	08

Os artigos de Austregésilo eram curtos, sem espaço para grandes debates ou aprofundamentos, sendo mais uma série de comentários acerca de um mesmo assunto. Metade da página era ocupada por uma grande ilustração que ia de acordo com o tema abordado. Franklin de Oliveira possuía outra dinâmica: sua coluna "Sete dias" – presente na revista por

12 anos – era maior, tinha mais conteúdo. O seu texto geralmente era dividido em três ou quatro colunas, que abordavam assuntos diferentes (e muitas vezes o tema da Segunda Guerra aparecia em uma destas colunas apenas). É interessante observar que ambos os jornalistas abordavam constantemente o fim da Segunda Guerra, levantando questões sobre a organização sociopolítica da humanidade após o conflito. Ambos se preocupavam, também, com a situação econômica do Brasil.

Belarmino Maria Austregésilo Augusto de Athayde iniciou o seu trabalho nos *Diários Associados* em 1924, a convite de Chateaubriand. Formado em direito, foi ferrenho adversário da Revolução de 1930, sendo preso e exilado na Europa, Athayde morou por muitos meses em Portugal, Espanha, França e Inglaterra (Fonte: Academia Brasileira de Letras). Na condição de amigo de Chateaubriand, possuía total liberdade para escrever sobre o que bem entendesse, privilégio de poucos que trabalham na revista.

4.4.4 As reportagens de David Nasser e Jean Manzon

Também foi possível notar a presença de reportagens da dupla David Nasser, repórter, e Jean Manzon, fotógrafo, no período. Comprovando o que vimos a partir do levantamento histórico no segundo capítulo: no ano de 1943, chegou à revista Manzon, um experiente repórter francês conhecido como um proeminente fotógrafo, ex-funcionário da revista *Match* (BARBOSA, 2002). Naquele mesmo ano, também entrava na publicação o repórter de origem libanesa David Nasser.

A partir da análise realizada, confirmamos efetivamente a teoria de que a parceria entre os dois mudou o rumo da revista: Nasser trabalhou nela por 30 anos e era o principal repórter de *O Cruzeiro*, desfrutando de um enorme prestígio, com uma capacidade de escrever vista poucas vezes antes no país (NETTO, 1998). De acordo com Carvalho (2001), Nasser jorrava o texto, apresentando fluência e riqueza verbal, independente do tema abordado. Chatô chegou a classificar a dupla como a “mais suntuosa de *O Cruzeiro*”. Durante nove anos, Nasser e Manzon trabalharam juntos, realizando matérias que entraram para a história.

“A fórmula foi um sucesso. As reportagens da dupla logo passaram a ocupar as primeiras páginas da revista [...] Eles buscavam sempre casos sensacionais, que a imprensa daquela época abordava de forma insossa” (NETTO, 1998, p.109).

Tabela 4 – Presença de reportagens de David Nasser/Jean Manzon

Mês	Nº edições que tiveram gênero informativo	Nº edições que tiveram reportagens assinadas por David Nasser e/ou Jean Manzon
JUNHO	02	01
JULHO	03	02
AGOSTO	01	0
SETEMBRO	03	03
OUTUBRO	01	01
NOVEMBRO	02	02
DEZEMBRO	01	0
TOTAL	13	09

As matérias tratavam de assuntos diversos, mas sempre ressaltando a guerra como algo terrível e o seu fim como uma “salvação”, como o término de uma era. Alguns exemplos de assuntos pautados nas reportagens: 1. As histórias de soldados que enlouqueceram durante a Guerra (e como estava sendo o seu tratamento psicológico); 2. A volta dos soldados brasileiros que foram lutar na Itália; 3. Como realmente eram os campos de concentração (*esta matéria foi realizada por Franklin de Oliveira, apenas contou com fotos de Manzon).

É importante observar que, sendo uma publicação semanal, havia tempo para a elaboração do material: a possibilidade de que os jornalistas refletissem sobre o cenário social, indo além do *hard news* e da apuração diária dos fatos. É possível observar tal reflexo nas grandes reportagens das revistas. Os temas supracitados são abordados em meio a textos carregados de subjetividade.

4.4.5 Influência do contexto político

É interessante observar a influência que a publicação sofreu do contexto político da época. Como vimos anteriormente, no capítulo 2, a relação entre Chateaubriand e Vargas variava muito. Buscamos verificar indícios de que, como consta nas publicações que tratam da história da revista, a influência de Chatô pudesse ser refletida no conteúdo de *O Cruzeiro*. O que é possível concluir efetivamente é que o período de turbulência na presidência brasileira ajudou a moldar as pautas da revista. Em novembro, por exemplo, o assunto principal foi a queda de Vargas – a edição Nº 3, de 10/11, teve uma grande reportagem, de dez páginas, assinada por Freddy Chateaubriand (o editor da revista na época) e fotos de Jean Manzon. Na edição Nº 4, de 17/11, Austregésilo de Athayde também fala sobre os rumos políticos do Brasil após a renúncia do presidente após 15 anos no poder – oito deles sob o regime do Estado Novo (1937-1945). Em dezembro, outro assunto domina completamente a edição: as eleições presidenciais, realizada no dia 02 daquele mês. Na edição Nº 6, de 01/12, Nasser e Manzon assinam a reportagem "Na boca da urna" e, na edição subsequente, de 07/12, a dupla volta às páginas da revista com a reportagem "7 milhões votam". Em ambas as edições, o assunto do final da Segunda Guerra não foi pautado.

É possível inferir que, por diversas vezes, o tema do fim da Segunda Guerra foi julgado como de menos importância em relação a temas que tratavam da situação política brasileira. Se a luta contra o nazifascismo era um assunto abordado de forma recorrente nos artigos, colunas e grandes reportagens da revista, a queda de Vargas também era uma pauta que obviamente interessava os leitores brasileiros na época e dominava as páginas de *O Cruzeiro*.

Outra influência visível foi o momento pontual histórico em que as edições foram publicadas. Em junho, com o fim da guerra sendo algo extremamente recente, identificamos que, em cinco edições publicadas, dez matérias, presentes em quatro edições, abordaram o tema. O mês de dezembro também apresentou cinco exemplares publicados, mas o número de matérias cai para a metade: são apenas cinco, presentes em três edições. Enquanto que, no mês de junho, o clima de fim de guerra parece fervilhar na revista (exemplificado por matérias intituladas por "A barbárie nazista" e "A glória triunfal"), em dezembro, um clima natalino invade a publicação, e o tom das matérias é outro: os jornalistas pareciam ter uma expectativa positiva em relação ao fim do conflito e, com o término de 1945, uma sensação

coletiva de “fim de uma era” parecia se apossar de muitos dos que escreviam para *O Cruzeiro*. A referência constante ao “novo ano que se aproximava” (exemplificado por matérias intituladas por “E que este primeiro Natal de paz...” e “Uma nova humanidade”) era uma constante na revista.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Durante a realização do presente trabalho, buscamos verificar como se deu a cobertura jornalística do final da Segunda Guerra Mundial pela revista *O Cruzeiro*, no período de junho a dezembro de 1945. A partir da análise das 31 edições publicadas ao longo dos meses referidos, buscamos averiguar como ocorreu a cobertura de um assunto de enorme magnitude por uma das maiores revistas brasileira na época.

No início da pesquisa, a expectativa era de que a publicação desse espaço para assuntos que mudaram o destino da humanidade, como a explosão das duas bombas atômicas em território japonês (em Hiroshima e Nagasaki em agosto de 1945) e a rendição japonesa (em 02 de setembro de 1945). Estes acontecimentos certamente tiveram impacto na sociedade da época e teriam rendido grandes reportagens, por exemplo. Na prática, porém, o resultado foi outro. Como mostrado anteriormente, fica evidente a pouca presença de unidades de registro de gênero informativo. Após a análise do *corpus*, deparamo-nos com a primeira conclusão acerca do exercício jornalístico praticado pela revista: o tema do fim da Segunda Guerra Mundial foi mais abordado nos gêneros opinativos: artigos, colunas e notas. Os autores desse tipo de texto abordavam o assunto à sua maneira: ora focando no impacto que o conflito teve na sociedade brasileira, ora focando em questionamentos sobre a reorganização geopolítica mundial, entre outros. O tema era, por vezes, colocado em foco; em outras, havia menção ao conflito e servia de ponto de partida para a realização de uma reportagem ou uma reflexão sobre outro assunto. Enquanto que, no jornalismo informativo, o relato tem sua estrutura dependente de variáveis externas, ligadas diretamente ao acontecimento, no opinativo, a estrutura da matéria depende da angulagem da narração (MARQUES DE MELO, 2008). Assim, vemos na revista uma abordagem muito mais subjetiva acerca do tema.

Ao fazer o levantamento das edições, nos deparamos com um problema: a falta de quatro exemplares no Museu Hipólito da Costa. Em um certo momento da trajetória da presente pesquisa, encontramos um empecilho e nos voltamos à autora Laurence Bardin que, em sua obra sobre a Análise do Conteúdo, deixa claro a importância da regra da exaustividade: a AC não pode ser completa no caso de falta de material por inacessibilidade. De fato, das quatro edições faltantes, após serem encontradas e nos disponibilizadas no MASP, todas abordaram o tema e adicionamos oito unidades de registro ao *corpus*, resultando em 49 unidades de registro ao total.

Partimos, então, para o período de análise efetiva dos exemplares. Diversas questões puderam ser respondidas: primeiramente, a partir de uma análise quantitativa, verificamos o número de exemplares que trataram, no segundo semestre do ano de 1945, da temática da Guerra: 24 das 31 edições publicadas, cerca de 80%. Sobre o espaço dedicado ao tema, é importante ponderar que a revista possuía de 80 a 100 páginas em suas edições, apesar de mais da metade ser reservada para propagandas. Além dos artigos usuais (escritos, normalmente, em uma página), as reportagens eram grandes, com oito ou dez páginas, contendo várias informações sobre o ocorrido e grandes imagens em abundância (como vimos anteriormente, *O Cruzeiro* foi pioneira neste estilo de grandes fotorreportagens, inspiradas em revistas estadunidenses e francesas, como a *Life* e a *Vu*).

Sobre a visão daqueles que escreviam para a revista, é possível inferir que havia uma preocupação gerada por incertezas em relação ao assunto. Seguidamente, via-se articulistas questionando sobre as diretrizes futuras que o fim da Guerra traria, algo que mudou para sempre o panorama geopolíticos da humanidade. Os reflexos do conflito podiam ser percebidos dentro da sociedade brasileira, que havia torcido pelos soldados brasileiros que foram lutar na Itália e havia vibrado com o seu retorno ao Brasil. Um sentimento de revolta contra o nazifascismo também é evidente nos escritos do período.

Assim, após a realização de uma análise composta pelos passos indicados por Laurence Bardin (1- pré-análise, 2- exploração do material, 3- tratamento dos resultados obtidos e interpretação), buscamos contemplar nossos resultados à luz da teoria organizacional. Partindo dos escritos de Nelson Traquina e Warren Breed, verificamos, porém, que tal teoria não explica, de forma completa, o funcionamento da revista *O Cruzeiro*. Breed publicou a sua tese, em 1955, e, apesar de ser um clássico dos estudos do jornalismo sobre o controle social da redação, o sociólogo estadunidense insere o jornalista em um

contexto imediato – a organização para o qual trabalha. Outros conceitos como a "cultura profissional" à qual se refere Wolf e a "instituição jornalística" à qual se refere Franciscato (2005) também não explicam o funcionamento da revista, sendo, talvez, modernos demais para tal período. Primeiramente, é importante lembrar que, naquela época, a prática jornalística não era propriamente profissional no Brasil. Dos jornalistas citados no presente trabalho, como Austregésilo de Athayde, Franklin de Oliveira, David Nasser e Jean Manzon, nenhum havia passado por uma escola de jornalismo: haviam aprendido o *métier* na prática, a partir do dia a dia da redação. Não existiam regras ou estatutos, cada um fazia o jornalismo à sua maneira.

Desta forma, ficam em aberto algumas questões que surgiram durante a pesquisa: é possível encontrar uma base teórica que explique o funcionamento do exercício jornalístico da revista *O Cruzeiro*? Como podemos classificar múltiplas e desordenadas práticas jornalísticas, realizadas sem regras, cada qual à sua maneira? Seria possível enquadrar a imprensa brasileira em tal momento histórico, de transição política nacional e internacional? Como contextualizar uma publicação se o período era de instabilidade (e repressão) na esfera comunicacional? Tais questões permanecem em aberto e ainda não respondidas.

Além disso, tomando a revista *O Cruzeiro* como objeto e analisando tal período do jornalismo brasileiro a partir das teorias supracitadas é possível inferir a insuficiência delas para dar conta desse objetivo. É importante atentar para a fraca profissionalização da prática jornalística nesse período, o que constitui uma restrição para uma análise feita à luz da teoria organizacional.

Percebemos, desta forma, que ainda há muito a ser estudado e colocado em questão acerca da prática jornalística realizada por publicações como a revista *O Cruzeiro*, que mudou o cenário comunicacional brasileiro em uma época na qual o jornalismo era incipiente e estava em processo de consolidação.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARBOSA, Marialva. **O Cruzeiro: uma revista síntese de uma época da história da imprensa brasileira.** In: Revista do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal Fluminense. Rio de Janeiro, 2002.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2011.

CAMPOS, Flavio de; MIRANDA, Renan. **A escrita da história.** São Paulo: Escala Educacional, 2005.

CARNEIRO, Glauco. **Brasil, primeiro – História dos Diários Associados.** Brasília: Fundação Assis Chateaubriand, 1999.

CARVALHO, Luiz Maklouf. **Cobras Criadas: David Nasser e O Cruzeiro.** 2ª Ed. São Paulo: Editora SENAC, 2001.

COTRIM, Gilberto. **História Global – Brasil e Geral**. São Paulo: Editora Saraiva, 2002.

DE ASSIS, Francisco de; MARQUES DE MELO, José. **Gêneros jornalísticos no Brasil**. São Bernardo do Campo: UNESP, 2010.

FÁVERI, Marlene de**. Repressão à imprensa nos anos da Segunda Guerra Mundial.** In: Revista Vozes e Diálogos – Mídia e Cultura/Ano 6, nº 6. Santa Catarina: Univali, jul/2002.

FONSECA JÚNIOR, Wilson Corrêa da**.** Análise de Conteúdo. In: DUARTE, Jorge & BARROS, Antonio (Org). **Métodos e Técnicas de Pesquisa em Comunicação.** 2ª Ed. São Paulo: Atlas, 2009.

FRANCISCATO, Carlos Eduardo. **A fabricação do presente: como o jornalismo reformulou a experiência do tempo nas sociedades ocidentais.** Aracaju: Editora UFS, 2005.

HERSCOVITZ, Heloiza Golbspan. “Análise de conteúdo em jornalismo”. BENETTI, Márcia & LAGO, Cláudia (org). **Metodologias de Pesquisa em Jornalismo**. 2ª ed. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2008.

KOVACH, Bill; ROSENSTIEL, Tom. **Os elementos do jornalismo: o que os jornalistas devem saber e o público exigir.** São Paulo: Geração Editorial. 2004.

MEYRER, Marlise Regina. **Representações do desenvolvimento nas fotorreportagens da revista O Cruzeiro (1955-1957).** Porto Alegre: PUCRS, 2007.

Disponível em: http://tede.pucrs.br/tde_busca/arquivo.php?codArquivo=1175. Acesso em: 20 de abril de 2014.

MORAIS, Fernando. **Chatô: o rei do Brasil.** São Paulo: Círculo do Livro, 1994.

NETO, Lira. **Getulio: do Governo Provisório à ditadura do Estado Novo (1939-1945).** São Paulo: Companhia das Letras, 2013.

NETTO, Accioly. **O império de papel: os bastidores de O Cruzeiro.** Porto Alegre: Sulina, 1998.

ROMANELLO, Jorge Luiz. "Uma história da revista O Cruzeiro 1930-1960". **O Cruzeiro: uma revista (muito) ilustrada.** GAWRYZSEWSKI, Alberto (Org.). Londrina: Universidade Estadual de Londrina/LEDI, 2009. (Coleção História na Comunidade, v.3).

SODRÉ, Nelson Werneck. **História da Imprensa no Brasil.** Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 1966.

TRAQUINA, Nelson. **O estudo do jornalismo no século XX.** São Leopoldo: Editora Unisinos, 2001.

VICENTINO, Claudio; DORIGO, Gianpaolo. **História geral e do Brasil.** São Paulo: Scipione, 2010.

WAINBERG, Jacques. **O Império das Palavras.** Porto Alegre: Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, 2003.

WAINER, Samuel. **Minha razão de viver.** Rio de Janeiro: Record, 1988.

WOLF, Mauro. **Teorias das comunicações de massa**. 3ª Ed. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

http://www.academia.org.br/abl/media/RB%2057-CULTO%20DA%20IMORTALIDADE.pdf

(Consultado em 01/06/2014)

Anexos - Unidades de Registro

O Cruzeiro, 02 de junho de 1945 - 0001-A

O CRUZEIRO

ÍNDICE

ARTIGOS

A LEGIÃO DOS CHORAMINGAS — **Dinah Silveira de Queiroz** 3
AURORA DA VIDA — **Austregesilo de Athayde** 5
O EXÉRCITO VERMELHO — **Ascendino Leite** 21

REPORTAGENS

O ENTÊRRO DE UM GRANDE MORTO — **Nelson Mota e Peter Sheier** 8
O CABELO TAMBÉM SOFRE — **Alceu Pereira e Peter Sheier** 56

CONTOS

NÃO É SÓ AMOR — **Frederick Nebel** 19
NOIVADO — **S. Zeromski** 44
UM CLARÃO NO MEIO DAS TREVAS — **Bertram B. Fowler** 48

CINEMA

CINELÂNDIA — **Pedro Lima** 24
VOLTA O CINEMA PORTUGUÊS — **Zita Braga** 28
"30 SEGUNDOS SÔBRE TÓQUIO" — **Harold Hofferman** 29
CINE-REVISTA — **Alex Viany** 52

HUMORISMO

PIF-PAF — **Péricles e Vão Gogo** 22
O AMIGO DA ONÇA — **Péricles** 43
O BANHO DAS CARÔTAS — **Alceu Pena** 46
EVA SEM COSTELA — **Adão Júnior** 86

SEÇÕES

ESCREVE O LEITOR — **Redação** 4
SETE DIAS — **F. O.** 7
NO MUNDO DOS LIVROS — **Luiz Alípio de Barros** 20
BACK-GROUND — **Fredy** 25
SPOT-LIGHT — **Grock** 32
MÚSICA — **Antônio Rangel Bandeira** 38
FOTO-TESTE — **Tete Signoreli** 64
MUNDANISMO — **Gilberto Trompowski** 80

ASSUNTOS FEMININOS

LAR, DOCE LAR — **Helena Sangirardi** 68
ELEGÂNCIA E BELEZA — **Elza Marzulo** 73
DA MULHER PARA A MULHER — **Helena Sangirardi** 72
PÁGINA DAS MÃES — Ladeira Marques 74

FIGURINOS E MODELOS

DUAS PEÇAS — **Alceu Pena** 67
PARA INVERNO — **Alceu Pena** 70
PARA INVERNO — **Hollywood** 76
CHAPÉUS ALTOS E BAIXOS 82
DETALHES — **Nova York** 88

Outras edições da Emprêsa Gráfica "O Cruzeiro S. A.". — REVISTA DO BRASIL — Órgão de Divulgação Cultural (mensal) — CIGARRA MAGAZINE — O mensário de maior circulação no Brasil — DETECTIVE — Revista policial — O GURI — Revista infantil (quinzenal) — "Seção de Livros" — Editôra.

ASSINATURAS

BRASIL		ESTRANGEIRO	
Um ano	Cr$ 75,00	Um ano	Cr$ 120,00
Semestre	Cr$ 40,00	Semestre	Cr$ 60,00

NÚMERO AVULSO PARA TODO O BRASIL: Cr$ 1,50
Agentes em tôdas as cidades do Brasil e correspondentes nas principais cidades do mundo.

Redação e Administração
Rua do Livramento, 191
Tel. 43-4977 (rêde interna)

Publicidade
Av. Venezuela, 43, 3.º andar
Telefone: 43-7293

Sucursais: Em S. Paulo — R. Sete de Abril, 230 — Fone: 4-4181. Em Belo Horizonte — R. Goiás, 34 — Fone: 2-1928. Em Recife — Praça da Independência, 12.

Publicidade em S. Paulo: SERVIÇOS DE IMPRENSA LTDA. (SILA) RUA SETE DE ABRIL, 230-2.º — Edifício dos "Diários Associados"

Tiragem do presente número pela qual nos responsabilizamos **81.000 exemplares**

A legião dos CHORAMINGAS

DINAH SILVEIRA DE QUEIROZ

TOMEI meu velho amigo pelo braço.

—"Vamos ver esta fita?" Êle passou os olhos pelas fotografias e de repente voltou-se com rudeza:

—"Deus me livre, não pago para sofrer!"

O mais curioso é que havia ficado zangado, com essa capacidade que os velhos têm para a revolta por pequenos motivos, quando são tão pacientes, abnegados até, diante dos grandes males.

Arrastou-me com seu andar de ofensiva, como se marchasse com bravura para um combate.

— Vocês, da sua geração, são uns moços choramingas... Isso é uma vergonha... Jovem que não sabe rir não é jovem! Pois veja! — e me arrebatava, dando encontrões na rua. Somos vencedores, não somos? E o que é que se vê nos suplementos, nos cinemas, em tôda a parte? Tristeza, tristeza e mais tristeza. Qual o filme de maior sucesso? Uma espécie de fado da desgraça vindo do México... Quais são as novelas de rádio que causam furor? As que arrancam torrentes de lágrimas. Os contos, os romances que se escrevem agora? Tudo é infelicidade, tudo é desabalar de vidas e amores. Digam o que quiserem, falem nos campos de concentração, nos horrendos depósitos nazistas, nada justifica êsse carpideirismo.

Olhem para a frente... Vocês, que têm a vida diante dos olhos, pensem que dentre as gerações possuem um privilégio: Assistir ao nascimento de uma nova civilização, à formação de um novo mundo. Pois comuniquem um espírito mais otimista, mais sadio, a essa existência dos povos que começou agora. Causa-me náuseas êsse eterno muro de lamentações erguido em minha frente. Bem — as coisas estão ruins, e é muito cêdo para dizer que tudo vai bem no melhor dos mundos? Mas de quem é a culpa? Do céu, dos ventos? Acho que vocês todos, se não estão de acôrdo com a vida cara, com as injustiças, devem tomar a parte de responsabilidade que lhes compete, e tratar objetivamente dos assuntos, apontando remédios, dando mais otimismo a êsse vale de lágrimas, nunca dantes tão merecedor dêsse desgraçado título. No pior tempo da guerra os jornais inglêses sempre estiveram cheios de humour. Talvez a vitória para a Inglaterra não seja tão "risonha" assim, com seus problemas no vasto império. Mas o povo inglês sabe rir, tem jovialidade, assim como o americano, porque no humour reside fôrça incomparável.

Lutem vocês contra os choramingas, aquêles que escolhem em tôdas as histórias o menino mais inocente para morrer, os amigos mais fiéis para se desavirem, e os sacrifícios dos homens puros para se inutilizarem diante do mal.

Nós ganhamos a guerra! Entendam, entendam essa verdade, e deixem-se de mentalidade de vencidos...

No dia da vitória vi um aleijado, um pobre perna-de-pau saltar entusiàsticamente no meio da multidão. Seu espírito desligara-o momentâneamente da desgraça de seu corpo. Com isso quero dizer que é sempre possível a alegria, que ela deve ser amada e cultivada sôbre o mundo. Se houve muito horror, se ainda o quadro tem sombras tristes riam para o futuro, para os melhores tempos que hão de vir. Só os velhos têm direito de parar de olhar melancòlicamente para trás. E assim mesmo, isso vem por fôrça das circunstâncias, e não agarrando o sofrimento de maneira mórbida...

Sùbitamente, vi meu amigo mudar a expressão de zanga. Fez-me parar diante de uma banca de jornais, e ficou indeciso uns segundos. Depois se resolveu e me disse em atitude imperativa, mas baixo:

— Olhe, compre o CRUZEIRO aí. Quero ler o PIF-PAF!

O Cruzeiro, 02 de junho de 1945 - 0002-A

S LIVROS

ELHO

NDINO LEITE

ara o livro que D. Fe-
Um trabalho histórico?
ória simples das fôrças
moso livro que o capi-
-Arnaud, chegou a es-
opósito, há nesse tra-
atuação na guerra do

"não é êste um livro
sua história". No en-
UZEIRO) — comporta
ipo miúdo. O trabalho
sa de muito o método
erspectivas, sôbre uma

inir esta vasta organi-
rve para indicar o seu
s nas espetaculares vi-
to final do militarismo

u de um militar pro-
do técnico e especiali-
e confere ao livro do
itir-se a independência
o comentarista se de-
aspectos, não chega a
em todos os capítulos,
sòmente concedido aos

omo um surpreendente
a restrita conceituação
nítida e não só his-
sta um só momento o
ciológica que predomi-
exatas e os aconteci-
analista e do sociólogo.
strutura militar dirigida
ho é uma componente
O Sr. White surpreen-
observadores facciosos
ação revolucionária do

PENSEMOS NOS MOÇOS

NÃO bastou que os soldados da maior democracia do mundo atravessassem o oceano, pela segunda vez no mesmo século, para demonstrarem ao mundo que os homens livres vencem os homens escravos. Que a indústria de uma nação livre, baseada na iniciativa individual, no respeito ao estímulo próprio, à propriedade privada, ao sagrado conceito da família, pode arregimentar-se em plena guerra para salvar o seu país e salvar todos os seus aliados. A lição magnífica da cooperação americana, cuja legenda ainda agora vem sendo vulgarizada no Brasil, em um dos mais notáveis livros dêstes tempos, *Empréstimo e arrendamento*, de Stettinius, talvez não tenha sentido para os moços que aprenderam a teoria do Estado-monstro, do Homem-providencial, das excelências dos ditadores. Porque, para êstes, o mundo é vazio de sentido sem um toque de clarim, e as suas cabeças só aprenderam a se orientar, como se fôssem aparelhos de rádio, captando ordens.

E' contra a noite da Democracia, que reinou tantos anos em grande parte da Europa, que será preciso combater agora. E' contra a semente que continuará a germinar nas gerações cujo desenvolvimento político os ditadores toleram, para poderem continuar sendo ditadores. Por que o crime foi generalizado onde quer que se educasse uma criança na teoria totalitária, na obediência passiva, na idéia do prestígio da fôrça, na apologia do primado da matéria.

Aos moços de meu país, tão envenenados com a literatura totalitária, de todos os matizes, recomendaria a leitura dêste livro de Stettinius, em que se conhece melhor a importância do auxílio prestado pelos Estados Unidos à Rússia, à Inglaterra, à França e a tôdas as nações atacadas pelo Eixo. Sente-se, também o que é a vida de uma verdadeira Democracia, onde todos opinam, onde tôdas as opiniões são ouvidas, onde um homem de estatura de um Roosevelt consulta primeiro os jornalistas, que recebe tôdas as semanas, sôbre a idéia que planeja e com que salvará o mundo. — *Hélio Silva*

CORRESPONDENCIA

Tôda correspondência para esta seção deve ser remetida para Luiz Alípio de Barros — "No mundo dos livros" — Redação de O CRUZEIRO — Rua do Livramento, 191 — Rio

O Cruzeiro, 02 de junho de 1945 - 0003-A

A BARBARIE NAZISTA

PEDRO LIMA

E' inegável o prestígio do cinema. Agora mesmo o general Eisenhower convocou cinegrafistas para que gravassem nas suas películas o que as palavras dos jornalistas, os relatos dos comunicados não podiam exprimir sôbre a barbárie nazista. E os cine-jornais, tanto quanto o permite a sua exibição em público, serão difundidos em todo o mundo, mesmo entre os alemães, para que êstes e todos os povos civilizados possam encontrar ânimo para extirpar o cancro nazista, de onde quer que êle se abrigue, condenando os criminosos de guerra, limpando de sôbre a face da terra os mais selvagens e indignos sêres que já se intitularem humanos.

Entre os filmes exibidos, e êles trazem tôdas as marcas das diversas emprêsas, o cine-jornal da Paramount n.º 45 — 70/71 em exibição nesta capital, é o mais completo, pois que não se limitou apenas a mostrar um campo de concentração, mas visitou o seu camera-man os casebres de Belsen, Buchenwald, Dachau e outros, onde, contra tôdas as leis e contra todos os princípios de humanidade, a "nova ordem" de Hitler mostra o que esperava a civilização desta "rãça superior", que depois dos bombardeios aéreos de Guernica, Roterdam, Varsóvia, Londres e Conventry e tantas mais, depois dos milhares de mortos nos campos de batalha e de tôdas as terríveis contingências dos combates, revelou ao mundo que pior do que tudo isto era cair prisioneiro dos nazi-fascistas, pior ainda do que a própria guerra!

Seria inútil tentar descrever com palavras o espetáculo de qualquer um dos campos de concentração criados pelos "defensores da civilização européia". Mas o cinema consegue fazer o espectador sentir e acreditar naquilo que os próprios espectadores não possam descrever sôbre as cenas dantescas que seus olhos contemplam. Uma coisa é falar-se em corpos esqueléticos, em homens que rastejam para apanhar migalhas de alimentos entre montões de cadáveres e tendo ainda os sinais das mais espantosas torturas, e outra coisa é poder ver tudo isto, mesmo numa tela de projeção. Mas é indispensável que o mundo todo tenha conhecimento exato das atrocidades cometidas pelo nazismo e que pense profunda e repetidamente nelas. Só assim se conseguirá evitar que uma nova desgraça semelhante aos fascismos corrompa de novo a civilização. A Alemanha caiu vencida pelas tropas aliadas. Cumpre agora tomar-se tôdas as providências para que os criminosos de guerra não consigam de novo arrastar o povo alemão a tolerar tais monstruosidades, tão abomináveis e incríveis, como estas que o cinema apresenta em todo o seu realismo, testemunhadas pelos próprios carrascos, nos campos de concentração da Alemanha.

NOTICIARIO

O Cruzeiro, 02 de junho de 1945 - 0004-A

VOLTA O CINEMA PORTUGUÊS

Por ZITA BRAGA

LISBOA — maio de 1945 — Com o fim da guerra voltam a funcionar os estúdios europeus que já nos deram tantas grandes produções nos anos de paz. Temos notícias que os cinematografistas franceses estão em plena tarefa de reconstrução e os inglêses, que trabalharam mesmo sob bombardeios e os russos, apesar da invasão germânica, estão preparando uma série de filmes capazes talvez de pôr na penumbra algumas das superprodução de Hollywood. Portugal, que tantas boas películas nos tem mandado ultimamente, continua em atividades, prometendo agora linha regular de lançamentos nas casas exibidoras brasileiras. Essa é, sem dúvida, uma nova que vem alegrar grande número de fãs do cinema português, que tem melhorado constantemente de qualidade, podendo ser equiparado aos melhores do mundo.

Para encabeçar essa nova era, já podemos anunciar o embarque de um lote de bons filmes, sendo o primeiro entre êles "Lobos da Serra", uma das melhores realizações de Jorge Brum do Canto, especialista em assuntos rústicos, e agora integrado entre os principais diretores da "Tobis Portuguesa".

Nesse filme, que se destaca pela segurança de sua direção e pela excelência da fotografia, e cuja ação transcorre, em grande parte, em ambientes naturais, ao ar livre, há um personagem, para o qual chamamos a atenção, o belíssimo Cão Vouga cujo desempenho o coloca na galeria dos grandes astros caninos da tela.

(CONCLUI NA PÁG. 79)

CENAS DE "LOBOS DA SERRA", um dos bons filmes portugueses que veremos muito breve.

O Cruzeiro, 09 de junho de 1945 - 0005-A

O POVO OS RECEBEU COM LÁGRIMAS. — Aquela gente humilde que estava no cais do pôrto do Rio — trabalhadores duros e calejados — acompanhou com lágrimas nos olhos a descida dos nove expedicionários brasileiros que voltaram da frente de batalha com neurose de guerra. Êles olhavam a multidão, indiferentes a tudo.

NEUROSE DE GUERRA

Reportagem de JEAN MANZON e DAVID NASSER

Trataremos aqui de uma história, trágica e dolorosa história, em que são personagens os Homens Esquecidos.. Êles, sòmente êles, não nos poderão entender: perderem a lucidez nos campos de batalha e voltaram à Pátria que os esperou em lágrimas, angustiada, porque não a podiam ouvir, nem entender seus aplausos. Mas, esta é também uma história para que não nos esqueçamos. Sempre que os ventos da discórdia lançarem as sementes da guerra entre os povos que combateram pela liberdade e pelos direitos do homem — que as figuras sombrias dêsses "mutilados mentais" pesem no julgamento de cada atitude. E esta é, também e finalmente, a história de uma estranha homenagem: a que nunca foi prestada. A homenagem de uma gente humilde, que no cais do pôrto aguardava o navio dos expedicionários, e que desejava carregar e abraçar aquêles homens, mas não podia fazê-lo, porque êles, eram êles, os Homens Esquecidos.

NO mais aceso da luta, uma equipe de homens admiráveis, chefiados pelo General Sousa Ferreira, diretor de Saúde do Exército, pelo Coronel Marques Pôrto e outros oficiais superiores, — realizava uma das mais difíceis e nobres tarefas desta guerra, salvando vidas em plena frente de combate, removendo feridos para a retaguarda, transportando-os para a pátria, utilizando de todos os recursos disponíveis, terrestres, aéreos e marítimos. Para que essa missão da Saúde do Exército Expedicionário Brasileiro seja perpetuada, um dia a narrativa completa será feita. Limitemo-nos hoje a fixar um dos ângulos mais dolorosos dêsse conflito que envolveu a humanidade: a neurose da guerra. Cumpre-nos

REPORTAGEM APROVADA PELA CENSURA MILITAR

O Cruzeiro, 09 de junho de 1945 - 0006-A

DOS LI

HEROIS SEM ARMAS

NILO SAMPAIO

AGORA que o mundo está retomando o seu ritmo de paz, é de justiça não esquecer os que ajudaram a ganhar a guerra. Homens e mulheres de tôdas as côres, credos e nacionalidades que, unidos pelo mesmo ideal que ilumina a fronte dos que se batem pela Liberdade, deram o melhor de seus esforços e até as suas vidas para que as gerações futuras pudessem encontrar um mundo mais digno e humano, sem as manchas aviltantes do fascismo bárbaro e sórdido.

Entre êsses heróis anônimos estão os capelães militares, heróis que outra arma não possuiam a não ser o poder de sua fé resplandecida na palavra de Deus. Católicos, protestantes, rabinos, todos êles cumpriram leal e corajosamente a grande e piedosa missão. A de levar aos moribundos, aos enfermos, aos desesperançados, o confôrto espiritual cristão das horas supremas ou dos momentos de angustiante expectativa. Mais ainda, a ajuda humanitária nos transes difíceis, o conselho amigo e fraternal, a inabalável confiança na vitória das democracias.

As autoridades militares das Nações Unidas têm reiterado o agradecimento e a sua admiração pelo trabalho dêsses homens de boa vontade que, na tormenta das lutas, no meio de ruinas e de fogo, caminharam lado-a-lado com os combatentes, sempre estimulando, orientando, vencendo os mesmos obstáculos, padecendo os mesmos horrores e desencantos.

E' o que podemos ver afirmado nas páginas intensamente vividas de Eben Cobb Brink no livro "Deus estava conôsco" que as Edições CRUZEIRO acabam de apresentar para o público brasileiro, através da tradução de Enéas Marzano.

O capelão Brink que, com brilhantismo, fizera os seus estudos religiosos no Hamilton College, de Clinton e no Seminário Princeton, logo que os Estados Unidos entraram na guerra contra o "eixo" procurou se alistar no Exército como capelão. Esteve com as fôrças norte-americanas na fase de organização na Irlanda. Depois seguiu e participou de tôdas as lutas da África, Sicília e, finalmente, da Itália. E, nos pouquíssimos instantes de folga, redigiu notas e impressões que mais tarde viriam a constituir êsse esplêndido documentário da guerra que é "Deus estava conôsco". São revelações, incidentes vividos em pleno conflito que nos mostram, antes de tudo, que diante do perigo o pensamento de todos os homens se encaminha para Deus. Algo que o capelão Brink sabe contar e provar numa linguagem simples, repassada de emoção e de ternura.

Não resta dúvida que o livro "Deus estava conôsco" ficará na primeira linha dos grandes depoimentos sôbre a guerra. É um depoimento real, comovente e oportuno. E, principalmente, é a humana história de homens que encontraram Deus. Não nos "templos que a mão do homem constrói" e sim em pleno fragôr de batalhas cruentas e tràgicamente inesquecíveis...

PARIS COBERTA DE NEVE

Cruzeiro, 16 de junho de 1945 - 0007-A

O CRUZEIRO

INDICE

ARTIGOS

UMA NOTÍCIA TRISTE — **Augusta Carolina Bueno** 3
GLÓRIA TRIUNFAL — **Austregesilo de Athayde** 5
VIDA REAL E ROMANCE — **Ledo Ivo** 24

REPORTAGENS

ÓRFÃOS DE PAIS VIVOS — **David Nasser e Jean Manxon** 8
A SOCIEDADE PAULISTA E O FUTEBOL — **Maria Antônia e P. Scheier** 60

POESIA

COLÓQUIOS COM O INFINITO — **Ralph Waldo Trine** .. 50

CONTOS

CAPITÁIN — **Oswaldo Orico** 19
A FADA BOA DO AMOR — **Elaine Heyward** 44
ADOLESCÊNCIA — **Marguerite de Haven** 48

CINEMA

CINELÂNDIA — **Pedro Lima** 20
CINE-REVISTA — **Alex Viany** 40
"À NOITE SONHAMOS" — **Sidney Buchman - Ernest Marischka** 54

HUMORISMO

PIF-PAF — **Péricles e Vão Gôgo** 22
O AMIGO DA ONÇA — **Péricles** 43
TIPOS DE GAROTAS — **Alceu Pena** 46
EVA SEM COSTELA — **Adão Júnior** 86

SEÇÕES

ESCREVE O LEITOR — **Redação** 4
SETE DIAS — **Franklyn de Oliveira** 7
BACK-GROUND — **Fredy** 21
NO MUNDO DOS LIVROS — **Luiz Alípio de Barros** 24
FOTOTESTE — **Tetê Signorelli** 28
MÚSICA — **Antônio Rangel Bandeira** 32
SPOT - LIGHT — **Grock** 38
MUNDANISMO — **Gilberto Trompowsky** 80

ASSUNTOS FEMININOS

LAR, DOCE LAR — **Helena Sangirardi** 72
ELEGÂNCIA E BELEZA — **Elsa Marxullo** 69
DA MULHER PARA A MULHER — **Helena B. Sangirardi** . 68
PÁGINA DAS MÃES — **Ladeira Marques** 74

FIGURINOS E MODELOS

PRÁTICO E ELEGANTE — **Alceu Pena** 67
INVERNO — **Alceu Pena** 70
AGASALHOS — **Hollywood** 76
DETALHES — **Nova York** 88

Outras edições da Emprêsa Gráfica "O Cruzeiro S. A.". — REVISTA DO BRASIL — Órgão de Divulgação Cultural (mensal) — CIGARRA MAGAZINE — O mensário de maior circulação no Brasil — DETECTIVE — Revista policial — O GURI — Revista infantil (quinzenal) — "Seção de Literos" — Editôra.

ASSINATURAS

BRASIL		ESTRANGEIRO	
Um ano	Cr$ 75,00	Um ano	Cr$ 120,00
Semestre	Cr$ 40,00	Semestre	Cr$ 60,00

NÚMERO AVULSO PARA TODO O BRASIL: Cr$ 1,50
Agentes em tôdas as cidades do Brasil e correspondentes nas principais cidades do mundo.

Redação e Administração
Rua do Livramento, 191
Tel. 43-4977 (rêde interna)

Publicidade
Av. Venezuela, 43, 3.º andar
Telefone: 43-7293

Sucursais: Em S. Paulo — R. Sete de Abril, 230 — Fone: 4-4181. Em Belo Horizonte — R. Goiás, 34 — Fone: 2-1928. Em Recife — Praça da Independência, 12.

Publicidade em S. Paulo: SERVIÇOS DE IMPRENSA LTDA. (SILA) RUA SETE DE ABRIL, 230-2.º — Edifício dos "Diários Associados"

Tiragem do presente número pela qual nos responsabilizamos **82.000 exemplares**

Uma notícia triste...

AUGUSTA CAROLINA BUENO

OS jornais do país, entre as múltpilas e sensacionais notícias da última fase da guerra que ensangüentou a Europa, publicaram uma, depois comentada na Hora Nacional, que me impressionou particularmente: — a da provável prisão de uma jovem artista brasileira, que atuava como locutora na Alemanha nazista.

Tantas foram as prisões efetuadas ùltimamente no teatro da guerra, tantos os suicídios, morticínios e fuzilamentos que encheram as colunas dos jornais, que a pequena notícia referente ao aprisionamento, pelos russos, da nossa patrícia, talvez tivesse passado despercebida à maioria dos leitores.

Goebbels, Mussolini, Pètain, Hitler, Clara Petacci e tantos outros, destruídos pela prisão ou pela morte, tomaram o primeiro plano no interêsse de todo o mundo.

Em mim, porém, essa notícia triste, repercutiu dolorosamente no meu espírito, mais do que tôdas as outras.

Privilegiada pela natureza, sendo bela segundo me consta, em pleno vigor de sua mocidade e, tendo ainda como privilégio o dom da Arte, o seu crime pareceu-me quase uma aberração!

Mulher, artista e brasileira!

Parece-me que protegida por essas três condições, tão antagônicas com a "nova ordem" de Hitler, essa criatura nunca poderia colaborar com ela.

Sendo mulher, deveria possuir, como tôdas as representantes do seu sexo, mesmo as mais depravadas, o sentido do verdadeiro amor ao próximo, essa tendência tão feminina em amar, devotar-se, sacrificar-se.

Sendo artista devia ter desenvolvido dentro de si, êsse "sexto sentido", privilégio apenas de alguns escolhidos, sentido superior que eleva o espírito além das ambições e perseguições raciais, nivelando tôda a Humanidade pela magia suprema de sua Arte!

Sendo brasileira e tendo vivido aqui a maior parte de sua vida, não poderia ter esquecido a atmosfera de paz e de tranqüilidade que envolve o Brasil desde os seus primeiros dias, não poderia deixar de valorizar a sua Pátria distante, tão rica de víveres como de liberdade, comparando-a com o asfixiante ambiente de opressão com que a implantação do nazismo cobriu a pobre pátria de Gœthe.

Como pôde ela difamar o seu Brasil longínquo, tão procurado pelos estrangeiros, a quem, de maneira generosa e altaneira, abre, sem exceção, as suas portas, como aos seus pobres filhos?

Não consigo compreender como tais idéias puderam fanatizar essa criatura, a tal ponto, que tornando-a surda ao som doce e mavioso do seu piano, que deveria alçá-la aos mais nobres ideais, só fê-la entender o alarido estridente das trombetas, o ribombar terrível dos canhões, impelindo-a para o crime e para a desgraça.

Não encontro justificativas para o seu ato, embora desconhecendo as razões precisas que a levaram a assim proceder.

Mas, condenando-a sem julgar, não posso deixar, como mulher que sou, de lamentar profundamente essa infeliz, a única brasileira talvez que não sentiu em seu coração a alegria do repicar festivo da Vitória, que não acompanhou carinhosamente os passos dos nossos irmãos combatentes e, para quem a PAZ, não significou o despertar da grande Alvorada, o início de uma era redentora e sim o prenúncio de uma noite tenebrosa, de um triste e humilhante calvário!

O Cruzeiro, 16 de junho de 1945 - 0008-A

Diretor
ANTONIO ACCIOLY NETTO

O CRUZEIRO

RIO DE JANEIRO
ANO XVII — NÚMERO 34
16 DE JUNHO DE 1945

A GLORIA TRIUNFAL

AUSTREGESILO DE ATHAYDE

DENTRO em breve retornarão vencedores os soldados do Brasil...

Longe foram lidar pela liberdade os valentes rapazes, levando no coração a flama tropical, o calor fecundo da sua grande terra.

Galgaram longínquas montanhas, sôbre êles caiu a neve desconhecida, mas as hispidas tempestades não abateram a energia dos combatentes, e quando lhes foi determinado que avançassem, avançaram sôbre o inimigo com a fúria arrasadora das aludes.

Lutaram com honra, segundo as tradições do seu Exército. O seu renome de galhardia, simplicidade e cordura ficou por aquelas terras distantes, aonde Deus permita que, no futuro, só voltemos como irmãos.

* * *

Vamos recebê-los com orgulho, pois êsse é o ímpeto que nos inspiraram os seus feitos, tão altamente proclamados pelos chefes estrangeiros.

Não fomos à Europa como conquistadores. Em nossa bandeira não se inscrevia nenhuma idéia insensata ou injusta.

Éramos um tróço de cruzados, guerreando pela justiça, templários da liberdade, soldados do Novo Mundo expandindo com as suas armas os puros ideais da democracia.

Nem se pode dizer que nos arrastasse a vingança. Seria um sentimento demasiado pequeno para a grandeza moral dos "pracinhas".

O seu objetivo foi colaborar com os homens livres do universo no advento dos tempos melhores. E triunfaram com êles.

* * *

Não fique ninguém alheio ou indiferente à glória dessa volta.

Que o Brasil todo estremeça e cante; que se unam todos na exaltação da esplêndida jornada.

Cada um de nós vibre nas veras mais íntimas da alma e os poetas celebrem nos seus poemas e os músicos nos seus hinos e os estatuários eternizem na pedra e no bronze e os pintores imortalizem nas côres a beleza da Vitória.

Com os vivos regressam também os mortos, na mensagem do triunfo. Construa-se um Panteon para êles, no qual recebam para todo o sempre as homenagens votivas das gerações.

O Cruzeiro, 30 de junho de 1945 - 0009-A

O CRUZEIRO

ÍNDICE

ARTIGOS

EDUCAÇÃO DEMOCRÁTICA — **Ana Amélia Queiroz Carneiro de Mendonça** 3
ASSIM O FARIA O CRISTO — **Austregesilo de Athayde** 5
HENRY JAMES — **Wilson Lousada** 20
PRISIONEIROS — **Franklyn de Oliveira** 21

REPORTAGENS

O GENERAL DINAMITE — **David Nasser e Jean Manzon** 8
A JORNADA DO PACAEMBU — **Nelson Motta e Peter Scheier** 54

CONTOS

OS OLHOS DE ANA — **Garth Spencer** 19
A FUGA — **Rainer Maria Rilke** 44
A MULHER QUE NUNCA CHOROU — **Jack B. Beardwood** 48

HUMORISMO

PIF-PAF — **Péricles e Vão Gôgo** 22
O AMIGO DA ONÇA — **Péricles** 43
LINDAS GARÔTAS — **Alceu Penna e Vão Gôgo** 46
EVA SEM COSTELA — **Adão Júnior** 80

CINEMA

CINELÂNDIA — **Pedro Lima** 24
CINE-REVISTA — **Alex Vianny** 28

SEÇÕES

ESCREVE O LEITOR — **Redação** 4
SETE DIAS — **Franklyn de Oliveira** 7
NO MUNDO DOS LIVROS — **Luiz Alipio de Barros** 20
BACK-GROUND — **Freddy** 25
SPOT-LIGHT — **Grock** 32
MÚSICA — **Ayres de Andrade** 38
FOTO-TESTE — **Tetê Signorelli** 40
MUNDANISMO — **Gilberto Trompowsky** 86
DECORAÇÕES — **Effa Brown** 90

ASSUNTOS FEMININOS

DA MULHER PARA A MULHER — **Helena B. Sangirardi** 68
ELEGÂNCIA E BELEZA — **Elza Marzullo** 69
LAR, DOCE LAR — **Helena B. Sangirardi** 72
PÁGINA DAS MÃES — **Dr. Lacerda Marques** 74

FIGURINOS E MODELOS

"MANTEAUX" — **Alceu Penna** 67
INVERNO — **Alceu Penna** 70
DUAS PEÇAS 76
LÃ E SÊDA PARA INVERNO 88

Outras edições da Emprêsa Gráfica "O Cruzeiro S. A.". — REVISTA DO BRASIL — Órgão de Divulgação Cultural (mensal) — CIGARRA MAGAZINE — O mensário de maior circulação no Brasil — DETECTIVE — Revista policial — O GURI — Revista infantil (quinzenal) — "Seção de Livros" — Editôra.

ASSINATURAS

BRASIL		ESTRANGEIRO	
Um ano	Cr$ 75,00	Um ano	Cr$ 120,00
Semestre	Cr$ 40,00	Sêmestre	Cr$ 60,00

NÚMERO AVULSO PARA TODO O BRASIL: Cr$ 1,50

Agentes em tôdas as cidades do Brasil e correspondentes nas principais cidades do mundo.

Redação e Administração
Rua do Livramento, 191
Tel. 43-4977 (rêde interna)

Publicidade
Av. Venezuela, 43, 3.º andar
Telefone: 43-7293

Sucursais: Em S. Paulo — R. Sete de Abril, 230 — Fone: 4-4181. Em Belo Horizonte — R. Goiás, 34 — Fone: 2-1928. Em Recife — Praça da Independência, 12.

Publicidade em S. Paulo: SERVIÇOS DE IMPRENSA LTDA. (SILA) RUA SETE DE ABRIL, 230-2.º — Edifício dos "Diários Associados"

Tiragem do presente número pela qual nos responsabilizamos **82.000 exemplares**

EDUCAÇÃO *Democrática*

Anna Amelia de Queiroz Carneiro de Mendonça

ENTRE todos os temas do próximo Congresso de Educação Democrática nenhum me parece mais complexo nem mais importante que o da educação para a cooperação internacional e para a fraternidade humana.

Começando por analisar até que ponto a educação pode e deve influir no desenvolvimento moral do indivíduo, comecemos por investigar se as bases psicológicas de uma atitude de universalista e de um espírito cooperador de alcance internacional, podem ou devem ser incutidas na criança por meios diretos ou indiretos, por formas objetivas ou apenas reflexas, por meio de noções ministradas ou simplesmente provocadas através de normas educacionais democráticas, cujos resultados abranjam essa modalidade do comportamento entre os povos.

Tive oportunidade de assistir, em uma assembléia internacional, à mais curiosa reação de um ambiente democrático e independente em face da atitude indiscutivelmente pan-americanista, mas certamente mal orientada, de uma delegada de certo pequeno país. Tratava-se da organização de cursos destinados à juventude de todos os países da América e do ambiente educacional que nêles seria proporcionado aos estudantes, com o fim especial de criar um sólido sentimento pan-americano. E essa senhora, professôra de longa experiência na direção de uma escola secundária, desejando oferecer como exemplo do verdadeiro pan-americanismo a propaganda dessa doutrina na escola que dirige em sua pátria, pintou-nos uma situação de tal forma envolvente armada em tôrno de sua mocidade, uma estratégia de tal forma cerrada em prol dos ideais da boa vizinhança, que despertou, uma após outra, várias vozes de protesto e de comentário revoltado. "Isso não é democracia", disse alguém, "isso é propaganda totalitária". "Não devemos utilizar em prol da amizade entre os povos, os processos característicos do fanatismo naxista", repontou outra. "O respeito e a solidariedade entre os povos não devem ser impostos, mas despertados na consciência da mocidade" — disse uma terceira.

Êsse episódio demonstra como se trata de assunto extremamente difícil, embora cada vez mais urgente, êsse de promover simpatia e compreensão onde até bem pouco tempo só havia ignorância ou desconfiança e onde mal existe agora cordialidade formal ou amizade protocolar, para não fazer referência aos países ainda ensanguentados de ódio. Como se poderá conseguir melhores resultados e quais serão as verdadeiras conseqüências de uma nova orientação educacional num mundo que se regenera — eis o problema que os educadores e os governantes deverão resolver.

Estudemos as tendências das gerações que surgem dentro desta aurora sangrenta. Procuremos auscultar os mais fundos sentimentos dessa mocidade que foi uma infância angustiada pela inquietação do mundo e que resgatou com o seu sangue os erros dos mais velhos. E encontraremos, sem dúvida, um grande anseio de paz e de fraternidade que as nossas mãos devem apenas cercar de zêlo e de trato, porque essa floração espontânea da ternura entre os homens não necessita de milagres da química nem de culturas artificiais.

Basta que exista, realmente, uma educação democrática.

O Cruzeiro, 30 de junho de 1945 - 0010-A

Diretor
ANTONIO ACCIOLY NETTO

O CRUZEIRO

RIO DE JANEIRO
ANO XVII — NÚMERO 36
30 DE JUNHO DE 1945

ASSIM O FARIA O CRISTO

AUSTREGESILO DE ATHAYDE

DORAVANTE inglêses e americanos poderão confraternizar com as criancinhas alemãs, nas zonas de ocupação. Antes não lhes era permitido.

Imagino o constrangimento daqueles veteranos da guerra, muitos dos quais deixaram lá longe nas ilhas brumosas ou na terra iluminada do Novo Mundo, os seus "babies" rechonchudos que os louros pequeninos estavam relembrando.

Como seria duro passar por êles, quantos chorando de fome, quantos privados de seus pais rolando ao desamparo nas cidades semi-mortas, sem poder consolá-los com um afago, dar-lhes um pouco de alimento, mostrar-lhes que eram humanos e ali estavam para salvá-los.

Ah, isso deveria ser acima da fôrça dos soldados americanos e inglêses, vindos daquelas gentes para as quais a criança reflete sempre um pouco da divindade.

PORQUE não chegaram os vencedores às terras conquistadas para castigar crianças e sim com a nobre idéia de educá-las.

Pois se aos próprios animais ferozes, os leões e os tigres, quando pequeninos, dispensamos as ternuras da nossa alma, seduzidos pelas suas graças, como seria justificável essa atitude de silêncio e indiferença diante dos meninos alemães que, segundo o nosso conceito moral da vida, nunca poderiam responder pelos crimes dos seus pais?

Era uma ordem impia e inadmissível e por isso não perdurou.

Um soldado inglês pode, hoje, sem crime, pousar a sua rude mão na cabecinha fatigada do órfão da guerra, para protegê-la.

Assim o faria o Cristo.

NIETZSCHE, em uma das suas sínteses poderosas advertia os que têm de combater monstros contra a possibilidade de se tranformar num dêles.

O mundo lançou-se sôbre o nazismo para aniquilá-lo, sem perder, no entanto, a noção dos grandes ideais de humanidade e justiça que deseja implantar na Alemanha, para que nunca mais volte a agredir os povos livres.

Não fizemos tão longo e cruento caminho para chegar no reduto do inimigo vencido, maus como êle.

O que importa é destruir a classe militarista germânica, o Grande Estado Maior, os recursos materiais de que se serviam para fazer a guerra, as fontes de corrupção do espírito do povo. O que importa é castigar os criminosos.

Mas para isso, não vejo como pudesse servir a proibição de confraternizar com as criancinhas, depositárias de um futuro que almejamos incorporar à comunhão do mundo democrático.

O Cruzeiro, 07 de julho de 1945 - 0011-B

Diretor
ANTONIO ACCIOLY NETTO

O CRUZEIRO

RIO DE JANEIRO
ANO XVII — NÚMERO 37
7 DE JULHO DE 1945

A LUZ QUE NÃO CESSARÁ JAMAIS

AUSTREGESILO DE ATHAYDE

A CONFERÊNCIA de São Francisco redigiu a Carta do Mundo, uma codificação de princípios e regras para garantir a paz da humanidade. Eis o grande fruto da guerra.

Êsse resultado consola dos sacrifícios, justifica o sangue derramado pela juventude, oferece uma nova segurança de que, afinal, os povos poderão entender-se pela justiça e confiar no direito.

O que agora se fêz, vem dos tempos mais remotos, do idealismo helênico, da pregação cristã, dos doutrinários do renascimento. Está em Erasmo.

Os revolucionários da democracia sonharam com a unificação do universo, sob o signo da liberdade de todos e da independência de cada um. Sob a vigilância da razão.

Bossuet previu esta era que ora se abre, da qual Vergílio cantara também as alviçaras, e de que Jesus é o verdadeiro mestre.

* * *

Espíritos cheios de dúvidas lembram os dias calorosos da vitória passada, quando a palavra de Wilson ressoava como uma promessa divina. Então pareceu que a terra iria florescer na paz e na abundância, como se houvéramos conquistado o paraíso perdido.

Não eram menores as esperanças. No entanto, em menos de um quarto de século, tudo desapareceu.

Viu-se como era frágil a árvore regada pelo sangue de dez milhões de homens. De novo as fôrças do mal restauraram o seu poder e investiram os débeis para dominá-los.

Foi preciso reencetar a luta, em condições mais pesadas, outra vez empapar a terra de sangue e nela replantar a semente, para uma segunda germinação.

* * *

O essencial é que a humanidade não desespere e recomece sempre.

O caminho pode ser muito longo, mas não esqueçamos que vem das cavernas e há pouco mais de dois mil anos, as partes mais ilustres dêste mundo eram ainda povoadas de bárbaros.

O fato de que os representantes de cinqüenta nações se reunem e assentam entre si o compromisso de constituir um parlamento e um tribunal para votar a resolução dos seus problemas comuns e decidir as suas pendências, é superior a tôdas as decepções passadas. Como poderia compreendê-lo sequer um homem do tempo de Roma?

Diante dêle os corações levantam-se e o ideal ilumina, como se a sua grande luz não devesse cessar mais nunca.

O Cruzeiro, 07 de julho de 1945 - 0012-B

"O CAPITÃO Ildeu da Cunha Pereira, Comandante do 2.º Grupo de Caça que deverá participar nos combates do Pacífico, elogiou o leite na alimentação dos pilotos, mas em elogio mudo: bebeu um litro. Minutos depois num Mitchell - B-25 - tentávamos acompanhar, a 600 km., o alucinante vôo dos P-40, os caças".

OS "33" DO PACÍFICO

Reportagem de JEAN MANZON e DAVID NASSER

Nossos repórteres vêm de uma jornada de milhares de quilômetros, a bordo de um "Mitchell" (B-25 igual aos do primeiro bombardeio de Tóquio), acompanhando de perto, a 600 kms. horários, o treinamento dos caças P-40 — dentre os mais velozes do mundo — pilotados pelos jovens oficiais do 2.º Grupo de Caça, que representará a F. A. B. no Pacífico, na luta contra os japonêses.

ESTA história bem podia começar naquele minuto em que o oficial superior dos "Tigres Voadores" — o General Chenault — disse simplesmente ao Coronel Bonawitz que os Estados Unidos necessitavam-lhe a experiência em outro setor menos heróico e de maior utilidade. O Coronel Bonawitz derrubara em dois minutos dois "zeros" e conhecia profundamente o corpo e alma do P-40 — o avião de caça ideal para o combate aos japonêses. Depois de vários episódios em terras diferentes, Bonawitz tomou o rumo do Brasil, com a missão traçada: — aplicar seus conhecimentos sôbre o P-40 no treinamento de guerra dos jovens pilotos brasileiros. Não era apenas a parte mecânica, a revelação da máquina e seu funcionamento, mas da técnica dos combates aéreos, dos vôos rente ao sólo, dos ataques contra alvos móveis e fixos, na terra ou na água. Se o trabalho do coronel de tigres-voadores deu bons resultados — a resposta está no fato divulgado pela imprensa norte-americana, sôbre a desnecessidade de um longo estágio para êsses rapazes, antes da ida para o Pacífico.

Numa base aproveitada à engenharia alemã, justamente aquela que servia de pouso e hangar aos zepelins, os engenheiros militares brasileiros e norte-americanos prepararam os campos de treinamento. Pistas de concreto foram construídas para aviões de todos os tipos. Ao redor do grande hangar de dirigível, os alojamentos para oficiais oferecem hoje relativo confôrto. Não há confôrto demasiado, porque os oficiais superiores consideram indispensável a adaptação dos pilotos à rude vida de linha de batalha. As oficinas de reparos estão situadas dentro

O Cruzeiro, 07 de julho de 1945 - 0013-B

No Mundo dos Livros

O ARCO-IRIS

GERALDO DE FREITAS

TODOS nós, que jamais descremos da vitória da Rússia contra o fascismo coligado europeu, mesmo nos duros dias de Stalingrado, sabíamos pelos telegramas censurados as razões da resistência e confiança do povo soviético. Hoje, que podemos ver no cinema, com as côres terríveis da realidade, a guerra levada a efeito pelo fascismo contra os russos, só igualada pela guerra dos invasores nipônicos contra os chineses, cheia de brutalidades, ódio e planos de extermínio de populações inteiras, compreendemos perfeitamente as razões russas de impiedade para com os fascistas alemães.

Nós, os democratas de todo o mundo, ficaremos mais esclarecidos a êsse respeito, e abriremos maiores clareiras na nossa capacidade de simpatia para o povo russo, para os operários infatigáveis, para os camponeses indomáveis, para as crianças heróicas, para os velhos decididos, depois da leitura de "ARCO-IRIS", admirável novela sôbre os combatentes soviéticos.

A autora, Wanda Wasilewska, era uma correspondente do Exército Vermelho. Pela sua capacidade emotiva, pela sua fôrça realista, pela presença heróica de seus personagens, mereceu o ambicionado "PRÊMIO STALIN DE NOVELA", alcançando nas primeiras semanas mais de um milhão de exemplares.

"O ARCO-IRIS" mostra o heroísmo russo, não coletivamente, mas presente em cada pessoa. Velhos e moças, diante das baionetas alemãs, transformam-se bravamente de camponeses e donas de casa em guerrilheiros incansáveis e alertas. A história passa-se numa vila da Ucrânia. Os heróis desta história não eram soldados quando os alemães invadiram a Rússia. Os fatos sucederam-se quando os nazistas tentaram forçar a silenciosa resistência dos remanescentes da população que ficaram na vila.

Êsses personagens são uma dona de casa, de quarenta anos de idade, transformada em guerrilheira. Outra, a mais bela garôta da vila. Há também uma infeliz, que serve os alemães. Há, numa bela e comovente variedade, cenas de pavor, de heroísmo, de amor e de vingança. Há o julgamento de um traidor russo pela população da vila, mesmo sob a brutal ocupação nazista.

"O ARCO-IRIS" revela não apenas o sadismo nazista, a sêde de sangue, os planos de domínio do mundo dos fascistas, a rapinagem germânica, mas com simplicidade e espantosa fôrça narrativa, o heroísmo do povo soviético, na sua infatigável luta pela libertação da pátria e redenção da liberdade no mundo.

Os brasileiros, que jamais negaram sua simpatia ao povo russo, encontrarão em "O ARCO-IRIS" muitas explicações para apoio desta simpatia, que não é apenas reconhecimento da bravura de um povo, mas principalmente comunhão na mesma confiança no futuro livre do mundo, nos mesmos ideais democráticos, no mesmo desejo de eliminar de uma vez para sempre o fascismo reacionário e covarde.

"O ARCO-IRIS" é um livro nobre, porque exalta o que o homem e a mulher têm de mais valioso e durável — o amor à sua terra, a fidelidade ao seu povo, a dedicação à liberdade.

POSTO DE BATALHA

No número de junho do "Esquire", Sinclair Lewis substituiu Bennet Cerf como crítico literário daquela revista, e aqui se segue — em parte — o enunciado dos princípios que seguirá em seu trabalho:

"Farei uma crítica seletiva, esforçando-me para dar atenção aos autores que julgo de especial significação ou promessa, considerando certos alvos, certos perigos e certas alviçareiras promessas da presente Literatura Americana. Não empreenderei a inclusão de livros sem finalidade, nem farei revisões rotineiras."

Tudo isto parece muito bem, entretanto os leitores não devem ficar surpreendidos se muita perturbação resultar daí, pois Mr. Lewis não é nenhum novato em polêmicas de crítica ou lutas verbais...

NOVIDADES

Lançado pelos *Amigos da Poesia*, em bem cuidada edição, acaba de aparecer *O Engenheiro*, livro de poemas de João Cabral de Melo Neto, jovem poeta pernambucano.

* * *

Camilo Soares acaba de escrever uma série de pequenos retratos poéticos. São pequenos poemas em que o intelectual mineiro retratou figuras da literatura brasileira contemporânea como Carlos Drummond de Andrade, Manuel Bandeira, Augusto Frederico Schmidt, entre outros. Há na série também retratos de alguns escritores de gerações mais novas, como Cláudio Tavares Barbosa, João Cabral de Melo Neto e Antônio Rangel Bandeira.

* * *

Antônio Rangel Bendeira vai publicar o seu livro *Poesias* pela Editôra O CRUZEIRO. O livro consta de três partes: "Poemas de janeiro", "Musa aventureira" e "O Baralho". Como já assinalou Guilherme de Figueiredo, o autor realiza a sua poesia sob a constante de uma forma própria de expressão poética, raro entre os novos poetas. O livro de Rangel Bandeira reúne poemas de 1938 a 1945.

* * *

Uma das boas histórias marítimas aparecidas ultimamente foi sem dúvida o romance de Edmund Gilligan, *A mulher descarnada*, que a Editôra O CRUZEIRO lançou não faz muito.

* * *

De *O Livro*:

"O romance "The Razors Edge" de Somerset Maugham, recentemente publicado, figura em primeiro lugar entre os livros mais vendidos nos Estados Unidos.

Êsse escritor inglês ganhou, em 25 anos de produção literária, mais de dois milhões de dólares que correspondem a 60 milhões de cruzeiros.

Sòmente quatro escritores britânicos, seus contemporâneos — Bernard Shaw, Rudyard Kipling, James Barrie e John Galsworthy, alcançaram êxito econômico comparável ao de Somerset Maugham.

* * *

Apesar de serem os mais elevados do mundo os direitos autorais nos Estados Unidos, nenhum escritor vivo dêsse país ganhou, com a publicação dos seus livros, três milhões de dólares como o seu colega britânico."

* * *

Um dos melhores livros da moderna literatura norte-americana é "A comédia humana", de William Saroyan. Livro humano, escrito contado numa linguagem cheia de poesia, o romance de Saroyan teve um merecido sucesso não sòmente na América do Norte, mas em todos os países onde foi publicado em tradução. Agora, a segunda edição em tradução brasileira foi lançada pela Editora Científica.

* * *

Nelson Rodrigues, o autor do excelente *Vestido de Noiva* está realizando um ciclo de 10 peças que contam a história de uma mulher, desde o seu nascimento até à sua morte.

* * *

Voltou do "front" o repórter Joel Silveira. Êle se encontrava como correspondente de guerra dos DIÁRIOS ASSOCIADOS junto à Fôrça Expedicionária Brasileira.

* * *

Está completamente esgotada a primeira edição do livro de Verônica Dengel, *Beleza e Personalidade*. A Editora O CRUZEIRO entretanto está preparando a segunda edição do livro, que foi traduzido por Elza Marrullo, orientadora da seção *Elegância e Beleza* desta revista.

* * *

Um ótimo livro de contos: *Ah King*. Autor: Somerset Maugham. Editora: Livraria do Globo.

O Cruzeiro, 14 de julho de 1945 - 0014-B

COM O TÉRMINO DA GUERRA a moda modifica-se. Nos chapéus, nos vestidos e aos poucos em tudo. Aqui vemos algumas novidades em matéria de bôlsas. À esquerda: Modêlo em camurça, com fecho de cristal, de Joseph of Gold Seal. Em cima: Modêlo em camurça, com aplicação em material plástico e letras de metal, de Harry Rosenfeld. À direita: Conjunto de chapéu e bôlsa de plumas, de Florence Reichman. Em baixo: Bôlsa de camurça e plástico, de Harry Rosenfeld.

O Cruzeiro, 21 de julho de 1945 - 0015-B

Diretor
ANTONIO ACCIOLY NETTO

O CRUZEIRO

RIO DE JANEIRO
ANO XVII — NÚMERO 39
21 DE JULHO DE 1945

A Imortalidade do sacrifício

AUSTREGESILO DE ATHAYDE

DENTRO em pouco estarão, novamente, na terra da Pátria os soldados do Brasil. Voltam com as palmas triunfais e vamos recebê-los entre alvíçaras e cânticos.

Foi um tributo custoso à sustentação da liberdade, e seiscentos dêles nunca mais hão de tornar.

Ficam no cemitério de Pistoia, como testemunho do idealismo do povo brasileiro, como prova de que se levanta no mundo um outro valor positivo, com que até então não se contava para a defesa da justiça.

Os "pracinhas" representam a unidade do Brasil. Diante dêles não há partidos nem divisões.

E' o povo inteiro que os aclama, na grande confraternização das suas armas vencedoras.

AS futuras gerações sentirão o nobre orgulho dos seus feitos, como nós nos rejubilamos no heroísmo dos nossos antepassados.

E' uma glória nunca ter puxado a espada para oprimir e tirá-la sempre, com denôdo, na proteção do direito.

Poderíamos ter ficado displicentemente neutros, assistindo, como ativos vendedores de mercadorias, o desenvolvimento da peleja, apoiados na tese de que tudo se passava demasiado longe para que nos devêssemos empenhar no tremendo choque.

Mas desde o primeiro dia, a sensibilidade do povo brasileiro percebeu de que lado estava o seu próprio destino e realmente nunca duvidou entre os beligerantes, colocando-se, na hora mais grave com os que pareciam perdidos e de fato estariam, se não os iluminasse a fé que remove as montanhas e abate a soberba dos prepotentes.

A JUVENTUDE regressa radiosa, penetrada da responsabilidade das suas experiências e mais firme nas convicções que a levaram aos campos de batalha.

Cada soldado é hoje mais democrata, pela certeza de que não há outra forma de convivência harmoniosa entre os homens.

Viram nos americanos e nos ingléses o valor prático dos regimes de liberdade, quanto podem fazer as nações sem tiranias, governadas por si mesmas.

Demos às festas da sua chegada o sentido de uma calorosa adesão aos ideais que os levaram a terras tão distantes, em nome do Brasil.

Aos mortos, as honras devidas aos mártires, a saudade e o amor reverente, os monumentos perenes, e sobretudo o voto de que no clamor com que recebemos os seus companheiros mais felizes, celebraremos também a imortalidade do seu sacrifício.

00631983

O Cruzeiro, 21 de julho de 1945 - 0016-B

SETE DIAS

A semana deixou estas lembranças

1

"AUX ARMES, CITOYENS! Formez vos bataillons! Marchons, marchons..." Veio de sábado último, 14 de julho, a mais bela recordação da semana. Mas creio que agora os clarins de França não estão chamando às armas. Êles conclamam hoje pelas rudes e ásperas mãos da criação, os arados revolvendo campos, todos os homens reedificando a cidade. Não sou indiferente ao teu apêlo, doce França. Carregarei pedras para tua reconstrução. Meu sangue, unido ao sangue múltiplo e generoso de teus filhos, será o cimento, o aço e o ferro de tua nova edificação. E' assim que te quero servir e cantar com o ímpeto flamejante dos profetas antigos que exaltaram a glória do Senhor! Carregarei pedras para tua reconstrução... Operário, soldado ou camponês, fôrça elementar da terra, ritmo virgem da natureza, com a minha barbária sul-americana acenderei auroras na noite densa de tua civilização ofendida e humilhada! Não tenho penas pelo teu sacrifício: ardem em meu coração ódios, iras, rebeldias, vinganças contra os que te escravizaram. Como poderia amar-te com piedade, quando sinto rasgados em meu sangue, dilacerados em minha carne os vilipêndios que atingiram as fôrças místicas de tua eternidade? Minha intuição india, abrasada de sol tropical, queimada dos sais das praias livres, adivinha os sutis raquintes de teu platonismo, de tuas formas intangíveis e tuas idéias imponderáveis. E porque assim te adivinho, os cavalos selvagens que trago pulando no meu sangue, disparam na marcha rádiante que te dará libertação e vitória! Ouves esta ouverture? E' a sinfonia de tua cavalgada, a rapsódia dos cascos e das patas que têm asas batendo no solo, quebrando no solo empapado de sangue, fecundado de ira, os grilhões que te acorrentavam, as algemas que te martirizavam!

2

SE CHEGASSES INESPERADAMENTE não me surpreenderias. Sei que tôda esta longa espera tem sido por ti, não mais alguém. Então te receberia com ternura tôda minha. Não seria a exaltação poética, o incêndio passional flamejante mas efêmero. Em lugar disto, a ternura mansa, tranqüila e quieta, cada vez mais intima e envolvente, doçura e indulgência, algo que compreende mesmo quando tudo é incompreensível: a sorridente humildade sentimental de que nem sequer suspeitas, êste lirismo humorístico que se esconde nos corações lentos de máguas e cansaços. E seríamos irônicamente felizes.

3

ESTA E' A GRANDE GRANDE OFENSIVA dos povos. A ofensiva da paz. Consagrada na nova Carta Mundial de Segurança e que começa, agora, a ter sentido objetivo. Por exemplo: a prisão de Alfred Krupp, cuja sanha de ganhar dinheiro fabricando armas o incluiu nos articulados do libelo contra os criminosos de guerra. Nutrindo de aço e fogo os bandos de rapinagem que desde 914 têm assaltado povos e nações, Krupp é um "gangster" que precisa ser imediatamente eliminado. Mal chegavam ainda agora a Berlim russos, inglêses e americanos e êle já estava solicitando permissão para que suas fábricas voltassem a funcionar. Quando o povo alemão reduzido à miséria pelo nazismo pede pão, Krupp propõe-se a lhe oferecer de novo armas. Deixemos que voltem a trabalhar as fábricas de Leipzig e enquanto elas derem brinquedos para os meninos do Reno levemos Herr Krupp para um muro de fuzilamento. Mein Herr e sua "gang".

4

NESTE FIM DE TARDE, enquanto a noite não vem, humorística e fria, esparramando-se docemente no riso irônico das estrêlas, coleciono pensamentos. Encontro em Walt Whitman: "Enquanto os lilases permanecerem floridos no portão dos jardins e a grande estrêla da tarde não aparecer no céu da noite, eu me entristeço e me entristecerei ainda mais com a primavera que sempre volta, ó retornante primavera, três coisas certamente você me trax: a estrêla caindo no oeste, os lilases florindo perenemente e o pensamento daquela que amo". E em Shakespeare: "O verão é rico e cheio de promessas. Mas quando ela está ausente o canto dos pássaros é tão vazio e insensível que as flores empalidecem temendo a aproximação do inverno". E neste triste Millôr Fernandes: "Vocês que a conheceram tão bem, conheceram tudo isso, sabiam-lhe todos êsses encantos. Em noites claras de lua, em frias noites hibernais, em longos passeios em domingos claros, quem a conheceu porém intimamente, suas doçuras e suas revoltas, sua alma turbulenta e seu corpo ardente fui só eu. Que turbulências, trágicas noites tivemos, juntos e amargos, perdidos sòzinhos dentro de nós mesmos sem encontrar no outro o que tanto nos unia. E de repente ela rompia num chôro. Era como se houvesse lágrimas, prantos, era como se houvesse mortes e aflições em nossas almas assim no perdido e na escuridão em que ficávamos". Muito mais triste está Pablo Neruda: "Puedo escrebir los versos más tristes esta noche. Pensar que no la tengo. Sentir que la he perdido. Oir la noche immensa, más immensa sin ela. Estoy triste; pero siempre estoy triste. Vengo desde tu braxos. No sé hacia dónde voy". E Federico Garcia Lorca pede, "Solo tu corazón caliente y nada más". Wladimir Maiacovski também quer: "Sou todo carne, todo homem e peço teu corpo como os cristãos pedem o pão-nosso-de-cada-dia: dá-me!"

5

TOCAI, SINOS, cantai com tôda a fôrça dos vossos bronzes, pelos expedicionários que vão chegar...

6

O CARGUEIRO "BÊLF" atracou no cais do Recife. Desembarcaram alguns sobreviventes do cruzador "Bahia". Um dêles falou. Logo que houve a explosão, dezesseis marinheiros atiraram-se ao mar, procurando agarrar-se às balsas. Já dentro do pequeno bote, alguns morreram, não resistiram aos ferimentos. Vários outros enlouqueceram e atiraram-se ao oceano. Quando foram recolhidos pelo "Belf" restavam apenas quatro. E o Tenente Lucílio ainda afirmou ter visto o Capitão Silvio Trilo numa balsa que depois se distanciou da sua, tomando destino ignorado. Isto, sem mais palavras, é tragédia.

7

UMA VEZ QUE OUTRA você encontra um coração humano que trax à porta êste aviso: "É proibida a entrada".

F. O.

O Cruzeiro, 28 de julho de 1945 - 0017-B

Diretor
ANTONIO ACCIOLY NETTO

O CRUZEIRO

RIO DE JANEIRO
ANO XVII — NÚMERO 40
28 DE JULHO DE 1945

AUSTREGESILO DE ATHAYDE

ESTIVE examinando, pacientemente, na história, se houve nela outro período de tantas e tamanhas agitações quanto o nosso.

Nos tempos mais remotos, as guerras feriam-se entre pequenas nações, os exércitos eram relativamente diminutos, e se os vencedores destruíam as cidades, passavam a fio de espada os homens e reduziam ao cativeiro mulheres e crianças, tudo isso afetava muito pouco ou quase nada o destino do resto do mundo.

As narrativas daqueles conflitos é que os trouxeram mais tarde ao interêsse da humanidade, da qual na época se achavam mais remotos do que em nossos dias.

As cruzadas, as guerras de religião, foram longas no tempo, mas constaram de curtos episódios e os seus influxos nas idéias contemporâneas demasiado lentos, estirando-se nos séculos.

* * *

Coube-nos o privilégio de ver, em trinta anos, os maiores acontecimentos do mundo, as transformações mais radicais, as descobertas de máximo porte. Por isso a nossa emotividade embotou-se e os fatos conseguem apenas pousar, por alguns instantes, em nosso espírito, e logo partimos cèleremente à busca de novas revelações.

"— Que há de novo ?", perguntávamos ansiosos, alguns minutos depois de haver sido anunciado o fim da guerra na Europa.

Uma notícia que encheria meses da existência dos nossos antepassados, das suas preocupações e curiosidades espirituais, mal chega para aquietar um minuto do dinamismo insopitável em que vivemos mergulhados. Não há catástrofe que nos comova, além do tempo suficiente para saber se havia entre as vítimas algum amigo ou conhecido e sublinhar, com uma exclamação apressada e convencional, a sorte dos mortos.

Nós, que vimos cidades inteiras, com os seus monumentos sagrados, com as suas indústrias, riquezas e empreendimentos, acabar no fogo de algumas horas de bombardeio!

* * *

Nada tem mais importância, homens ou coisas. Nada é imprescindível ou sequer digno de lamentação mais prolongada.

Em quinze dias desapareceram Roosevelt, Mussolini e Hitler e mal essas figuras gigantescas sairam do cenário, pareceu que os séculos pesavam sôbre as suas sepulturas.

Estranha observação! Tenho às vêzes a idéia de que as fantasias dos romances, dos dramas e das tragédias, as imagens poéticas, as irrealidades dos contos e novelas têm maior consistência espiritual que os fatos reais, desenrolados, à maneira de catadupa, aos nossos olhos impassíveis.

Uma ansiedade universal consome as nossas almas. Há trinta anos o mundo entrou numa faixa de tempestade e de sombra e os mortais vão com êle, arrastados para novos destinos, sem vagar ao menos para compreender a imensa revolução dos tempos.

O Cruzeiro, 28 de julho de 1945 - 0018-B

GENERAL MAC CLARK, Comandante do 4.º Corpo de Exércitos, assiste à chegada da Fôrça Expedicionária Brasileira, que fêz parte das tropas sob sua direção.

GEN. MASCARENHAS DE MORAIS, Comandante da F.E.B., que veio de avião, comparece ao cais do pôrto e, ao lado do General Clark aguarda nossas tropas.

A VOLTA

JEAN MANZON ★ DAVID NASSER

"-EU sou Nacod do Carmo, — com "d" no fim— soldado da Divisão de Infantaria Expedicionária. Soldado raso, bom rapaz, cidadão humilde, nascido e criado no subúrbio de Bento Ribeiro, à margem dos trilhos da Central do Brasil. Saí do Rio há mais de um ano e das coisas que assisti lá, os correspondentes de guerra da F. E. B. já falaram melhor do que eu falaria. Quero, apenas, dizer como fiquei espantado com o espetáculo de minha cidade, na hora da descida. Esta é, portanto, a reportagem de guerra feita no Rio por um soldado da F. E. B. Principiarei contando a nossa partida da Itália. Tínhamos feito amizades e já estávamos nos acostumando ao clima da gente de lá. Não sei se me entendem bem. Os homens e as mulheres do povo italiano são bons e tínhamos a impressão, depois de um ano, que vivíamos em casa. Naturalmente faltava algo: faltava o que nenhum de nós sabia dizer o que era. O céu era igual. O chão era igual. Creio mesmo que o moreno das morenas era igual e nas signorinas italianas, mal humilhadas pela fome, ainda encontrávamos vestígios da encantadora arrogância das nossas mulheres mais lindas. Palavra de honra que não seria difícil a um de nós viver longos anos na Itália, se não sentíssemos a ausência de algo tão sutil, que um expedicionário definiu como: "—Um cheiro que a gente não sente, uma côr que a gente não vê, um beijo que a gente não dá: tudo isto é a pátria longe". Era triste, ao embarcar de volta, ver os olhos onde a inveja era uma coisa honesta e digna, os olhos dos

AS CONDECORAÇÕES DO GENERAL MAC CLARK

AS CONDECORAÇÕES DO GENERAL MASCARENHAS DE MORAIS

O Cruzeiro, 11 de agosto de 1945 – 0019-C

7 DIAS

A semana deixou estas lembranças

1

DOMINGO, PAZ NO MUNDO, cordialidade e calma e lux sorridente. Agora é noite, de maneira que vou contar a vocês o que durante o dia me aconteceu: pensamentos, sentimentos, coisas silenciosas. Vocês sabem, quatro paredes de um apartamento não constituem um lar. Há livros, quadros de Bianco, meus cachimbos voluptuosamente tratados, cortinas nas janelas. Mas não é um lar. Não podemos ter um jardim. E rosas em jarras não convencem. Nossos olhos devem descobri-las nos hastis, ou então Deus não existe. Como poderei, também (e isto é uma velha história da infância) criar coelhinhos, angorás legítimos, brancos, cinzas, negros, malhados? Ora, no meio de tanta indiferença não tem nenhuma importância que êste "abat-jour" siga aqui dentro o exemplo das árvores que dão sombra. Falta, sobretudo, o macio calor humano de certa presença, de alguém que receba a parte de mim mesmo que espera ternura e que me dê por sua vez a melhor parte de si mesma até êste momento solitária. Alguém que não se afaste de mim quando eu seguir para ela. Abro as janelas e espio a rua. Vocês sabem que êste é um gesto trivial, frívolo, vulgar, mas êste é o gesto do homem que está sòzinho, perdido, desamparado. Espio a rua para sentir ainda mais triste e frio o mundo e nada mais neste mundo existe que possa fazer voltar à vida as coisas que estão morrendo. Que importa, Maria, que haja riso e não apenas riso, e canto e música em igual proporção? Depois daquela nossa conversa na Lagoa, significam apenas sombra, rosas soluçando na sombra. Mesmo que uma coisa siga incessantemente a outra coisa, algo termina, está morrendo, e aqui ou em outra qualquer parte, quem poderá fazer você esquecer tôdas as coisas que queres esquecer? Também, Maria, estou cansado de ansiar por alguma coisa, mas sinto que não posso parar, parar. Algo que de um modo ou de outro esteja além da morte, eis o que espero. Hoje, domingo, estive mais triste do que te saberia dizer. Homens, por que chorais? Suponho que as recordações trazem o pranto. Bem, não quero proferir uma só palavra falsa. Uma só palavra que represente ultrajante injúria a tôdas as coisas caladas, lutas, desenganos, sonhos, memórias da melhor parte do coração de todo homem. Sei que ser feliz é uma coisa muito simples: é estar apenas perto de alguém maravilhoso que amamos. E não dar um passo sem ternura. Entretanto, quem poderia explicar por que a nossa vida vai sempre seguindo por um caminho e as outras vidas que queríamos acompanhar seguem sempre por outros caminhos e nunca se encontrando? Algo de mim, Maria, permanece lá naquela noite da Lagoa, naquele tempo da noite já tão distante. Sei que iremos embora dêste mundo sem nunca encontrar resposta para as nossas perguntas, que não são mais do que uma ou duas, nada mais do que duas ou quatro, e entre estas, quem me responderá por que o mundo escolhe justamente uma vida jovem para ferir, ferir patèticamente, ferir até à morte de quase todos os seus sonhos, os sonhos chegando mortos de entre coisas rôtas e dilaceradas, não mais a coisa mais miraculosa e surpreendente sôbre a terra, apenas a mais triste, triste, triste, e nada mais que lágrimas, lágrimas, nada mais que lágrimas, sòmente lágrimas, por que lágrimas e nada mais que lágrimas? Por cima do sofrimento enorme alguém ama, amam os que se vão amar além da morte, amai almas que um dia voltareis a encontrá-las, vós que vinde de entre as coisas mais desamparadas, perdidas e de cortar o coração! Maria, Maria, mañana és lunes y hay trabajo e eu tenho de me ir embora, ainda que não haja nem um lugar do mundo para onde ir se você não estiver lá.

2

"VIVEMOS, EXPERIMENTAMOS que somos eternos." (Spinoza).

3

VOCÊS NÃO SABEM COMO é difícil para um jovem escritor que vive profundamente interessado nas recordações e esperanças dos homens mais do que em qualquer outra coisa, ter que escrever sôbre o incêdio do "Empire State". Ter que escrever porque isto foi uma coisa que aconteceu e a revista reclama objetividade, embora eu pense que muito mais real do que o encontrão de um "B-25" num edifício de 102 andares é o sonho de uma menina, a queda de uma rosa. Pego assim mesmo o assunto, faço uma análise rotativa, procurando o prisma em que a melhor luz incida na melhor face. Vejo sujeitos de binóculos na calçada da Biblioteca Pública de Nova York espiando para cima, tento ouvir o rumor do avião batendo no prédio, sigo o bailado vermelho e surrealista das labaredas dançando nos últimos andares, as casas do parque central de Manhattan abaladas, uma chuva de fragmentos de vidros e destroços derramanlo-se no solo, os elevadores caindo, as escadas dos bombeiros lançadas para o ar desafiando o fogo, e gente morrendo, e a neblina não tendo nem um remorso na consciência pelo desastre que provocou e cinco mil pessoas em pânico. Vou tentanto, mas não consigo escrever uma só palavra. Ou consigo apenas dizer a vocês que apesar de todos os incêndios, homens morrendo, casas se destruindo, o mundo continua crescendo e vejo, cada vez mais solidário, mais unido numa indivisível comunhão, mau grado tôdas as distâncias, o homem, o homem sôbre a terra.

4

TODO HOMEM QUE CHEGOU a tocar na substância profunda da existência e compreendeu que as atuais condições de vida frustam a sua ampla finalidade é necessàriamente um revolucionário.

5

DEPOIS DE TER SIDO PRÊSO perto de Viena, Pierre Laval foi entregue ao I Exército Francês. Acuso Laval não só em face de tôdas as suas canalhices e traições como também em defesa da gravata branca, que deve ser uma gravata de gente decente. Gosto desta espécie de gravata, e sou um sujeito tão decente que sou pobre e gosto daquelas gravatas, embora elas sejam caras e como sujam fàcilmente temos de mandá-las ao tintureiro que cobra oito cruzeiros para lavá-las. E se um suíno como Laval as dependura no pescoço, não há tinturaria que dê jeito. No libelo levantado contra o traidor, peço permissão para incluir êste articulado preliminar: acuso Laval de haver maculado uma das coisas mais puras e indefesas do mundo: um pedaço de pano branco.

6

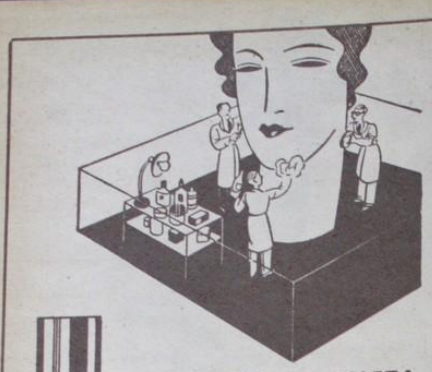
"SE EU FÔSSE DEUS teria pena do coração dos homens..." (Maeterlinck).

7

"SE UM DIA EU FÔSSE teu e fôsses minha, o nosso amor conceberia mundos e de teu ventre nasceriam deuses." (Raul de Leôni).

F. O.

O Cruzeiro, 11 de agosto de 1945 – 0020-C



UM INSTITUTO DE BELEZA DENTRO DE UMA CAIXINHA

Cera Mercolizada (Mercolized Wax) é um produto de beleza que penetra fundamente nos póros, e dissolvendo todas as impurezas, absorvendo imperceptivelmente as partículas da péle áspera e morta, faz aflorar à superfície outra péle nova, sedosa e fresca. Experimente Cera Mercolizada durante dez dias e verá que toda a arte de parecer bela póde ser resumida no uso constante de Cera Mercolizada.

COMECE HOJE A USAR

CERA MERCOLIZADA

PORLAC - *depilatório, acaba com os pelos e é inofensivo.*
STALLAX - *o Shampú que limpa e amacia os cabelos.*

A VENDA EM TODAS AS BOAS FARMACIAS E PERFUMARIAS

Na "PROVA DO TANQUE" não há outro igual!

exclama Dona MINERVINA

Mas, cuidado! O Sabão Minerva está sendo imitado na côr, mas não na qualidade. Ao comprá-lo, verifique bem a marca. Minerva, agora, é assim...

O SABÃO MINERVA SAI BARATO PORQUE PROTEGE O QUE LHE É CARO

UMA GUERRA ENTRE CO

QUANDO SE DEFRONTAM A CORAGEM E O FANATI

ANTES de 7 de dezembro de 1941, o americano em geral via no japonês apenas um sujeitinho cômico que se curvava todo para pedir desculpa. Também conseguia fazer sucesso como hortelão ou mordomo.

Como guerreiro, porém, o japonês fazia rir. Seu exército não fôra capaz de dominar a velha e alquebrada China em quatro anos, e sua marinha lançara ao mar um navio de guerra, tão mal construído, que virara ao bater na água.

No entanto, essa impressão foi destruída para sempre pelas bombas que caíram em Pearl Harbour. No lugar do antigo homenzinho ridículo, perito no cultivo de flores e na arrumação de mesas de chá, surgiu um guerreiro terrível que marchava o dia inteiro alimentando-se únicamente com um punhado de arroz e morria com um sorriso nos lábios. Era tão fanàticamente patriota, que não hesitava em rasgar as entranhas caso percebesse qualquer sinal de derrota no campo de batalha.

A imagem do guerreiro japonês atingiu proporções aterrorizantes nas Filipinas, na Malaia e nas Indias Orientais. Desembarcava em praias cobertas de coral e avançava através de selvas impenetráveis. Utilizou-se de bicicletas para percorrer a península da Malaia e de tanques para entrar em Luzon.

Ao invés de simples imitador, o japonês mostrou-se — pelo menos em sua imaginação — um dos mais engenhosos e inteligentes guerreiros de todos os tempos. O Zero superava qualquer dos nossos aviões em luta no Extremo-Oriente. Nas selvas, o japonês vestia-se de verde, trepava nas árvores e realizava proesas incríveis. Nenhuma aventura militar era perigosa demais, nenhum obstáculo natural intransponível, para os surpreendentes filhinhos do céu.

Felizmente, após os primeiros meses de luta, os soldados americanos começaram a reduzir as proporções do japonês dentro dêsse quadro em que nós o víamos. Bataan destruiu a imagem do guerreiro impossível de ser detido em suas avançadas, e as batalhas do Mar de Coral e Midway mostraram que também podíamos conseguir vitórias. Depois, os fuzileiros levaram a efeito os espetaculares desembarques nas ilhas Salomão e os comandos realizaram reides a diversas posições fortificadas inimigas. Isso mostrou que o japonês era tão suscetível à fôrça e à surprêsa quanto qualquer outro soldado.

No entanto, permanecia de pé ainda a incrível valentia do japonês. O medo era coisa completamente desconhecida para êle e sua morte verificava-se sempre em circunstâncias heróicas.

O JAPONÊS é um guerreiro perigoso por seu fanatismo. Cumpre ordens por mais absurdas que sejam, despersonalizando-se por completo até o suicídio.

O Cruzeiro, 18 de agosto de 1945 – 0021-C

Diretor
ANTONIO ACCIOLY NETTO

O CRUZEIRO

RIO DE JANEIRO
ANO XVII — NÚMERO 43
18 DE AGÔSTO DE 1945

O SÍMBOLO da REDENÇÃO

AUSTREGESILO DE ATHAYDE

OS Três Grandes realizaram em Potsdam um grande trabalho em benefício da humanidade inteira. Como juizes sentenciando em nome dos mais altos interêsses da justiça, desferiram contra o militarismo germânico o golpe de misericórdia.

No próprio palácio de Frederico, o Grande, recinto sagrado das glórias do Reich, três cidadãos dirigentes das democracias vitoriosas, com tôda a simplicidade, sem nenhum entono ou arrogância, legislaram sôbre a Alemanha, em nome do sangue de milhões de homens que ela sacrificou.

Truman, Attlee e Stalin opuseram um veto decisivo às fôrças agressivas que há duzentos anos elaboram o plano da ruína do mundo, sonhando com o domínio universal, e por duas vêzes, neste século, tentaram estabelecê-lo, de forma catastrófica para os seus desígnios.

———

Pode-se dizer que as decisões foram duras, mas ninguém contestará que são merecidas e necessárias.

O povo germânico aprenderá, à custa de um longo sacrifício, a prezar os valores espirituais da vida, sob o conceito da universalidade da justiça.

Truman, Stalin e Attlee não fizeram uma obra de vingança. Não foram êsses baixos sentimentos a fonte inspiradora da sua política. No fundo, quiseram tão sòmente dar aos alemães a maior oportunidade da sua existência para se libertarem das fôrças tiránicas do militarismo prussiano, que os oprime e com tanta freqüência foram denunciadas pelos maiores alemães, inclusive Goethe, o primeiro de todos.

———

Instalou-se uma nova ordem milenar, mas não foi a de Hitler. Não foi a ordem baseada no poder, confundido com o direito. Foi a ordem da liberdade de tôdas as Nações, assente no princípio da sua igualdade.

Os Três Grandes não repudiam o povo alemão, não querem destruí-lo. Exprimiram, em nome da vitória, um pensamento muito mais nobre e construtivo: o de ver a Alemanha, redimida pela democracia, integrar-se na fraternidade humana.

A Alemanha terá de esquecer os animadores ideológicos da sua fôrça, os Fichte, os Hegel, os Nietzsche e volver-se de Thor, com o seu martelo abatido, para a Liberdade, criadora dos bens justos e duráveis.

Os Três Grandes pronunciaram um aresto de salvação. O caminho será talvez longo e penoso, mas terá a sua recompensa no dia em que os alemães, libertos dos seus complexos de orgulho, se proclamarem homens iguais a todos os outros homens da terra.

O Cruzeiro, 25 de agosto de 1945 – 0022-C

No Mundo Dos Livros

O COMBATENTE WALTER LIPPMAN

FAGUNDES DE MENEZES

HA algumas semanas, a Associação Brasileira de Imprensa solicitou ao govêrno que condecorasse os correspondentes de guerra brasileiros que atuaram junto à F.E.B., pedido que foi satisfeito. Isso reflete acertadamente o que todos nós pensamos a respeito dessa outra modalidade de combatente — o combatente da pena, cuja ação tanto contribuiu para a desmoralização da quinta-coluna em todos os países que estiveram em guerra com o nazi-fascismo. Mas, dentre os combatentes da pena, existem aquêles que, mesmo sem o risco imediato das granadas ou dos bombardeios, exerceram um trabalho tão valioso na retaguarda que não são menos dignos do condecoração.

Walter Lippman é um dêsses combatentes da retaguarda. Durante todo o período de guerra êle estava presente em publicações norte-americanas, sugerindo medidas, fazendo advertências, destruindo utopias políticas, aconselhando, com a autoridade que todos nêle reconhecemos, os dirigentes das Nações Unidas. Seus artigos irradiavam-se pelo mundo, sempre caracterizados pelo tino político e pela sinceridade do grande jornalista. Agora aparece para os brasileiros a tradução do seu "U. S. War Aims". A versão brasileira, cujo título é "Objetivos de Guerra dos Estados Unidos", lançada pela "Emprêsa Gráfica O CRUZEIRO, S. A.", dará aos nossos leitores uma impressão mais exata sôbre êsse comentarista agudo e bem informado. Walter Lippman fala e ensina com conhecimento de causa. Não é um livro ligeiro, êsse de que nos ocupamos.

E' verdade que, às vêzes, encontramos em seus comentários certo sabor de inatualidade. Mas a culpa não é dêle. A culpa é dos acontecimentos que se sucedem com uma vertiginosidade espantosa. Basta pensarmos que sòmente nos primeiros dez dias dêste mês sucedeu a bomba atômica e sucedeu a capitulação japonêsa. Se não podemos aceitar "in totum" suas opiniões, se por vêzes descobrimos o norte-americano falando um pouco em função do seu país, nem por isso deixamos de admirar o trabalho de esclarecimento, de orientação e desmascaramento do reacionarismo. Não será um Walter Lippman que agradará aos imperialistas e monopolistas. Aos pregadores de uma quarentena contra a Rússia, de um cordão de isolamento anti-soviético. Porque o jornalista norte-americano é claro e incisivo em suas afirmações. Êle não crê nas guerras estritamente ideológicas, na possibilidade de países autárquicos, nas teorias ingênuas de pacifismo impondo-se sôbre os fatos, sôbre a realidade econômica dos povos. E, porque não

(CONTINUA NA PÁG. 16)

Quatro opiniões sôbre "Cascalho"

"Fechado o livro, não se esqueçem certas páginas. E' o panorama das Lavras... A crônica do diamante. E adjacências... O sertão." — Prof. AFRANIO PEIXOTO (Da Academia Brasileira).

Capacidade firme de observação fácil de adensar e intensificar com a experiência, boa orientação social, linguagem límpida." — MARIO DE ANDRADE.

"Soube tratar o tema com segurança e a sua prosa me parece de boa marca." — OCTAVIO TARQUINIO DE SOUZA.

"Livro que, no plano da ficção, traz magnífica contribuição à antropologia e sociologia regionais da zona do garimpo." — Prof. ARTHUR RAMOS.

Novidades

OS HOMENS SÓS — Emil Farhat — Êste novo romance do escritor e jornalista mineiro Emil Farhat, autor de "Cangerão", que aparecerá brevemente em 2.ª edição pela CRUZEIRO, com capa de Bianco, é um livro de grande fôlego e um corajoso documento de nossa época. O fascismo tentou secar, desde 1937, no Brasil, as fontes da inspiração dos homens livres. Não o conseguiu, porém. Abafou as consciências ,como a cinza o faz com as brasas. Quando o vento da libertação soprou, apareceram as chamas dos lutadores democráticos. *Os homens sós* foi escrito sob o regime fascista. E provocará grandes debates pelos têrmos que sugere e analisa.

MANUAL DAS MÃES — Em bela edição cartonada, com desenhos e gráficos, apareceu nas livrarias o livro do pediatra Ladeira Marques — *Manual das Mães*. Bela impressão e tamanho de fácil manuseio, esta nova obra das Edições Cruzeiro constitui uma esplêndida contribuição para o cuidado da criança na primeira infância.

TRINTA SEGUNDOS SÔBRE TÓQUIO — Do Cap. Ted Samson, comandante de Dvoltle no primeiro grande bombardeio de Tóquio, foi filmado e apareceu nos cinemas brasileiros. A notável obra do Cap. Ted Samson mereceu um tratamento altamente convincente no cinema. O livro, que imortaliza a coragem, desprendimento e patriotismo de um grupo de homens, é uma edição CRUZEIRO e constituí grande êxito de livraria.

A CRIANÇA VIVE — Êste romance de Jader de Carvalho, Edições Cruzeiro está obtendo grande êxito de livraria.

"Mergulho na Aventura"

DAVID NASSER e JEAN MANZON, criadores da "reportagem" no Brasil, apresentam nesse grande livro mais de 30 de suas histórias emocionantes. A aventura no império dos Chavantes. O fenômeno Chico Xavier. A cidade dos mortos-vivos. A fortaleza Matarazzo. Os cidadãos-animais. A tragédia das crianças. Os traidores do Brasil. Amazônia, Norte, Rio Grande do Sul, Andes. Terremoto. Mme. Chiang Kay Shek e seu mistério. Os monjes. Maçonaria. As freiras. O samba. A batalha das "girls". Vida de cachorro. Cavalo Milionário. A floresta ressuscitada. A república dos diamantes. A cidade do peixe. Os loucos. Os pobres do Brasil. Os dragões vermelhos. "Ballet" e o monopólio dos pés.

"Mergulho na Aventura" será um dos grandes sucessos das "Edições Cruzeiro".

O Cruzeiro, 01 de setembro de 1945 – 0023-D

Diretor
ANTONIO ACCIOLY NETTO

O CRUZEIRO

RIO DE JANEIRO
ANO XVII — NÚMERO 45
1 DE SETEMBRO DE 1945

A Palavra do Sabio

AUSTREGESILO DE ATHAYDE

UM grande júbilo enche a terra inteira. Cessou a matança dos homens pelos homens. O último reduto da tirania entregou-se reconhecendo a vitória das fôrças livres do Espírito.

Agora tudo pertence ao domínio da história e quando os horrores que vivemos forem narrados fielmente, parecerá impossível que tenham realmente acontecido.

Então, no século vinte, o mais glorioso e fecundo dos séculos, a humanidade entrechocou-se, revoltando-se uma parte dela contra a outra, no propósito de abismá-la no fogo e no ferro?

Não é isso próprio dos tempos bárbaros, não é sinal dos tempos mais remotos e primitivos do mundo?

* * *

Agora desceu a paz. "Tu conservarás em paz aquêle cuja mente está firme em ti, porque confiará em ti". Eis a promessa de Isaias.

Porque a paz não será dos que não acreditam e sim dos que confiarem na justiça.

Cessou a longa batalha e cinqüenta e cinco milhões de vidas passaram. No fundo da terra, no fundo dos mares, a juventude dorme.

A paz não será, enquanto não fôr nos corações e as almas estiverem realmente pacificadas.

Assim como depois de um terremoto, longo tempo levam as águas para tornar à antiga placidez, assim não será tão cedo que a verdadeira paz abrigará o mundo nas suas alegrias.

Porque verdadeiramente só haverá paz quando houver justiça para todos e todos estiverem livres do mêdo e da fome e então sim, será cumprida a palavra do profeta: "Naquele dia se cantará êste cântico na terra de Judá: uma forte cidade temos, Deus lhe pôs a salvação por muros e antemuros".

* * *

A guerra foi feita às tiranias, mas nem todos os tiranos acabaram. Na própria liquidação dos despojos dos vencidos, procedeu-se com vitupério para os fracos que nos ajudaram a vencer.

Lutamos pela liberdade dos povos, mas entre os povos que perderam sangue pela liberdade e estavam conosco, nem todos receberam o quinhão do seu direito e antes foram privados do justo galardão do triunfo.

Novas cadeias foram abertas e os martírios não terminaram.

As vozes que clamavam antes não deixarão de clamar depois e pouco importa que o despotismo se exalte, porque para combatê-lo, ontem, hoje e sempre, é que se levantaram as vozes intimoratas.

A luta pela justiça não tem fim jamais e embora os soldados guardem as suas armas e se recolham aos seus campos, a palavra do sábio nem se guardará nem se recolherá, porque terá sempre de ser ouvida e, quando não seja, a paz deixará de existir.

A palavra do sábio, inspirada na liberdade, vibrando na bôca dos que dizem a verdade sem temor e vieram para dizê-la diante dos poderosos.

O Cruzeiro, 08 de setembro de 1945 – 0024-D

7 DIAS

A semana deixou estas lembranças

1

"PORTINARI COLOCA SUA ARTE a serviço do povo" anuncia a manchette de um jornal e no mesmo espaço em que essas palavras se juntam nesta manhã, também outras palavras já estiveram juntas, dizendo as esperanças, os sofrimentos, a guerra e a paz. São, portanto, palavras que descem do alto daquelas páginas para o coração de todos os homens. Elas conhecem êsse caminho. Tôdas as manhãs percorrem essa estrada. Grande, amplo e numeroso Portinari, em geral os homens custam a compreender que os seus melhores amigos são os artistas. Não têm culpa disso, é claro. Vocês artistas antecipam as maravilhosas verdades do futuro, mas a humanidade é como criança que não gosta de ser aconselhada. Por isso, há a incompreensão, mas quando o tempo põe a grande razão de vocês no raciocínio e no coração do resto, então há uma magnífica concordância. Festejam, agora, o seu encontro com o povo. Ora, Portinari, êste era muito antigo, você bem que o sabe. Quando as suas deformações davam arrepios às sensibilidades domésticas, acusavam você de ser um homem que se comprazia no terror. Não sabiam que era apenas um espelho, refletindo a última brutal degeneração do amor humano. Aquêle mundo portinariano era o ante-Portinari. Porque pintando-o, você não se submetia a êle, e nas côres, sobretudo na escôlha das côres, sempre uma havia predominando sôbre o tumulto plástico do quadro, predominando como uma mensagem de esperança. Esperava você que o mundo voltasse às suas dimensões de harmonia e equilíbrio. Mas naquela hora, justamente àquela hora não podia você escapar à agonia das imagens atormentadas e aflitas. Um espírito revolucionário e um coração criador têm necessàriamente de ser leais aos apelos do momento rodeante. Dominando esta verdade circunstancial êle terá a alavanca e a referência para levantar o mundo. Em tôdas as coisas há o cáos anunciando um novo universo. Homem da terra, que se prendia à terra como Exequiel e Isaias, os rudes, ásperos, intratáveis profetas se agarravam às almas, Portinari levou para as suas telas a tragédia da nossa Idade Média Sertaneja, o nosso feudalismo de chapéu de couro. Estropiados e famintos, retirantes e multidões massacradas pela sêca, e não só multidões, árvores, rios, animais, minerais explodem, vociferam, gritam, clamam e silenciam em suas telas carregadas de um vermelho agressivo como o nordeste. Noutras, as côres lúcidas, claras compõem o milagre de gerar tragédia e nesse paradoxo cromático eis o drama de Brodowsky, a miséria, a fome, a sub-humanidade do campo no sul. Vêem portanto vocês que há muito tempo el Muy Magnífico Señor Don Candido Portinari era um homem do povo. Tinha, apenas, uma aristocracia. A do coração. Mas esta é a que precisa ser socializada mais urgentemente.

2

A SEMANA ESTÁ tumultuando de recordações de artistas. Gosto dessa espécie de gente, porque de um modo ou de outro, ela é diferente. Diferente aqui, não quer dizer melhor ou superior aos outros, absolutamente não. Simplesmente acontece isto: os artistas são os sêres misteriosamente mais habilitados para fixar, descobrir essa luta secreta da vida empenhada em adquirir em cada ser humano consciência de si mesma, caminhar de sua originária inconsciência para uma grande segurança e uma perfeita auto-lucidez. Neste sentido é que os artistas são grandes. E' neste sentido que eu vi caminhar Carlos Scliar, durante o tempo em que me detive em sua exposição, onde reuniu os trabalhos que fêz na Itália, durante a guerra. Na casa de Bianco, vendo-o trabalhar numa composição de tons cinzas, eu o senti neste mesmo caminho. Também por aí anda Nelson Rodrigues: uma descida aos tenebrosos mundos da nossa vida inconsciente, eis um rumo diverso mas que também leva ao mesmo fim supremo: a valorização do homem. Millôr Fernandes mostra-me páginas de uma novela, e eis outra maravilhosa face da vida. E' uma menina. 18 anos. Todos os sonhos da adolescência e a mocidade pela frente. E inesperadamente, esta sensação de barreiras, e não só barreiras, muros, e não apenas muros, paredões bloqueando qualquer saída, cortando todos os rumos, extinguindo horizontes, detendo a marcha da vida. Retendo-a, aniquilando-a. E apenas uma solução que a menina vai descobrir: "morrer um pouco na vida, para morrer definitivamente na morte".

3

"PARA ESCREVER UM ÚNICO verso é preciso ter visto muitas cidades, homens e coisas. E' necessário pensar em caminhos de regiões desconhecidas, em encontros inesperados, em despedidas, e ter-se recordações de muitas noites de amor onde nunca nenhuma se parece a outra. Ter permanecido ao lado dos agonizantes e dos mortos. E tão pouco basta ter recordações. E' preciso saber esquecê-las e ter a paciência de esperar que voltem. Pois as lembranças mesmas não são apenas isto. E enquanto não se transformam em sangue, olhar, gesto, quando já não têm nome e não podem ser separadas do nosso próprio ser, aí então é possível que aconteça, em uma hora muito rara, se elevar do centro delas a primeira palavra de um verso." (Rainer Maria Rilke).

4

VOCÊS SABEM: sou um jovem escritor. Não porque seja um homem que domine certa técnica de pensamento, trate as palavras com alguma enternecida voluptuosidade, e goste de fazer das idéias brinquedos de armar e desarmar. Não. Desconfio apenas que sou escritor porque sou um jovem que está sempre profundamente interessado nos sonhos, nas recordações e nas esperanças dos homens. Um escritor deve ser apenas isto: alguém que é absolutamente íntimo de pessoas que nunca viu, de uma intimidade que insinue confiança e entrega, e dádiva desprevenida e nenhum segrêdo. Digo insinue, de propósito, porque deve ser algo envolvente, qualquer coisa que tenha essa espontaneidade confiante de onda se entregando ilimitadamente à praia, da rosa que sabendo que vai ser cortada da roseira sabe também que será levada para uma jarra, com água, luz, o cuidado de mãos amigas e a surprêsa de olhos encantados de vê-la depois, enfim, sabendo que apesar do corte e do exílio do jardim terá tudo que é necessário para que a sua efêmera vida nas jarras seja uma pequena eternidade sorridente e feliz.

5

"TRATA DE OLHAR de fora e mesmo de longe e responde a esta pergunta: porque se estenderam para ti tantas mãos femininas?" (Amiel).

6

ONDE ESTÃO OS TEUS SONHOS, modesto rapaz de São Luís do Maranhão, que um dia deixaste a paz de teu lar, a inexaurível e imutável ternura de teu lar, os lugares de tua infância, as coisas seguras, boas e simples de tua vida, pelas promessas inúteis e as vãs esperanças da grande cidade? Hoje tens apenas no bôlso algum dinheiro e muitas inquietudes no coração e cada dia vês o teu enorme desejo de fraternidade humana irònicamente convertido em lutas mesquinhas e amargas concorrências. Então, depois de tantas e tão surdas batalhas travadas na mais íntima profundidade de teu coração, era isto, apenas isto, o que querias alcançar?...

7

"OLHAI OS LÍRIOS do campo...", aconselha o Livro. Mas que é o lírio? Botânicos assustados dirão que é uma flor. Penso. Agora. Neste instante. Talvez o sonho dos homens. Música, talvez.

F. O.

O Cruzeiro, 08 de setembro de 1945 – 0025-D

TITINE passava de um salão da Rue de la Paix a um porão de um subúrbio de Paris. Levava para os maquis as informações do coronel de monóculo que depois chegavam ao Quartel General Aliado. Depois do desfile desfazia no banheiro o seu "make-up" e voltava a ser uma francêsinha que nalgum lugar tinha o n.º 4.703

AS "JEANNE" SEM PUNHAIS

Reportagem de JEAN MANZON e FRANKLIN DE OLIVEIRA

DENTRO da manhã carioca o carro rompe com alguma fúria pelas ruas da zona sul. Na sua direção o Comandante Michel Meyrand. Não é absolutamente um guia tranqüilo. O auto desliza sôbre o asfalto de N. S. de Copacabana com trepidez, nervosismo, nunca numa carreira tranqüila de automobilista esportivo. Não sei se entendem bem o que quero dizer. O Comandante Meyrand tem mão segura, mas guiando êste carro é como se êle não estivesse dirigindo um automóvel e sim uma outra espécie de máquina. Uma certa espécie de máquina que durante muito tempo governou, nas mais heróicas incursões que um homem poderia fazer pela aventura. Durante a ocupação, Michel Meyrand foi o Comandante da Esquadrilha Bretagne. Esta era uma das únicas fôrças aéreas de que a França dispunha para continuar a luta gigantesca e desamparada de sua libertação. Existiam a "Bretagne" e a "Lorena". As duas únicas. Desde o início, tiveram as missões mais perigosas. Os homens que delas participavam tinham nos seus relógios os ponteiros marcando sempre uma hora de glória ou de morte. Michel Meyrand comandou esta estirpe. Voando sôbre trechos da França, vindo da África, decolando de Londres, das praias britânicas ou dos aeródromos improvisados do Mediterrâneo, foi um dos pioneiros da vitória, quando esta era ainda apenas uma certeza no coração invencível dos franceses insubmissos a tôdas as ordens de "Verbotten". A magnífica epopéia que Saint-Exupéry descreveu em "Pilôto de Guerra" foi a sua epopéia. Estaria, agora, naquela corrida pela praia, tendo diante dos olhos o panorama do oceano livre e revôlto de Ipanema, sentindo a resistência do vento se quebrando de encontro ao carro, estaria naquela pequena velocidade em que íamos — mínima em relação à de qualquer bombardeiro — sentindo as mesmas emoções experimentadas nos vôos da grandiosa campanha? Mãos firmes no volante, estaria àquela hora lembrando-se de tôdas as outras horas de angústia, coragem e vitória em que deixava o aeródromo para trás, com a ordem de destruir pontes, fábricas, entroncamentos ferroviários, quartéis e acampamentos? A roda do carro pula sôbre uma pedra e sentiria agora, de novo, nesse momento, a instantânea queda do avião num vácuo? Fisionomia marcada pela luta, onde aprendeu a esconder sentimentos, reprimir temores humaníssimos, substituindo-os apenas pela grande decisão, a implacável determinação de dar "morte ao invasor alemão!", era difícil dizer algo sôbre tôdas estas coisas. Só tínhamos o direito de perguntar: onde "imaginava" o Comandante Michel Meyrand que nos estaria conduzindo? A alguma base aérea? Teríamos alguma missão para esta manhã? Um bombardeio? Ou iríamos descer num campo de maquis, um campo secreto como muito dêsses que existiram em França, e ali iríamos saber tudo que se estava passando, tôda

O Cruzeiro, 15 de setembro de 1945 – 0026-D

Diretor
ANTONIO ACCIOLY NETTO

O CRUZEIRO

RIO DE JANEIRO
ANO XVII — NÚMERO 47
15 DE SETEMBRO DE 1945

UM NOVO Caminho

20

AUSTREGESILO DE ATHAYDE

O Marechal do Ar, Harris, um dos heróis da R.A.F., consultado sôbre quais seriam, a seu ver, as conseqüências da bomba atômica, mostrou-se cético de que entre elas se pudesse alcançar o feliz resultado da paz.

Saudou-se o advento do extraordinário engenho de destruição como a fôrça de que o homem necessitava para contê-lo nos limites da justiça. Tamanhos perigos oferece o novo explosivo na sua descomunal potencialidade que nenhum povo ousaria mais desfechar um golpe no seu vizinho, pelo temor de que do choque nascesse o aniquilamento geral e os dois sossobrassem no conflito.

Assim o que a persuassão, as conquistas do Espírito, os princípios morais estabelecidos pela inteligência jamais conseguiram, a energia do átomo, liberada pela química, acabaria impondo à cegueira da humanidade.

* * *

Também, como Harris, estou cheio de penosas dúvidas. Desde os trogloditas que lutavam com o silex, o homem vem aperfeiçoando as suas armas e o século das ciências, revelando-lhe os mais íntimos segredos da natureza, aumentou o poder da guerra.

A pólvora pareceu o fim de tudo e viu-se que era apenas o humilde começo.

O mesmo sucederá com a energia do átomo, colocada a serviço das necessidades e das paixões, para fazer o bem e o mal.

Somos ainda como crianças, brincando nas praias de um mar impenetrável, mas todos os dias cresce o nosso domínio sôbre as suas realidades ocultas, sem que no mesmo ritmo se desenvolvam as reservas morais que deveriam disciplinã-las sempre em benefício do direito.

* * *

O herói britânico confessou ao jornalista que as guerras sòmente acabarão quando se puder fazer uma grande reforma no coração dos homens. Êsse, sim, será o grande dia. Recebendo o prêmio Nóbel da Paz, Henri Bergson observou que a humanidade, para desgraça sua, não evolui moralmente na mesma medida do seu progresso material.

Para que cessem, **ad semper,** as lutas armadas, urge que a razão esclarecida pelo ideal sobrepuje os rudes instintos dos povos.

No dia em que foi pronunciado o Sermão da Montanha, fêz-se infinitamente mais pelo fim das guerras do que na hora extrema em que no deserto do Novo México, alguns sábios, experimentando a tensão dos momentos decisivos, conquistaram a energia atômica.

Nessa hora, longe de findar o ciclo das guerras, abriu-se-lhe um novo caminho.

O Cruzeiro, 15 de setembro de 1945 – 0027-D

7 Dias

A semana deixou estas lembr

1

É EM SETTEMBRINI, não em outras coisas, que estou pensando agora. Naquele amplo Settembrini que atravessa com ágeis diálogos as páginas de A Montanha Mágica e onde ondula todo o desesperado amor que os convalescentes têm pela vida, êsse pânico e desarvorado amor de homens que estiveram na fronteira da morte, sentindo num pequeno minuto do tempo de suas vidas o pêso e o mistério da última solidão, e depois vieram vindo de novo para tudo o que existe, sonha e ama, vieram vindo meninizando a visão do mundo, dando-lhe beleza, espanto contente e surprêsa feliz. Settembrini tinha uma idéia que hoje precisa estar na mente de todos os homens. Settembrini, perdido num sanatório, não concordava com o pensamento de que os homens precisam sofrer na terra para ter uma incerta felicidade não sei em que outras enigmáticas regiões. Esta noção "remonta a tempos imersos em superstição, quando a idéia do humano estava degenerada e privada de tôda dignidade. Aos tempos angustiosos em que a harmonia e o bem-estar apareciam como suspeitos e diabólicos, enquanto a doença equivalia a uma espécie de passaporte para o céu. E a luta contra esta concepção, meu caro senhor, chama-se trabalho, trabalho terrestre, trabalho para a terra, trabalho pela honra e os interêsses da humanidade".

Tomas Mann, você sabe que apesar de tôdas as nossas conquistas materiais, o problema da felicidade humana ainda não foi até hoje colocado nos seus verdadeiros termos. Compreendemos, pois, que agora a Alemanha, saindo do caos e da derrota, da servidão e do crime, precise urgentemente de você. Os apelos dos corações humanos angustiados não podem ser esquecidos, você bem o sabe, Tomas Mann. Isto quer dizer que não ficará indiferente às palavras que ontem disse a rádio de Berlim:

"Tomas Mann! O principal comité de vítimas do fascismo vos chama à Alemanha. Nós vos chamamos através do oceano, na linguagem simples dos camaradas dos tempos de concentração. Thomas Mann! Vós sois um dos grandes e um dos mais capazes membros da nação alemã. Pensamos que tendes a preencher uma tarefa histórica na Alemanha. Precisamos de vosso auxílio. Sempre haveis pertencido a nós e agora mais do que nunca".

2

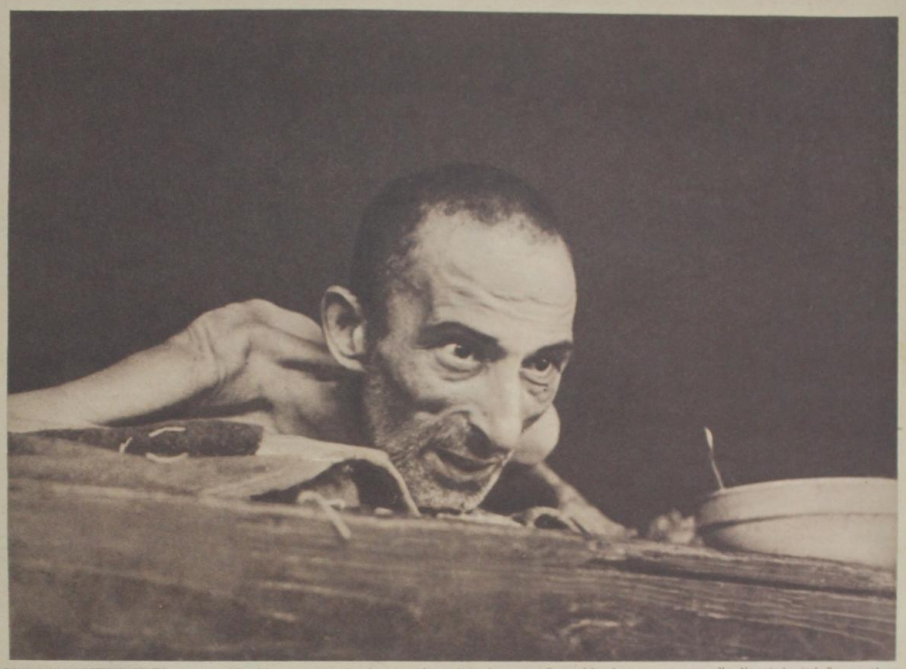
esquecido, morto ou solit
a vida, chegando outra ve
tra vez fôsse a primeira v
do entre certas mãos os
e descendo e ferindo as c
há um violino. Mas se alg
nas madeira, madeira, sòm

DOMINGO, A VIDA
pa branca e sujeitos perf
cinemas de bairro e tudo
dois. Exatos e quietos.
nessa espécie zoológica q
de é uma desonestidade d

SOU INTEIRAMENTE
vesse nascido em São Luís
e sutis gramáticos houve
de Atenas Brasileira. Acr
confio muito em Sócrates
Anacreonte, que gostava
rito dos vinhos. Também
estadista, rival de Cimon
que deixou ainda para os
pobreza pensamos que re
é degradação não procura

MAL DE MISÉRIA
sabem disto. E todos sabi
era uma espécie de fatali
vêrno reconheceu a existê
geladas pela miséria, cheg
paradas. Vai-se combater
bate à miséria como qual
apenas instalação em tod
grafia. Quero dizer, a so
padamente a "causa morti
gurará em milhares e mil

O Cruzeiro, 15 de setembro de 1945 – 0028-D



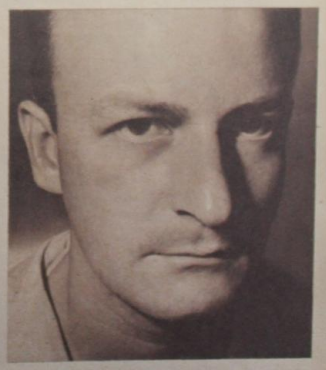
TINHA UM DESTINO CERTO: o crematório. Mas enquanto não chegava a hora de embarcar no "caminhão de transporte negro", êle ainda trabalhava, sob o chicote do chefe do barracão, e só esperava a morte, a lenta e trágica destruição da vida. Quando terminava suas tarefas estava tão esgotado que não ficava de pé

FABRICAS DE MORTE LENTA

Reportagem de JEAN MANZON e FRANKLIN DE OLIVEIRA

PARA NÃO SER ESQUECIDO

Esta história, um dos mais assombrosos documentários da nossa época, pela primeira vez revelado no Brasil, por um testemunho dos campos de concentração alemães, agora chegado ao Rio, não será fàcilmente lida pelos leitores desta revista. Também não foi fácil aos seus autores ouvi-la e depois tornar a senti-la quando a escreveram. Mas é um dever de todos nós autores e leitores, divulgar, escrever e ler esta página sinistra da destruição humana. Estamos hoje livres da dominação nazista. Mais do que aos exércitos da Nações Unidas, cujo número de combatentes perdidos foi de 15 milhões de homens, a eliminação da ameaça germânica custou o sacrifício de 25 milhões de vidas civis, massacradas nos campos de concentração. Lutando nas frentes de batalha contra a Wermacht, os soldados unidos conheceram apenas o soldado alemão, no jôgo da guerra. Mas só os povos dos países ocupados puderam sentir em tôda a sua brutalidade a extensão da capacidade destruidora do nazismo. Foi aí que explodiu em tôda a sua fôrça selvagem a barbárie teutônica. Em 1945 os povos das nações libertadas não pedem que se dê à Alemanha do armistício o tratamento que o Terceiro Reich infligiu a milhões de sêres humanos nas suas usinas e fábricas de morte lenta. Mas têm o direito de pedir a todos os homens que se recordem sempre destas cenas para que em nenhuma outra idade da história do mundo possam os nossos descendentes mais longínquos conhecer tanto ódio, tanta morte e tanta destruição. Se quisermos ter liberdade, dignidade e beleza na vida humana, não silenciemos em nossa memória êstes nomes: Dachau, Dora Buchenwald, Auschwitz, Belsen. É para não ser esquecido em todos os tempos.



JEAN MAILLY DE NESLES, primeiro prisioneiro de Dachau que chega ao Brasil. Diz horrores da ocupação.

O Cruzeiro, 22 de setembro de 1945 – 0029-D

O CRUZEIRO

ÍNDICE

ARTIGOS

A MULHER È A FEB — Alina Pain 3
O ESPÍRITO LAVRARA' SÔBRE AS RUINAS — Austregesilo de Athayde 5
VIAGEM AO SUB-SOLO — Eliezer Burlá 20
PAULINE MATOU-SE — Constantino Paleólogo . 21

REPORTAGENS

O MISTÉRIO DO SUBMARINO "T-2" — David Nasser e Jean Manzon 8
VISCONTI E SEU TEMPO — Geraldo de Freitas .. 56

CONTOS

NEM TUDO ESTA' PERDIDO — James Atlee Phillips 19
ANTES DE IR EMBORA — Franklin de Oliveira 44
A SUAVE MENTIRA — Octavus Roy Cohen 48

VARIEDADES

PINGOS DE LACRE — Dr. Funk Cabanés 18
"O CRUZEIRO" HA' 17 ANOS — Redação 42

HUMORISMO

GARÓTAS E COPACABANA — Alceu Pena e Vão Gogo 22
O AMIGO DA ONÇA — Péricles 43
PIF-PAF — Vão Gogo e Péricles 46
EVA SEM COSTELA — Adão Junior 86

CINEMA

CINELÂNDIA — Pedro Lima 24
CINE-REVISTA — Alex Viany 40
UMA SEREIA EM FÉRIAS — Marius Swenderson 64

SEÇÕES

ESCREVE O LEITOR — Redação 4
7 DIAS — F. O. 7
NO MUNDO DOS LIVROS — Geraldo de Freitas .. 20
BACK-GROUND — Freddy 25
MÚSICA — Ayres de Andrade 38
FOTO-TESTE — Tetê Signorelli 28
SPOT-LIGHT — Grock 32

SOCIEDADE

NÚPCIAS 51
MUNDANISMO — Gilberto Trompowski 80

SEÇÕES FEMININAS

LAR, DOCE LAR — Helena B. Sangirardi 72
ELEGÂNCIA E BELEZA — Elza Marzullo 69
DA MULHER PARA A MULHER — Helena B. Sangirardi 68
PÁGINA DAS MÃES — Dr. Ladeira Marques ... 74
DECORAÇÕES — Effa Brown 90

FIGURINOS E MODELOS

ÚLTIMOS MODELOS — Alceu Penna 67
NOSSA ESCOLHA — Alceu Penna 70
DUAS PEÇAS — Elza Viany 76
ONDE MORAM AS ESTRÊLAS — Gladys Cooper .. 82
NOVOS PENTEADOS — De Hollywood 88

★

Outras edições da Emprêsa Gráfica "O Cruzeiro S. A.": — REVISTA DO BRASIL — Órgão de Divulgação Cultural (mensal) — CIGARRA MAGAZINE — O mensário de maior circulação no Brasil — DETECTIVE — Revista policial — O GURI — Revista infantil (quinzenal) — "Seção de Livros" — Editôra.

ASSINATURAS

BRASIL		ESTRANGEIRO	
Um ano	Cr$ 75,00	Um ano	Cr$ 120,00
Semestre	Cr$ 40,00	Semestre	Cr$ 60,00

NUMERO AVULSO PARA TODO O BRASIL: Cr$ 1,50

Agentes em tôdas as cidades do Brasil e correspondentes nas principais cidades do mundo

RED. E ADMINISTRAÇÃO — Rua do Livramento, 191 — Tel.: 43-4977 (rêde interna)

PUBLICIDADE — Av. Venezuela, 43, 2.º andar — Telefone: 43-7293

Sucursais: Em S. Paulo — R. Sete de Abril, 230 — Fone: 4,4181. Em Belo Horizonte — R. Goiás, 34 — Fone: 2-1928. Em Recife: Praça da Independência, 13.

Publicidade em S. Paulo: SERVIÇOS DE IMPRENSA LTDA. (SILA), R. Sete de Abril, 230-2.º — Ed. dos "D. Associados".

Tiragem do presente número pela qual nos responsabilizamos **88.000 exemplares**

A Mulher e a F.E.B.

ALINA PAIM

A VITÓRIA das Nações Unidas encheu os corações de contentamento e esperança e a alegria do povo deu vida às ruas, com seus cantos, passeatas e espocar de foguetes. Era finalmente, o domínio da liberdade e da paz que surgia com a rendição da Alemanha; uma aurora radiosa vencendo as trevas que por mais de cinco anos pairaram sôbre o mundo, iluminava um caminho novo de solidariedade entre as nações e de união entre os filhos da mesma pátria. O entusiasmo trouxe sempre vivos, durante as comemorações da Vitória, os feitos heróicos da glorioso Fôrça Expedicionária e cada brasileiro sentia orgulho lembrando Monte Castelo e Castelnuovo, onde nossos irmãos mostraram com que ardor e bravura lutavam para esmagar o inimigo do progresso.

Mas, nas montanhas cobertas de neve da Itália, nossos soldados sabiam que não estavam sós, nem desligados de seu povo. Na retaguarda homens e mulheres procuravam consolidar com todos os esforços ao seu alcance, as conquistas de seu heroísmo. Grande parte dêste serviço ficou a cargo da mulher, cabia-lhe trabalhar para que nada faltasse ao combatente, nem agasalho nem cigarros e, com seu carinho cuidadoso e estimulante, manter sempre elevado seu estado moral.

Em muitos lares, à luz esbatida da lâmpada de cabeceira, muitos vultos femininos manejavam as agulhas de tricô, fazendo um agasalho ou uma meia, tecendo malha por malha, num gesto repetido aos milhares, enquanto acompanhavam com ternura êste trabalho porque sabiam que essa tarefa feita no silêncio da noite era de grande alcance patriótico. Era necessário que nosso soldado resistisse ao frio rigoroso do inverno estrangeiro para que sua ação fôsse eficiente e seu golpe mais certeiro contra o inimigo.

Era imprescindível também que o "pracinha" não se sentisse isolado entre as montanhas cheias de neve — seu coração humano precisava além de saber por que lutava, ter alguém por quem vencer... E as jovens brasileiras acorreram a cumprir êste desejo, atendendo ao apêlo da campanha da madrinha do combatente, outro trabalho de retaguarda, essencialmente feminino feito de carinho e de solidariedade. As cartas partiam e, com elas, lembranças tocantes, discos com as canções mais novas, palavras de encorajamento e de confiança, protestos de admiração e de entusiasmo. E os combatentes não se sentiram abandonados na Itália, tiveram a certeza de que não eram esquecidos e mais ainda, souberam que um pensamento constante e amigo seguia seus passos, protegendo-o pela fôrça de sua ternura. No coração do soldado brasileiro ardeu mais viva a chama da coragem e mais forte seu ânimo de lutador — pioneiro da liberdade.

A vitória foi nossa, do Brasil e das Nações Unidas. Esperamos agora o regresso de nossos heróis. A mulher brasileira nesta hora de júbilo estará presente acenando-lhes num gesto amigo de boas-vindas, cobrindo-os de flores, mostrando sua gratidão por suas conquistas que, a alcançarão talvez mais de perto que aos homens, no terreno dos direitos à liberdade.

(CONTINUA NA PÁG. 16)

O Cruzeiro, 22 de setembro de 1945 – 0030-D

Diretor
ANTONIO ACCIOLY NETTO

O CRUZEIRO

RIO DE JANEIRO
ANO XVII — NÚMERO 48
22 DE SETEMBRO DE 1945

AUSTREGESILO DE ATHAYDE

QUE é feito dos inimigos da liberdade? Onde está a sua arrogância? Que resta dos grandes exércitos que levantaram, das esquadras imensas com que ameaçavam dominar os mares e das asas que entenebreciam os céus?

Não parece um sonho que tenham vivido sob os nossos olhos e já não existam senão nos horrores que deixaram, nas cidades destruídas, nos cemitérios incontáveis, no luto, no sofrimento e nas lágrimas que ficam como a grande herança da sua loucura? Quando lembramos os seus nomes, como os sentimos vazios e distantes!

Hitler e Mussolini soam como personagens da história, como Átila ou Nero, famosos pelas suas maldades, porém, tão remotos dos nossos tempos que mais se assemelham a criações da fantasia.

* * *

Se um profeta houvesse, há apenas cinco anos, no auge dos triunfos daquelas fôrças, anunciado o último ato do destino dos homens que as moviam, ninguém lhe teria dado crédito.

Puseram em ação uma máquina demasiada formidável contra povos de boa fé, desarmados materialmente e que não contavam para salvar-se senão com o poder da sua decisão de não se entregar jamais. Veio, porém, o milagre infalível. Repetiu-se a façanha de David, abatendo uma funda o gigante audacioso.

O fim de Hitler e de Mussolini contém lições de inesgotável sabedoria. Acabaram como acabam sempre os protagonistas das grandes injustiças, os pregoeiros da violência, os filósofos para quem Deus e a sua moral não passam de escudos dos fracos e de armadura para os incapazes.

* * *

Quando Truman, celebrando a vitória, proclamou que, afinal, vencera a Liberdade, não disse uma palavra de efeito, sem vínculos com a realidade histórica. Sabemos que os chamados realistas preferem ver no fundo dêsse triunfo o resultado de energias e recursos materiais, sem nenhum liame com o Espírito. Mas quem disse que os materialistas são capazes de se elevar acima da matéria, para reconhecer a transcendência do ideal?

Estamos diante de um mundo novo redimido pela espada do direito. O fogo fêz a sua grande obra.

Agora sôbre as ruínas lavrará o Espírito, e a sementeira abundante recompensará os que se bateram pelo seu triunfo.

O Cruzeiro, 22 de setembro de 1945 – 0031-D

Sete dias

A semana deixou estas lembranças

1

AS FÔRÇAS DESTRUIDORAS da vida não são pessoas, que homens maus não existem. Se os inimigos da vida fôssem os homens, então nós mesmos seríamos nossos próprios inimigos, e quem ousaria afirmar que assim seria possível existir o mundo? A dor e o sofrimento estão nas coisas, nascem das circunstâncias, das quais os homens são apenas vítimas indefesas. Porque, pois, condená-los? E como explicar a presença de crimes sôbre a face da terra? Tôda vez que ampliarmos a liberdade, diminuirmos o pêso das necessidades que nos arrastam a desatinos e esmagam-nos sob a fôrça de sua servidão, estaremos eliminando o crime, dando ao homem a possibilidade de não ser o seu próprio inimigo, quero dizer, a vítima sem defesa das fatalidades inexoráveis. Dostoiewsky já havia proposto o problema. Raskolnikoff era o problema. E Sônia a sua solução. "Quando me perguntava se uma criatura era um verme, certificava-me de que, para mim, não o era; mas o era para qualquer audacioso que não se teria feito essa pergunta e seguia o seu caminho sem se atormentar". Se matasse alguém, portanto, Raskolnifoff seria um criminoso. Napoleão matou milhares de homens e foi um herói. Estamos hoje, todos os homens, diante do mesmo problema. Alguns cometeram crimes em sua vida cotidiana, e foram apodrecer nos cárceres. Outros homens levaram quinze milhões de sêres humanos e mais vinte e seis milhões a encontrar a morte na guerra e nos campos de concentração. Em um lugar chamado Dachau, S. S. assassinaram de 12 a 14 mil pessoas por dia e numa ocasião, tomaram grandes bebedeiras para comemorar um "record": 24 mil homens, mulheres e crianças mortos. O sujeito que deu um tiro num outro do seu bairro está na cadeia. Todos os S. S. irão para o cárcere?

Esta é uma pergunta que não poderá ser fàcilmente respondida. Então o direito de punir foi subvertido. Os Códigos Penais precisam ser revistos. Cumpre-se a velha advertência de Beccaria: "vicissitudes incertas fizeram do excesso do mal uma orientação para o bem".

E agora os presos comuns do Brasil, num movimento como até então não se registrou outro no mundo, estão pedindo, no silêncio dos pátios, na solidão dos cárceres, que lhes sejam concedidos indulto e comutação geral de penas.

Estamos no início de uma nova idade. As fôrças do mundo se recompõem, as energias sociais se reajustam. Uma renovação de costumes, novos valores e concepções da vida entram em ação. Os nazistas que mataram na guerra quinze milhões e mais de vinte e seis milhões de sêres humanos nos campos de concentração, não serão metidos em cadeias? Como seria "possível" isto? Logo, por que deixar muitas e muitas famílias no sofrimento, dilacerando-se entre dificuldades cotidianas, e carregando a humilhação de ter filhos ou pais segregados em penitenciárias e colônias correcionais? Se na vida o que fôr verdade para mim também não o fôr para os outros homens, então não será verdade para mim nem para ninguém, apenas cruel engano, impiedosa mistificação. Conceda-se, pois, aos prêsos comuns do Brasil, a oportunidade que pedem para sua reabilitação operante, uma reabilitação que se processe não no isolamento, mas no trabalho diário que impõem os deveres de família, na responsabilidade de que têm de defender as coisas quietas e puras de seus lares. Quando as leis permitem que um cidadão deixe de ser um "homem" para tornar-se uma "coisa", algo que possa ser colocada a prêmio, morre em tôdas as consciências a noção da liberdade. E não convém muito que esta morte tenha lugar quando surge o mundo novo. Recebam os homens públicos do país com simpatia o pedido dos sentenciados do Brasil. Os frutos da generosidade não apodrecem nunca na árvore da vida. E se apodrecessem seriam apenas adubo para que outras árvores crescessem e florescessem. Esperamos, portanto, a hora em que em cada cárcere um doce e humilde vulto de mãe, filha ou mulher repita a cena de remissão da alma que há em Dostoiewsky, quando Sônia lê para Raskolnikoff aquela passagem da Bíblia que fala da ressurreição de Lázaro.

2

CERTA VEZ PERGUNTARAM a Renan:
— Deus existe?
E êle respondeu, mais bondoso do que cético:
— Ainda não.

3

"SONHAI! SEM SONHO não há ciência e sabedoria: sonhai!" (Anatole France).

4

...E DESEQUILÍBRIO, E QUEDA e desamparo em vez de vôo — cicatrizes em lugar de asas.

5

SIM, ÂNGELA, RESPONDEREI a você, não hoje. Tenho que procurar em mim muitas vozes esquivas, lembranças adormecidas, recordar-me daquele mundo para onde escapamos e de onde trazemos esta linda saudade que se chama "poesia". A beleza, Ângela, é a memória de uma outra existência, de um lugar ideal onde já estivemos um dia. Apenas uma vaga e fugidia memória... Tudo é saudade, Ângela.

6

QUANDO ALGUÉM PERGUNTA a outra pessoa: "em que você está pensando?", será que espera mesmo uma resposta verdadeira?...

7

"...A CHUVA TINHA um aspecto imaterial, extrahumano como se estivesse banhada de luar".

F. O.

ISRAEL

O Cruzeiro, 22 de setembro de 1945 – 0032-D

ER, SENHORES, que isto tudo permaneceu em silêncio, enquanto se louvava tantas coisas inúteis do Brasil. Dizer que os nossos marinheiros levavam uma dura ncia durante tantos anos de luta e em troca dos sacrifícios que lhes demos nós? O mais absoluto e injusto de todos os silêncios. Tudo pela Pátria.

O MISTERIO DO SUBMARINO T-2

Texto de DAVID NASSER :- Fotos de JEAN MANZON

DECIDIMOS a escôlha dêsse título, não porque realmente houvesse mistério na carreira dêsse submersível brasileiro, mas por ser inteiramente desconhecida do grande ouvido do povo a missão não apenas do submarino T-2, como também de todos os submarinos nacionais, de todos os destróiers, caça-submarinos, cruzadores, encouraçados nacionais, de tôda a esquadra nacional, nesses inesqueciveis dias de guerra. Nunca se cometeu, no Brasil, injustiça de semelhantes proporções, com a quase indiferença votada às tarefas dos marinheiros, antes, durante e depois do conflito armado. Realmente, o fátor essencial dêsse black-out sôbre o que realizavam nossos vasos de guerra, deve-se à atitude negativista e bloqueadora das fontes de informações navais, nó Ministério da Marinha, que silenciava mesmo nos instantes em que era necessário falar, embora falando pouco. Terminada a censura, à meia-noite de certo dia, os autores desta reportagem obtiveram do próprio Ministro Almirante Aristides Guilhem as facilidades de acesso aos navios de superfície, às bases navais e aos submarinos. Esta é, desta forma, a primeira história que se conta sôbre a Marinha de Guerra do Brasil, depois da censura — e depois do famigerado D. I. P., de tão péssima lembrança e de tão excelente resultado contra o govêrno e o regime.

* * *

Numa dessas frias madrugadas, a lancha deixou o cais da Marinha. Os homens que estavam a bordo devem ter estranhado a presença entre si de duas caras novas, estranhas. Logo vieram as apresentações e a familiaridade. O Comandante Eck — responsável pelo submarino T-2 — traçou, ainda na lancha, os planos dêsse dia. Os repórteres viajariam no caça-submarino "Camocim", assistindo à luta contra o T-2, em alto mar. Depois do meio-dia, seríamos passados através de cordas ou como as condições do mar permitissem, do navio de superfície ao submarino, observando de bordo dêste a defesa e o ataque contra os caçadores. Ao anoitecer, quando as primeiras luzes da baía acendessem, estaríamos atracando na base naval, de volta para casa, "isto se vocês estiverem de acôrdo, porque si não, podem ficar o tempo todo onde bem entenderem", condicionou o velho lôbo, etc. Carvalho Jordão.

Assim, sereno público brasileiro, o dia se passou lentamente, devagarinho, arrastando-se como as mesmas ondas que lentamente, devagarinho, arrastavam, num bamboleio incessante, um pouco pra lá, um pouco pra cá, num vai-vem doce e calmo de berço de inocente, o barco pequeno. Tudo falamos aos peixes, na linguagem muda e significativa, de São Francisco de Assis. Não havia nada que parasse no estômago. Os

22 de Setembro de 1945 — 9 — O CRUZEIRO

O Cruzeiro, 06 de outubro de 1945 – 0033-E

Diretor
ANTONIO ACCIOLY NETTO

O CRUZEIRO

RIO DE JANEIRO
ANO XVII — NÚMERO 50
6 DE OUTUBRO DE 1945

A Ruina Final

AUSTREGESILO DE ATHAYDE

BOSSUET diz no famoso "Discurso sôbre a História Universal" que quando fôsse a história inútil aos outros homens, seria sempre necessária aos príncipes.

Quantos males, em verdade, se teriam evitado, quantos reinos e impérios lograriam sobreviver, quantas repúblicas estariam ainda florescendo, se os seus dirigentes lessem as grandes lições dos tempos, não só pela curiosidade de conhecê-las, mas com o ânimo de inspirar-se nos seus exemplos?

O passado é o espelho do futuro e não será aventuroso dizer que nada acontecerá amanhã que não tenha, de alguma forma, acontecido ontem.

E quando o Eclesiastes pronunciava a famosa, sentença naquelas eras tão remotas de nós, já não havia, realmente, nada de novo para o homem, na pequena terra que lhe coube em partilha no universo.

* * *

No fim da guerra passada, encheu-se o mundo de esperanças. Com certeza indiscutível aquêle conflito fôra o último.

Wilson era o Messias e a sua palavra de pax e justiça deveria perdurar pelos séculos.

Reunidos os povos numa assembléia de irmãos, resolveriam todos os seus problemas, decidiriam tôdas as causas de choque, dentro do espírito jurídico que triunfara nos grandes recontros.

Mal saído da infância, fui dos que acreditaram. Mas não é a juventude o tempo próprio na vida humana para entreter as melhores ilusões?

A mesma geração viu as duas maiores guerras da história e ambas foram produzidas porque aquêles que a estudavam e conheciam, não tinham poder para conduzir as nações.

* * *

Desta vez, as sombras descem ràpidamente. Mal se entreviu a primeira luz da alvorada e já os mais teimosos na esperança começam a pensar que as trevas ameaçam de novo.

Assentam-se os diplomatas e homens de Estado em tôrno às mesas das conferências. Mas o que dizem ou concluem não inspira confiança a ninguém.

As suspeitas avolumam-se, as ambições acastelam-se, os temores redobram. Os mais otimistas receiam ser considerados ingênuos. Uma humanidade faminta e sangrando não tem fôrças para crer em ideais.

A bomba atômica domina o cenário, está presente aos espíritos, é a suprema realidade. Muito maior do que a Carta Mundial da Paz.

O átomo, com o seu mistério, concentra todos os destinos. Os cavaleiros apocalípticos descansam, por um momento, mas quando saírem outra vez, trarão consigo a ruina final.

00631983

O Cruzeiro, 20 de outubro de 1945 – 0034-E

O CRUZEIRO

INDICE

ARTIGOS
CHAVE PERDIDA — **Lázinha Luís Carlos de Caldas Brito** ... 3
ULISSES ENCONTRA POLIFEMO — **Austregesilo de Athayde** ... 5
UM RIO SE ESPRAIA SÔBRE O MUNDO — **Geraldo de Freitas** ... 20
O NORDESTE MISTICO — **Fagundes de Menezes** ... 21
REPORTAGENS
OS VELHOS SOLDADOS NÃO MORREM — **David Nasser e Edgard Medina** ... 8
OS "ASTROS" SÃO SIMPLES COBAIAS? — **Marius Swenderson** ... 62
CONTOS
TURÓCZI — **Ferenc Molnar** ... 19
SUSPEITA — **Robert Hyde** ... 44
A MORTE A PRAZO FIXO — **Origenes Lessa** ... 48
HUMORISMO
OS SONHOS DAS GARÔTAS — **Alceu Pena e Vão Gôgo** ... 22
O AMIGO DA ONÇA — **Vão Gôgo** ... 43
PIF-PAF — **Péricles e Vão Gôgo** ... 46
EVA SEM COSTELA — **Adão Júnior** ... 80
VARIEDADES
"O CRUZEIRO" HÁ 17 ANOS — **Redação** ... 18
O AMOR IMORTAL — **Nadejda Meck e Peter Tchaikovsky** ... 66
CINEMA
CINELÂNDIA — **Pedro Lima** ... 24
CINE-REVISTA — **Alex Viany** ... 40
SOCIAIS
MUNDANISMO — **Gilberto Trompowsky** ... 86
SEÇÕES
ESCREVE O LEITOR — **Redação** ... 4
SETE DIAS — **Franklin de Oliveira** ... 7
NO MUNDO DOS LIVROS — **Geraldo de Freitas** ... 20
BACK-GROUND — **Fredy** ... 25
FOTO TESTE — **Tetê Signorelli** ... 28
SPOT-LIGHT — **Grock** ... 32
JAZZ-CORNER — **Mr. Aligator** ... 38
ASSUNTOS FEMININOS
ELEGÂNCIA E BELEZA — **Elza Marzullo** ... 68
DA MULHER PARA A MULHER — **Helena B. Sangirardi** ... 69
LAR, DOCE LAR — **Helena B. Sangirardi** ... 72
PÁGINA DAS MÃES — **Dr. Ladeira Marques** ... 74
DIETA PARA NOVE DIAS — **Elza Marzullo** ... 82
DECORAÇÕES — **Effa Brown** ... 90
FIGURINOS E MODELOS
BLUSAS — **Alceu Pena** ... 67
DEPOIS DAS CINCO — **Alceu Pena** ... 70
AGORA ESTAMPADOS — **Sheyla Barnes** ... 76
DUAS PEÇAS — **Hollywood** ... 88

Outras edições da Empresa Gráfica "O Cruzeiro S. A.": — REVISTA DO BRASIL — Órgão de Divulgação Cultural (mensal) — CIGARRA MAGAZINE — O semanário de maior circulação no Brasil — DETECTIVE — Revista policial — O GURI — Revista infantil (quinzenal) — "Seção de Livros" — Editôra.

ASSINATURAS

BRASIL		ESTRANGEIRO	
Um ano	Cr$ 75,00	Um ano	Cr$ 120,00
Semestre	Cr$ 40,00	Semestre	Cr$ 60,00

NUMERO AVULSO PARA TODO O BRASIL: Cr$ 1,50

Agentes em tôdas as cidades do Brasil e correspondentes nas principais cidades do mundo.

Redação e Administração — Rua do Livramento, 191 — Tel. 43-4971 (rêde interna)

Publicidade — Av. Venezuela, 43, 3.º andar — Telefone: 43-7293

Sucursais: Em S. Paulo — R. Bete de Abril, 330 — Fone: 4-4181. Em Belo Horizonte — R. Goiás, 34 — Fone: 2-1928. Em Recife — Praça da Independência, 12.

Publicidade em S. Paulo: SERVIÇOS DE IMPRENSA LTDA. (SILA) RUA SETE DE ABRIL, 230-3.º — Edifício dos "Diários Associados"

Tiragem do presente número pela qual nos responsabilizamos **91.000 exemplares**

CHAVE PERDIDA

Lázinha Luís Carlos de Caldas Brito

NO mundo por que caminhamos quase todos os sentimentos, hoje, são mistos. Nada mais é puro, perfeito, integral. De fato, nada conserva atualmente a sua integridade. Nem os átomos... A liberdade tão decantada e que tão bem serve para inflamar os espíritos, por ser uma bonita palavra prometedora de muitas coisas, é isso que nós sabemos... Na verdade, podemos acrescentar que ela não existe em parte alguma.

Ideal — outra palavra bonita, erguida para o alto, terminada em espiral — já quase ninguém conhece. Todos anseiam por alguma coisa, é certo, mas já não se sabe bem pelo que é. Vê-se por aí uma população descrente e, o que é pior, resignada. Quantas pessoas a quem pergunto se vão votar nas próximas eleições, me respondem:

— Para quê? Pois não é mesmo o Getúlio que vai ficar? Na hora êle dá um jeito...

Não há mais flama, porque tudo está falsificado, e os ideais agonizam. Há ainda aquêles que me respondem:

— Vou votar em Fulano, porque é um homem de bem, mas se êle conseguir o poder será que não vai mudar?...

O pessimismo, espécie de môfo da alma, tomou conta da maioria. Existe ainda o número reduzido dos entusiasmados, que apregoam suas convicções, uns porque pretendem auferir lucros com a vitória de determinado candidato, outros porque ainda — e abençoados sejam êles — são capazes de um entusiasmo. Mas o que existe em tudo isso é uma tremenda confusão. As palavras agora perderam o seu significado de tanto tempo. Estamos numa desgraçada, prodigiosa e predestinada época de transformação, de progresso, de sacrifício. A confusão, realmente, é geral. Parece que nada do que é, do que está, vai ficar. Viramos, de repente, uma esquina do tempo. A perspectiva passa a ser outra, a paisagem que se desenrola à nossa vista é diferente. Vemos, sem esperar, muito mais longe. O presente pràticamente deixa de existir, não nos interessa já tanto. Olhamos ansiosos para o futuro. Que será do mundo, temos o direito de perguntar, agora que a bomba atômica foi revelada, agora que os espíritos se aguçam no limiar da descoberta da desintegração do átomo e sua aplicação nas indústrias? Poderemos, acaso, imaginar as modificações lógicas daí decorrentes? Conservaremos ainda as mesmas concepções de moral, de política, de instrução, num mundo que nem sabemos como será?

Agora, com a descoberta da desintegração do átomo — coisa verdadeiramente maravilhosa — podemos compreender o que Somerset Maugham afirma no seu livro "The razor's edge": "Não é verdade que não se tenham encontrado as respostas. Há mais respostas que perguntas".

Sim, a desintegração do átomo veio provar essa verdade profunda. O homem pesquisa, busca, alucina-se na pista de realidades que lhe escapam. E, de repente, um dêsses relâmpagos de divinação vem abrir frestas no todo opaco e escuro da Verdade. Desintegra-se o átomo e isso nos traz respostas, sim! muito mais respostas que perguntas. O homem pergunta e a natureza, que por capricho ou por escárneo, em geral timbra em conservar-se muda, de repente responde. E essas respostas nos deslumbram, nos assustam.

E' assustador o mundo de hoje para o homem pacato de ontem, mesquinho para o homem dinâmico de amanhã. Mas em tudo isso há dispersa uma beleza suprema: é essa insaciável sêde de saber, essa pesquisa eterna, essa ânsia do homem em tôrno de si mesmo, êsse desejo áspero de conhecer o seu mistério, de rasgar as nuvens que o encobrem e o privam da suprema claridade. O homem busca e encontra sempre Deus, Deus sempre, recuando daqui, surgindo dali, afastando-se, deixando-se por vêzes entrever, parecendo ora mentir, descorçoando, deslumbrando na sua magnificência, sempre no fundo da natureza, no fundo de tôdas as coisas, sempre tão intocável e móvel que os homens descrêem d'Êle, negam uma verdade que é demasiado sutil e inatingível. Mas tôda a beleza do mundo está nessa busca desesperada. Vencendo as etapas dos mistérios da natureza, descobrindo dali o rádium, daqui desintegrando o átomo no urânio, vai o homem abrindo o caminho. Pensa encontrar apenas, ao fim de tudo, as fôrças da natureza, e é Deus que lhe aparece, como fôrça suprema dessa natureza. Parece que Deus, aos pou-

(CONTINÚA NA PÁGINA 30)

O Cruzeiro, 20 de outubro de 1945 – 0035-E

7 DIAS

A semana deixou estas lembranças

1

E' MUITO POSSÍVEL QUE À HORA em que esta edição de "O Cruzeiro" estiver circulando, Pierre Laval já tenha sido convenientemente fuzilado. Fuzilado ou não, interessa mais o "veredictum" do tribunal que impôs a pena máxima ao grande suíno do que pròpriamente a sua execução. E bem considerando, Laval anda querendo fazer uma "chantage" com a história, quando se recusa a pedir clemência e com uma frieza que não é heróica mas cínica, destruir a lenda de um Laval covarde e miserável. Esta atitude é ainda um dos mais fortes argumentos que se pode ter contra a insensibilidade moral do môcho de Vichi. Nada há de mais irredutível em cada homem do que a fôrça vital, a sua consciência biológica, o desesperado apêgo à vida. Aquêle que não tem pela sua existência nenhum amor, que não considera a sua glória de existir como um privilégio que é necessário defender a qualquer preço, êste é conseqüentemente um homem incapaz de glorificar, dignificar e engrandecer a sua vida e muito menos ainda a vida dos outros homens. Explica-se, assim, o cinismo gélido com que Laval enfrenta agora a morte. Isto explica, também, a álgida indiferença com que cometeu supremas infâmias e pelas quais arrastou milhares de outros homens à destruição. A morte não reserva nenhum mistério ou surprêsa para Pierre Laval. Ela sempre foi o seu clima. Poderia estar camuflada sob os mais longínquos disfarces, mas ainda assim era a morte a própria atmosfera de Pierre. Nunca foi capaz de um ato de vida, quero dizer, de um gesto ou um pensamento capaz de conter afirmações audaciosas, sugestões encorajadoras, ímpeto criador. Tôdas as coisas temerárias pelas quais nos engrandecemos, intrépidas e desprendidas, foram ignoradas dêle. Desconhecia a vida no que ela tem de mais alto e por isto não teme agora perdê-la, como ontem não trepidava em arrebatá-la de tantos outros. Eis porque hoje está tentando a sua grande "chantage" com a história. Tentando só, porque o mundo novo, e os homens, novos ou velhos que estão povoando êste recente tempo da humanidade, não se deixarão envolver nela. Esperamos, é certo, que Pierre seja fuzilado. Os profetas encheram o Velho Testamento de vinganças e maldições e eram os testemunhos de Deus. Não perturba, portanto, nosso desejo de concordância na vida humana a vontade de ver Laval ou Goering entre um muro e o pelotão. E ainda que assim não aconteça, basta que houvesse acontecido a sentença do tribunal. Porque ela marca uma hora nova nas relações humanas. Os homens, mesmo os que vieram de ontem, repudiam hoje o mundo das negações, engôdos, falseamentos, ardis, malícias, baixos apetites que em Laval, como outrora em Maquiavel e Fouché, foi elevado a magníficas dimensões. Só em botânica o estrume pode servir ao crescimento das árvores e assim mesmo porque as abelhas, adejando entre fôlhas, flores e frutos tocados de sol, não se sentem obrigadas a examinar o que se está passando junto às raízes.

2

...E ESTAS ESTRANHAS E LONGAS tardes de inverno em que as nuvens parecem estar muito em baixo, a pouca altura da terra e vão lentamente subindo, envolvendo as montanhas como se quisessem afogá-las.

3

EU QUERIA QUE CHEIRASSES à terra como as camponesas. Que tivesses a sinceridade elementar e o primitivismo fecundo das fôrças virgens da natureza. Então eu te amaria com a violência bárbara das tempestades e o ímpeto inaugural das auroras. Há cavalos selvagens pulando no meu sangue, no meu sangue que te adivinha pura e livre como um arremêsso de coxilha disparando debaixo do céu! No movimento da onda sinto a presença do teu corpo, do teu corpo profundo e excitante como um canto perdido no silêncio das praias, um canto de náufragos batendo no silêncio das praias. Tôda a natureza dança em volta de ti: tua carne sabe a maçã trincada, tua bôca guarda o perfume de uvas esmagadas: há vinho escorrendo da taça de teus seios. Dá-me desta maçã molhada, dá-me de teu vinho que a noite que vem é longa, pesada: em cada estrêla palpitam ânsias e agonias. Deixa que eu afunde no mistério noturno de teu sêr. Não quero estrêlas, quero vinho. (Com uma ânfora de vinho terás tôdas as estrêlas). Eu queria que fôsses como as camponesas, as camponesas que pisam uvas no lagar...

4

VEM, PARA MIM, POIS, como a primavera vem para a natureza, trazendo a ressurreição de novas flores e a promessa opulenta de frutos que se multiplicarão num espetáculo de terra pródiga e bendita. E's a minha Terra e, no amor telúrico que me prende a ti, sinto-me fixado perpètuamente à tua beleza com a mesma veemente avidez vital com que as raízes se entranham na profundidade fecunda dos solos natais.

5

"FOI MEDITANDO SÔBRE A VIDA que adquiri o poder de fazer milagres". (Bernard Shaw).

6

BARATO SE LIQUIDA! Vou andando dentro do nevoeiro que caiu de repente entre Ipanema e Leblon, mais forte junto do Jardim de Alá, e em mim, num ritmo metálico: "Barato se liquida!" Também como você, Wladimir Mayacowsky, sou candidato a um metro da morgue municipal. E, sem embargo, há em mim muitos sonhos, esperanças, ânsias, inquietudes, recordações. Vou andando dentro do nevoeiro, o coração querendo saltar fora, por tudo que amei e não tive, o lar distante, os lugares da infância, minha mãe chorando, os irmãos mortos, e "Barato se liquida!" Pergunto como você, Wladimir: "Querem tudo isto? A graça das jovens estudantes que antes de dormir sonham derreadas sôbre meus versos? A glória que na eternidade adornará meus passos? Troco-as, em seguida, por uma só palavra, carinhosa, humana. Vinde de tôda a terra, vinde hoje a São Petersburgo, à Rua Nadiezda, que por menos de um kopek se liquida um valiosíssimo reino: por uma palavra humana. Achais barato? Ide então encontrá-la!"

7

TÔDAS AS NOITES EU VELO pobres homens morrendo. Ouço a sua respiração, chorando, falando no seu sono. Querendo água e querendo amor. Êles chamam pela sua mãe, a terra natal, a luz do sol. Você quer viver, eu quero viver. Mas onde poderemos escapar dêste pobre mundo?" (Assim fala a enfermeira Elsie, em "The Time of Your Life", de William Saroyan).

F. O.

O Cruzeiro, 27 de outubro de 1945 – 0036-E

Diretor
ANTONIO ACCIOLY NETTO

O CRUZEIRO

RIO DE JANEIRO
ANO XVIII — NÚMERO 1
27 DE OUTUBRO DE 1945

A GLORIA DA CREAÇÃO

AUSTREGESILO DE ATHAYDE

SIM, digo-lhe, em resposta, que estou perfeitamente de acôrdo em que é preciso retornar à vida simples dos campos.

Já o era desde os tempos mais remotos, quando os homens começaram a construir as grandes cidades e juntos nelas praticavam os vícios que tantas vêzes levaram Jeová a consumi-las pelo fogo.

Em nossos dias, o castigo vem de outra forma e por outros motivos, mas sempre terrível.

Além de todos os males que afligem as populações dos grandes centros urbanos, males do corpo e do espírito, pesa sôbre elas a ameaça constante dos ataques de surprêsa, com os tenebrosos engenhos inventados para, num segundo, reduzir a cinzas, como aconteceu em Hiroshima e Nagasaki, construções de séculos.

Os muros das cidades não defendem mais contra o inimigo, como faziam antigamente. Hoje atraem o ataque e doravante, com a possibilidade mortal da surprêsa.

AS grandes complicações da existência moderna originam-se em quase tôdas, dêsses tremendos ajuntamentos citadinos, compostos, na maioria dos casos, de populações parasitárias, moral e fisicamente enfêrmas, dominadas pela ânsia do prazer e do luxo.

As necessidades artificiais tornam ainda mais insuportáveis as verdadeiras necessidades do alimento, da casa e do vestido. E o mais trágico, na consideração do fenômeno, é que são essas populações fatigadas, neuróticas, sob a alucinação das suas fobias que, quase sempre, conduzem politicamente os povos, pelas influências que exercem com os seus grandes instrumentos publicitários.

Elas decidem da paz e da guerra, quando se houvesse uma organização razoável dos Estados, nem mesmo lhes deveria ser permitido o direito do sufrágio, pelo estado de espírito em que ordinàriamente se encontram e os influxos exóticos que recebem.

ENTRE tantos planos elaborados para salvar a humanidade do caos em que se acha submersa e que poderá custar-lhe a própria civilização, não vi ainda nenhum que tivesse como ponto básico o retôrno aos campos. Isso significaria a volta a muitos conceitos morais que estão sendo esquecidos e a uma política educacional que ensinasse ao homem a virtude da conformidade com o seu destino.

Quantos problemas econômicos individuais e coletivos não se resolveriam, com a aplicação das energias perdidas nas cidades aos trabalhos sadios e fecundos da terra.

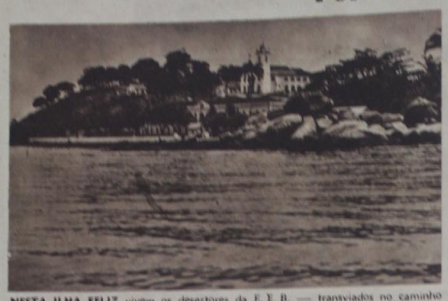
A máquina que deveria aliar-se com o operário para facilitar-lhe a existência, transformou-se em sua inimiga, devora-lhe as fôrças, desgasta-lhe a alma na monotonia dos seus movimentos.

Ai daqueles que nunca fizeram o gesto do semeador, lançando na gleba a semente dadivosa. Jamais experimentarão a alegria suprema de compartilhar com a divindade das glórias da criação!

O Cruzeiro, 27 de outubro de 1945 – 0037-E

DESERTORES DA F.E.B.

Por DAVID NASSER



NESTA ILHA FELIZ vivem os desertores da F. E. B. — transviados no caminho do dever — os anos da sentença condenatória. Entre êles, no entanto, existem alguns, vítimas das circunstâncias, cuja liberdade é agora pleiteada junto ao Ministro da Guerra. Esta reportagem é o primeiro clamor pró-anistia dos desertores.

PERDIDOS de esperança, guardados em um quadrilátero estranho e invencível (a leste, o mar; a norte e sul, o arame farpado e o muro alto) os desertores da F.E.B. expiam o crime de traição à Pátria em um dos seus momentos difíceis. "— Êles a abandonaram quando tudo mandava que fôssem defendê-la!" — disse-me um capitão. Terminada a guerra, cumprem sentença em uma ilha, cujo nome guardáremos. Valendo-nos de uma pequena embarcação a gasolina, chegamos a uma distância de alguns metros da muralha que os separa do mundo, de tal forma que puderam chegar até nós as suas súplicas, mandadas em voz alta. Não nos foi possível, entretanto, violar a incomunicabilidade dos presos, o que constituiria quebra de leis militares e acarretaria um sem fim de complicações. O que hoje narramos aos nossos leitores, entretanto, é a história autêntica — detalhe-por-detalhe — de um desertor do Exército, prêso às vésperas do embarque da F.E.B. Seu nome pode ser dito sem inconveniente, porque o rapaz se matou dentro da prisão. O objetivo principal destas notas, entretanto, é sustentar a tese de que existem culpados dessa grave falta que é a deserção em tempo de guerra, que a isso foram levados por motivos tão insuperáveis, tão graves e irremovíveis, que sentença condenatória se são se tornou injustiça, bem perto estêve disso. O CRUZEIRO deseja encaminhar ao Ministro da Guerra, General Góis Monteiro, o apêlo de centenas de famílias brasileiras para que seja dada anistia aos autores de pequenas faltas e aos desertores sob certas circunstâncias, dentre os rapazes da Fôrça Expedicionária Brasileira. É uma oportunidade em que o nosso estimado "General Dinamite" poderá demonstrar uma vez mais sua liberalidade e seu reconhecido bom-senso.

A HISTÓRIA DO DESERTOR

A humilde existência de José Paula Bayeux não teve nada de novo em seus vinte e seis anos anônimamente vividos. O rapaz nasceu em São Paulo, filho natural de pais legítimos, e essa anomalia ocorreu porque a legitimação do matrimônio fôra feita tardiamente, no leito de morte. Ficara a êle e aos irmãos uma herança, que José Paula Bayeux não recebeu, em vista de certos detalhes do código, cuja explicação cabia aos juízes. Os juízes pediram algum tempo para estudar o processo e não demoraram: apenas vinte anos. Metade dos herdeiros — a parte rica — jogava tênis (José Luís Bayeux e outros) enquanto a parte dependente da sentença judicial trabalhava duramente para a conquista do pão. José Paula Bayeux mantinha-se com dificuldade, porém, mesmo assim, mandou vir de São Paulo sua mãe adotiva, uma velha criada de alma boníssima, e bem ou mal, ia arrastando sua vida, fazendo pequenos serviços. Certo dia chegou uma carta. O aviso dizia, apenas: "— Apresente-se no dia 15 à 1.ª C. R. sob pena de ser considerado insubmisso".

Êle se apresentou. Que poderia fazer? Provar ser arrimo de família? Uma velha empregada poderia ser considerada sua família? Depois, os documentos exigidos eram tremendamente difíceis e eram também inumeráveis. Prova de que não paga imposto sôbre isto! Prova de que não tem prédios! Prova de uma infinidade de coisas, cuja obtenção se tornava quase impossível. Deixou tudo de lado e tomou o rumo do quartel. Serviu alguns dias. Suas noites de caserna se enchiam de pesadelos. Via a velha mãi adotiva passando fome. Saindo pelas ruas, mendigando. O armazém fazendo cobrança. O açougue fazendo pressão. Paga! Paga! Paga! A alucinação esmagou-o. Como um louco, um louco bem equilibrado, vestiu-se devagarinho e sorrateiramente abandonou o quartel. Na madrugada seguinte, após a chamada, o oficial de dia assinalou a falta de um homem. Desde êsse dia, nas repartições policiais, um aviso se encontrava:

> ORDEM DE PRISÃO
> contra
> JOSÉ PAULA BAYEUX
> desertor do Exército

Passado longo tempo, quando êle imaginava que livre ficara definitivamente da tropa, o imprevisto cortou seus passos e a ruína veio, rápida e aniquilante. A moça que sorridente o atendia, na repartição do Ministério do Trabalho, antes da devolução da carteira profissional, mandara que êle voltasse duas horas depois. E duas horas depois também lá estavam dois policiais que ela, a moça sorridente, avisara. José Paula Bayeux foi levado à prisão e removido, mais tarde, ao 1.º Regimento de Artilharia Montada. Escreveu-me do xadrêz uma carta, que seria a última:

"...e você ficaria espantado com o número de presos em cada cela. Não podemos dormir deitados. Somos obrigados a permanecer sentados a noite inteira. O comando não tem culpa, se lhe mandam presos em demasia — e é verdade que procura fazer o que está a seu alcance, dentro das medidas normais para evitar óbitos. Serei julgado brevemente. Tenho a certeza de que, ante minhas razões, serei condenado à pena mínima."

Sucedeu assim. O capitão e os tenentes que o julgaram decidiram que havia um lado atenuante em seu caso. Sentenciado a seis meses de prisão, José Paula Bayeux cumpriu-os até o fim. Após a derradeira sessão do julgamento, êle passou por mim, magro e pálido. Fêz um gesto de adeus ou de alegria e disse qualquer coisa assim: "— Breve voltarei!"

Seis meses passam devagar, dentro da cela. Chegou o dia de liberdade e José Paula Bayeux veio até o centro da cidade. Vagueava pelas ruas, tonto e feliz, arrasado, vida nova, alma aberta. "— Passou por um mendigo — contou-me seu irmão José Carlos — e deu todo o dinheiro que trazia. Viu a namorada, beijou-a, e voltou ao quartel". Soube, então, que o promotor recorrera da sentença que lhe dera a pena mínima, exigindo agora dez meses, outros dez meses. José Paula Bayeux deve ter perdido, com a sensação de liberdade, o resto de ânimo, e deixou-se levar pelo desespero. Madrugada ainda, quando o soldado encarregado da limpeza entrou na cela dos presos, encontrou ainda deitado o desertor José Paula Bayeux. Não acordou aos gritos. Não acordaria mais a todos os gritos do universo. José Paula Bayeux matara-se com um veneno obtido não se sabe como. Deixou uma carta aos irmãos, outra à velha mãe adotiva, outra à noiva, outra à polícia. Não fazia acusações. Pedia, apenas, que nos futuros julgamentos de desertores, o lado humano fôsse encarado de frente. Não pedia que os desertores fôssem absolvidos, porém exigia, EM NOME DE MINHA MORTE, QUE SERVIRA' DE EXEMPLO, que sejam removidas algumas causas de deserção.

Após êsse caso e outros iguais, as leis militares não foram abrandadas, mas outras foram criadas, oferecendo certas garantias positivas aos convocados, e entre estas, a de 50% sôbre os salários das ocupações civis. A própria Legião Brasileira de Assistência prestou serviços a famílias de convocados (e êste é o depoimento de sinceridade séria, pois parte de um jornalista manifestamente contra o govêrno) embora pudesse ter prestado mais, com o dinheiro obtido compulsòriamente.

Muitos, apesar disso, abandonaram as fileiras, antes da partida. (As deserções no campo de luta foram raríssimas, felizmente), apesar das cautelas tratas de que nos fala Joel Silveira em suas "Histórias de Pracinha"). Hoje, os desertores cumprem pena em uma ilha, em um local inapropriado, enquanto o presídio militar é construído lentamente.

***

Da Ilha, êles nos acenam com as mãos sem lenços. Vestem ainda a roupa verde-oliva, agora desbotada. Passeiam dentro da área cercada de arame farpado. Alguns são do Norte, ingênuos e felizes caiçaras que fugiram, não por medo, mas por mulher, o que é a mesma coisa. Outros, cariocas, mineiros, fluminenses, estão tristes por não terem ido. Veio tarde o arrependimento. E era de ver — conta-me um velho marinheiro — a tristeza dêles, quando passava ao largo o primeiro navio de regresso, naquele dia memorável. Rostos pregados ao arame farpado, muitos choravam. Não, senhores, êles talvez não sejam bons rapazes, porém não chegam a ser monstros. E' grande o crime, mas o perdão é maior.

Depois, a causa principal é o Mêdo. E quantos, dentre nós, atiraria a primeira pedra?

David Nasser inaugura uma nova série de reportagens

David Nasser, que escreveu os livros "Mergulho na Aventura" — em plena carreira de sucesso, com vários milhares vendidos — e "Só Meu Sangue é Alemão", com edições esgotadas — passará a apresentar nesta revista nova série de reportagens palpitantes, focalizando o assunto em pequeno espaço e valorizando, assim, a parte escrita. Numa época em que o jornalismo é feito de sensação honesta e de notícias emocionantes, porém verídicas, êsse nosso companheiro destacou-se como um dos melhores elementos da imprensa brasileira, na saça do que êle chama, em seu último livro, o "fato nu". David Nasser tem sido acusado, várias vêzes, de desprezar o comentário dentro da reportagem. Argumenta, entretanto, que "os repórteres vão buscar a notícia para o sueltista tirar as conclusões, como se estas, e não a notícia, fôssem definitivas, em seu poder de convicção". Estejam os leitores de O CRUZEIRO, desta maneira, atentos a estas páginas, precisamente neste local, e terão uma reportagem de David Nasser que lhes dirá alguma coisa de novo, se há mesmo alguma coisa de novo na face do mundo... — N. D.

DAVID NASSER

O Cruzeiro, 10 de novembro de 1945 – 0038-F

Diretor
ANTONIO ACCIOLY NETTO

O CRUZEIRO

RIO DE JANEIRO
ANO XVIII — NÚMERO 3
10 DE NOVEMBRO DE 1945

Donde virá SALVAÇÃO

AUSTREGESILO DE ATHAYDE

ROBERT LEY, um dos maiores criminosos de guerra, suicidou-se na prisão, fugindo à sentença do tribunal do mundo, já reunido para julgá-lo.

O fim dêsse homem não causa maior impressão. A fuga pelo suicídio foi uma das formas de covardia de muitos que, no auge do poder, pareciam desafiar a justiça com a falsa insolência dos super-homens nietzscheanos.

O que interessa é o seu testamento político. As palavras com que denunciou o êrro praticado pelo nazismo, afastando-se, com soberba, das idéias divinas, renegando o Espírito e as suas fôrças inegáveis e decisivas. Não foi a primeira nem será a última vez que uma nação se perde pelo orgulho e pelo abandono da divindade, ou seja o abandono de valores que não se contam nem se medem, porque pertencem à categoria do ideal.

* * *

TODO o futuro da humanidade vai depender, doravante, da medida em que souber guardar fidelidade às fôrças espirituais que venceram na guerra.

Os que se desgarrarem no materialismo, desprezando no homem o elemento que o distingue do animal e assegura o seu domínio sôbre êle, separar-se-ão, ao mesmo tempo, da crença nos princípios e sentimentos capazes de garantir a permanência da civilização. Porque essa não consiste só no progresso científico, na capacidade industrial, no uso das máquinas de construção, confôrto e velocidade. E' principalmente a soma de abstrações morais, religiosas, filosóficas que formam a cultura, inspiram as artes, dirigem a ciência.

Seria longo dizer pormenorizadamente. Mas as civilizações que houve e submergiram, desenvolveram-se em tôrno a crenças e perduraram, na proporção em que essas crenças tiveram substância para conduzir os homens.

* * *

ESTARIA induzido em engano quem supusesse que eu preconizo no mundo moral ou religioso determinado tipo de crenças.

O essencial é tê-las, relacionando com elas o procedimento pessoal e coletivo.

O problema no seu fundamento é o da existência do Espírito, com a superioridade das suas formas sôbre a matéria. A primeira e menos substituível dessas formas é a Liberdade.

Eis por que pereceu o nazismo e as cidades nazistas estão em ruínas e os chefes nazistas morreram ignominiosamente ou aguardam no cárcere o pronunciamento da justiça.

Suprimindo a liberdade feriram o Espírito, eliminaram a energia suprema, através da qual a divindade se manifesta no homem.

Robert Ley proclamou-o tarde, mas deixando à posteridade a lição do arrependimento que há de ser útil à Alemanha.

Na era atômica, é espantoso que a reação dos sábios que a iniciaram, no profundo conhecimento do segrêdo da matéria, seja pedir aos povos que se voltem para Deus, considerando que não virá de outro poder a salvação.

O Cruzeiro, 10 de novembro de 1945 – 0039-F

Sete dias

A semana deixou estas lembranças

1

ACERTAMOS OS PONTEIROS do nosso relógio pela grande hora do mundo novo. Êste deve ser o sentido mais profundo do colapso em que entrou o consulado do Sr. Getúlio Vargas. Todo govêrno que quiser legitimar sua autoridade tende hoje a uma crescente diminuição da violência. O ditador exasperou-se e caiu. Servindo esta ordem de idéias para explicar a origem da deposição de 30 de outubro, serve igualmente como uma advertência na qual ressoa o próprio sentido da vida de após-guerra. Aqui e em outras partes do mundo, os resíduos do fascismo, ainda latentes nas esferas econômicas, política, moral e espiritual, estão sendo cada vez mais anulados, e anulados serão de tal forma que se torne impossível a sua reorganização como fôrça contrária à maior emancipação do espírito humano. Nossa cultura e nossa civilização, nossos valores e concepções de vida chegaram a um tão admirável grau de amplitude e universalidade, que dificilmente poderemos hoje encontrar diques para transformá-los em gelados poços de estagnação.

2

"DER TOD IST GROSS", a morte é grande, Rainer Maria Rilke. Nesta tarde tranqüila de 2 de novembro seus versos me acompanham por estas alamedas e vendo mármores frios e brancos vou lembrando tôdas as coisas vivas que contrastam com êles: mares e planuras, lux e vitórias, amplos rentos e noites espaçosas. E tudo isso me fax pensar como é muito mais triste a vida que passa nunca mais voltando do que pròpriamente a morte parada como um remanso. Esta morte assim não me espanta. Vejo-a mesmo como uma relação necessária à valorização da vida. Todos temos a nossa morte própria, aquela que cresce simultâneamente com a vida, e no fim de tudo se realizando com a naturalidade com que cai um fruto amadurecido. Afluentes de um obscuro rio que se chama Ser, a vida e a morte correm juntas. Terrível é quando esta vem de fora, não paralela mas transversal aos nossos dias. A morte dos sêres jovens, eis uma frustração. Porque aí não é a morte, mas a vida mesma destruindo os homens. Algo que perde o caráter de estrêla e desfax constelações. Algo que mutila, rouba, arregata, assalta, e, por detrás de tudo, nem um sentido para nada, nem um pensamento possível. Creio que esta angústia indefinida de nossa geração, esta inquietude sem motivo aparente de nosso tempo, têm causa na frustração de tantas vidas ainda não realizadas que a guerra nos trouxe. A morte em massa, homens jovens morrendo como carneiros nos matadouros, não constituem apenas um dantesco espetáculo: dessa ocorrência fôrças trágicas se desassociam, energias más se desagregam, radiações estranhas se desintegram, criando a atmosfera de desencontro e desentendimento espiritual em que vivemos. E agora, aonde iremos reencontrar a nossa vida?

3

..."COMPÔS "CLAIR DE JUNE" com tôdas as coisas brancas e brilhantes que amava..." (Marta Gomes Jardim).

4

ALI ONDE A VIDA ESTÊVE mil vêzes em cada minuto, ali não mais estarei. Era um pequeno apartamento. Dentro de suas paredes, leblonei, e agora que fui para Copacabana vou compreendendo lentamente certas coisas que não dizem respeito a uma simples mudança de apartamento mas estão impiedosamente prêsas à vida. Talvez alguma bailarina tente me compreender. Porque a vida de uma bailarina está no ritmo dos gestos que se destroem para criar outros gestos, cabendo tôda entre o ser e o devenir, com um longo espaço branco entre êstes dois momentos. E vocês vão concordar que a vida é assim, vamos compreendendo a melancolia antes de perceber a felicidade, e tudo correndo e nunca mais voltando, para sempre perdendo-se. Mudo-me apenas de bairro, mas quem me garante que ainda verei as mesmas crianças que brincavam debaixo da minha janela, encont as mesmas pessoas que a existência cotidiana tornara, de um modo ou de outro, mais conhecidas e íntimas? A pequena loira e bonita da casa ao lado, ainda a verei? E' possível que de dois em dois anos a encontre, mas já não será a mesma coisa e algo está perdido. E' como se nesse pedaço de vida se acabasse tôda uma vida. Penso agora num novo mandamento: bemaventurados os que não se distanciam porque nunca serão vencidos pelo tempo.

5

JOVENS ESPÔSAS DE ALGUNS "PRACINHAS" casados durante a guerra, na Itália, chegaram patèticamente ao Rio. Beijos de tecnicolor, algum pranto e muita emoção, eis a paisagem do desembarque. Annette quer falar português (discordo: uma jovem espôsa, sendo jovem e bonita e falando italiano é, Annette, música pura); Clemência tem quatorze anos e é a mais jovem de tôdas; Miranda contou que a igreja em que se casou foi destruída e na hora do terno abraço, dois maridos não apareceram. Enquanto o Ministério da Guerra os localiza, foram mandadas para a Escola Ana Nery. Não vou dizer aqui que estas duas foram possivelmente as que mais se maravilharam com o Pão de Açúcar e outros detalhes turísticos da nossa geografia. Bem, um jovem cronista solteiro fax logo outros cálculos. Ainda que não tivesse sido um simples correspondente de guerra...

6

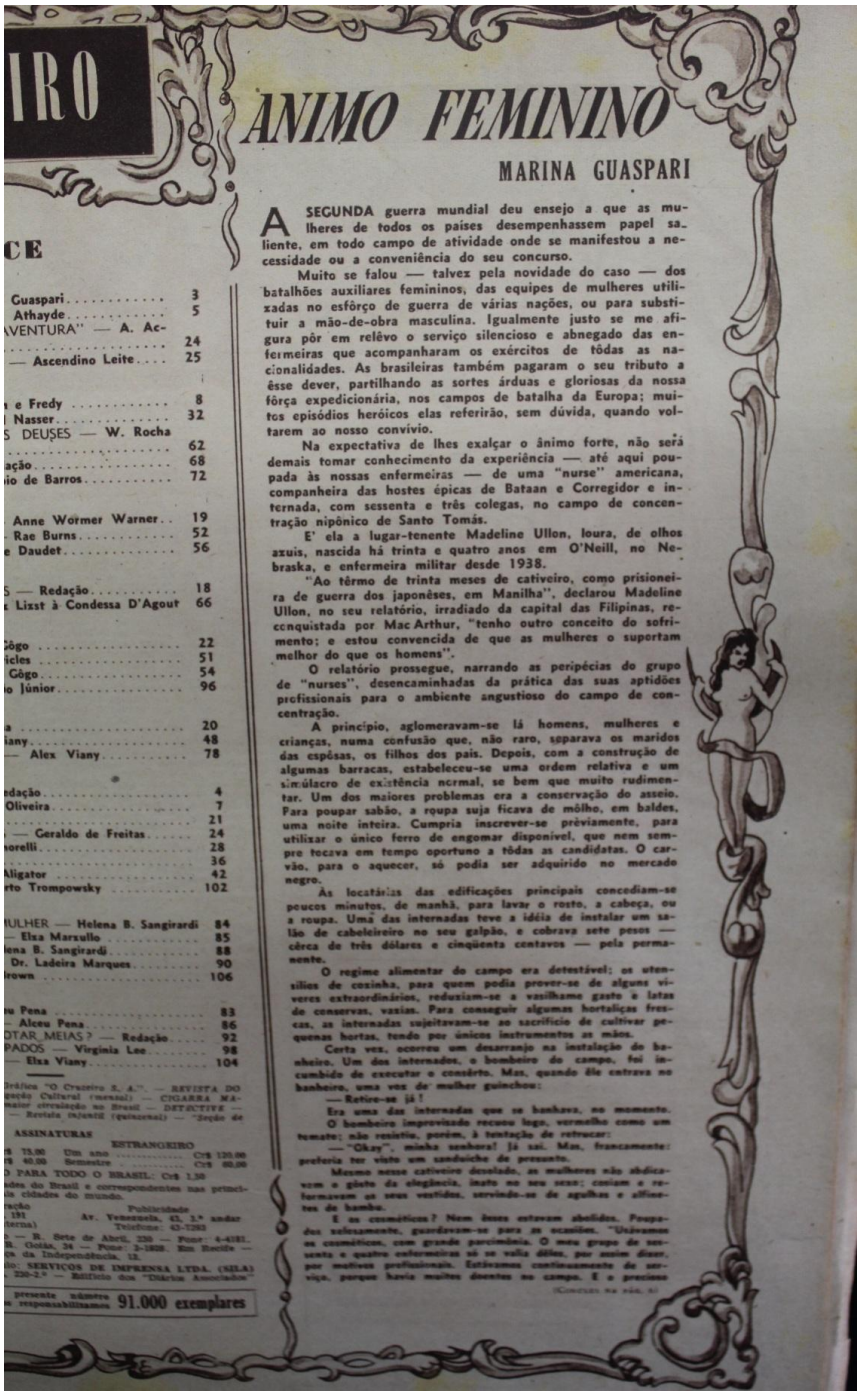
CHEGO HOJE A UMA CONCLUSÃO um pouco triste: melhor do que o amor, sendo de todos os instantes, e para sempre, é a ternura, última forma resignada da paixão humana.

7

NOTA, SEM HUMORISMO, num compêndio de zoologia: o homem é o animal que mais se aproxima do ser humano.

F. O.

O Cruzeiro, 17 de novembro de 1945 – 0040-F



IRO

CE

Guaspari 3
Athayde 5
AVENTURA" — A. Ac- 24
— Ascendino Leite 25

e Fredy 8
Nasser 32
S DEUSES — W. Rocha 62
ação 68
io de Barros 72

Anne Wormer Warner .. 19
Rae Burns 52
e Daudet 56

S — Redação 18
Lizst à Condessa D'Agout 66

Côgo 22
icles 51
Côgo 54
o Júnior 96

a 20
iany 48
— Alex Viany 78

ndação 4
Oliveira 7
..... 21
— Geraldo de Freitas 24
orelli 28
..... 36
Aligator 42
rto Trompowsky 102

ULHER — Helena B. Sangirardi 84
— Elza Marzullo 85
lena B. Sangirardi 88
Dr. Ladeira Marques 90
rown 106

u Pena 83
— Aleu Pena 86
OTAR MEIAS? — Redação 92
PADOS — Virginia Lee 98
— Elza Viany 104

Gráfica "O Cruzeiro S. A.". — REVISTA DO ação Cultural (mensal) — CIGARRA MA- maior circulação no Brasil — DETECTIVE — — Revista infantil (quinzenal) — "Seção de

ASSINATURAS

ESTRANGEIRO
S 75,00 Um ano ..... Cr$ 120,00
rs 40,00 Semestre ..... Cr$ 60,00
O PARA TODO O BRASIL: Cr$ 1,50
ndas do Brasil e correspondentes nas princi- ais cidades do mundo.

ração
. 191
(terna)
Publicidade
Av. Venezuela, 43, 3.º andar
Telefone: 43-7293
— R. Sete de Abril, 230 — Fone: 4-4181.
R. Goiás, 34 — Fone: 2-1888. Rua Recife —
ca da Independência, 12.
io: SERVIÇOS DE IMPRENSA LTDA. (SILA)
. 230-2.º — Edifício dos "Diários Associados"

presente número
s responsabilizamos 91.000 exemplares

ANIMO FEMININO

MARINA GUASPARI

A SEGUNDA guerra mundial deu ensejo a que as mulheres de todos os países desempenhassem papel saliente, em todo campo de atividade onde se manifestou a necessidade ou a conveniência do seu concurso.

Muito se falou — talvez pela novidade do caso — dos batalhões auxiliares femininos, das equipes de mulheres utilizadas no esfôrço de guerra de várias nações, ou para substituir a mão-de-obra masculina. Igualmente justo se me afigura pôr em relêvo o serviço silencioso e abnegado das enfermeiras que acompanharam os exércitos de tôdas as nacionalidades. As brasileiras também pagaram o seu tributo a êsse dever, partilhando as sortes árduas e gloriosas da nossa fôrça expedicionária, nos campos de batalha da Europa; muitos episódios heróicos elas referirão, sem dúvida, quando voltarem ao nosso convívio.

Na expectativa de lhes exalçar o ânimo forte, não será demais tomar conhecimento da experiência — até aqui poupada às nossas enfermeiras — de uma "nurse" americana, companheira das hostes épicas de Bataan e Corregidor e internada, com sessenta e três colegas, no campo de concentração nipônico de Santo Tomás.

E' ela a lugar-tenente Madeline Ullon, loura, de olhos azuis, nascida há trinta e quatro anos em O'Neill, no Nebraska, e enfermeira militar desde 1938.

"Ao têrmo de trinta meses de cativeiro, como prisioneira de guerra dos japonêses, em Manilha", declarou Madeline Ullon, no seu relatório, irradiado da capital das Filipinas, reconquistada por Mac Arthur, "tenho outro conceito do sofrimento; e estou convencida de que as mulheres o suportam melhor do que os homens".

O relatório prossegue, narrando as peripécias do grupo de "nurses", desencaminhadas da prática das suas aptidões profissionais para o ambiente angustioso do campo de concentração.

A princípio, aglomeravam-se lá homens, mulheres e crianças, numa confusão que, não raro, separava os maridos das espôsas, os filhos dos pais. Depois, com a construção de algumas barracas, estabeleceu-se uma ordem relativa e um simulacro de existência normal, se bem que muito rudimentar. Um dos maiores problemas era a conservação do asseio. Para poupar sabão, a roupa suja ficava de môlho, em baldes, uma noite inteira. Cumpria inscrever-se prèviamente, para utilizar o único ferro de engomar disponível, que nem sempre tocava em tempo oportuno a tôdas as candidatas. O carvão, para o aquecer, só podia ser adquirido no mercado negro.

As locatárias das edificações principais concediam-se poucos minutos, de manhã, para lavar o rosto, a cabeça, ou a roupa. Uma das internadas teve a idéia de instalar um salão de cabeleireiro no seu galpão, e cobrava sete pesos — cêrca de três dólares e cinqüenta centavos — pela permanente.

O regime alimentar do campo era detestável; os utensílios de cozinha, para quem podia prover-se de alguns víveres extraordinários, reduziam-se a vasilhame gasto e latas de conservas, vazias. Para conseguir algumas hortaliças frescas, as internadas sujeitavam-se ao sacrifício de cultivar pequenas hortas, tendo por únicos instrumentos as mãos.

Certa vez, ocorreu um desarranjo na instalação do banheiro. Um dos internados, o bombeiro do campo, foi incumbido de executar o conserto. Mas, quando êle entrava no banheiro, uma voz de mulher guinchou:

— Retire-se já!

Era uma das internadas que se banhava, no momento.

O bombeiro improvisado recuou logo, vermelho como um tomate; não resistiu, porém, à tentação de retrucar:

— "Okay", minha senhora! Já saí. Mas, francamente: preferia ter visto um sanduíche de presunto.

Mesmo nesse cativeiro desolado, as mulheres não abdicavam o gôsto da elegância, inato no seu sexo; coziam e reformavam os seus vestidos, servindo-se de agulhas e alfinetes de bomba.

E os cosméticos? Nem êsses estavam abolidos. Poupados zelosamente, guardavam-se para as ocasiões. "Usávamos os cosméticos, com grande parcimônia. O meu grupo de sessenta e quatro enfermeiras só se valia dêles, por assim dizer, por motivos profissionais. Estávamos continuamente de serviço, porque havia muitos doentes no campo. E o precioso

(CONCLUI NA PAG. 8)

O Cruzeiro, 17 de novembro de 1945 – 0041-F

O ÊRRO DE PRESTES

Por DAVID NASSER

PRESTES inicia pelo rádio sua campanha política e faz as declarações de apoio ao Ditador. Êste momento assinala uma fase da vida nacional que seria denominada: O Êrro de Luís Carlos Prestes

O Partido Comunista do Brasil dirigiu ao proletariado, a todos os trabalhadores, das cidades e dos campos, homens e mulheres, aos intelectuais, artistas e escritores e cientistas, a todos os democratas, patriotas, patrões e operários, camponeses e fazendeiros, civis e militares, um manifesto afirmando, entre outras coisas, que o golpe militar aparentemente dirigido contra o Ditador e seu govêrno, foi de fato desfechado contra o povo e a democracia, contra o proletariado e suas organizações e antes de tudo contra o Partido da classe operária e seus dirigentes.

FOI êsse govêrno defendido pelo Sr. Luís Carlos Prestes o maior adversário de tôdas as reivindicações democráticas e o responsável direto da morte de centenas de operários, líderes classistas, mortos nas florestas ou nas celas imundas da Polícia Central.

Durante quinze anos o comunismo sofreu da parte do Ditador a mais acérrima, a mais cruel, a mais repelente de tôdas as perseguições jamais desferida contra homens e teorias políticas. Tão feroz foi a perseguição movida contra o Partido que uma grande maioria do povo brasileiro, intelectuais e artistas principalmente, sentiu-se na obrigação moral de lutar pelo restabelecimento da liberdade de homens e mulheres comunistas presos e torturados, deixando de lado muita vez problemas mais vitais para a grandeza do Brasil, mas que evidentemente não possuíam a mesma grandeza de apêlo humano.

Do ponto de vista humano naturalmente que o Sr. Luís Carlos Prestes não poderia jamais esquecer, nem perdoar, nem mesmo relegar para plano secundário os sofrimentos *em sua própria carne*, durante nove anos, nas mãos da polícia do Ditador respeitada e admirada pela própria Gestapo. Nem poderia esquecer os sofrimentos inimaginaveis, incontáveis que sofreu sua espôsa, enviada como é sabido em estado de adiantada gravidez, para a Alemanha nazista, onde deu à luz a formosa Anita Prestes. Nem poderia também esquecer ou relegar momentâneamente os sofrimentos dos que o acompanhavam com uma fidelidade absoluta.

Mas, Prestes, afirmam os seus companheiros de luta, é homem que põe, acima dos seus sentimentos humanos, os seus ideais de comunista. Admitamos que isso esteja certo.

E admitindo que assim esteja certo, chegaremos a uma conclusão não menos desabonadora para o Líder. Porque, como líder, pondo de lado suas características e sentimentos pessoais, êle poderia esquecer os próprios sofrimentos, os sofrimentos da espôsa, os sofrimentos da mãe que em agonia foi impedida de vê-lo pelo Ditador pessoalmente! Poderia esquecer as torturas que levaram Harry Berger à loucura e sua mulher à morte na Alemanha. Poderia esquecer também o sofrimento de centenas, ou milhares de adeptos seus, arrancados da cama a altas horas da noite, espancados, espetados, ofendidos, cuspidos, queimados, e as mulheres *seviciadas!*

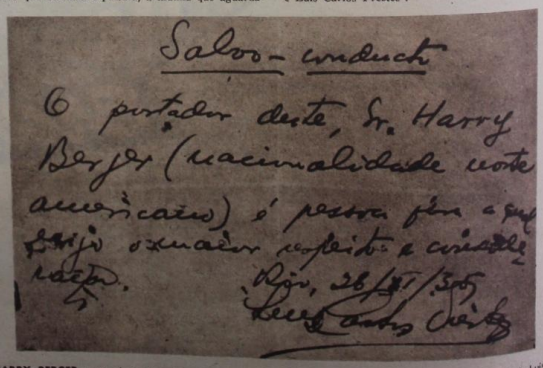
Mas uma coisa o Sr. Luís Carlos Prestes não poderia esquecer como líder das massas — *a própria massa*. Essa foi, durante o mais longo período de nossa história, torturada pelo Ditador abandonada por êle às mãos da maior quadrilha de "gangsters" que jamais tomou o govêrno de um país. A educação desceu ao caos, as finanças tiveram o mesmo destino, a indústria caiu nas mãos de três ou quatro "trustman" que a exploravam ao bel-prazer das comissões fornecidas a agentes do Ditador. A massa do Brasil sofreu as mãos da Ditadura durante 15 anos as mais absurdas arbitrariedades. Durante quinze anos a liberdade individual periclitou, durante quinze anos não havia para quem apelar contra os desmandos de um govêrno que a cada dia mais cbafurdava na lama. Naturalmente todos êsses fatos são demasiado conhecidos e há milhares de outros que poderíamos citar — a perda dos mercados de café, o "golpe" do algodão, a vergonha da borracha, — e êsses outros fatos não seriam menos conhecidos. Mas é preciso que os repitamos para que possamos afirmar: — Não, nessa altura o Sr. Prestes não podia abandonar as massas que dizia defender.

O povo batia palmas ao Ditador apesar da fome, é certo, devido à própria falta de educação de que tão bem o Ditador cuidara, é certo, mas o povo acredita mesmo mais na palavra que lê, do que na fome que sente. O sorriso profissional do Sr. Getúlio Vargas, a mão passada na cabeça das criancinhas de Petrópolis, enganava o povo e o povo batia palmas. Mas o Sr. Prestes passou nove anos de longos estudos nas células do Sr. Filinto Müller e devia tornar como modêlo de ação a sua própria afirmativa de que cabe ao líder não seguir à vontade do povo mas sim orientá-la.

* * *

Colaborar com um govêrno tipicamente fascista para fazer, dentro dêsse próprio govêrno, nesse mesmo regime viciado, a redemocratização do país — os fatos provaram que era impossível. Seria o mesmo que desejar a reestruturação de um organismo canceroso. Hoje, sabemos que a posição das massas é e sempre deveria ter sido contra o govêrno que a perseguiu e que, na agonia do regime, tentou fazer-lhe concessões, parecidas com aquela de Mussolini, que na hora da morte, para fugir à morte, ofereceu um Império que não possuía. O êrro de segurar-se ao morto que descia à sepultura, à múmia que aguardava sòmente o empurrão definitivo, foi um passo para trás. E dizer que tudo isto aconteceu quando os fatos mais bárbaros registrados pelos anais da polícia brasileira ainda eram bem recentes. Como o de Jenny Gleiser, o de Tobias Warschasky, o de Malheiros, o daquela menina Ester Fernandes, assassinada, e que depois teve sua morte atribuída a outros. E ainda há Berger. Eis a sua história: — Harry Berger, prêso em Copacabana, conduzido à Polícia Especial, entrou na Sala de Detidos. Uma pancada de casse-tête recebeu-o, em plena fronte. Não dissera uma palavra. "Uso métodos da Gestapo aperfeiçoados por mim. E' o sistema brasileiro", disse Veras, o encarregado do interrogatório. As torturas por que passou Harry Berger fogem à imaginação mais fecunda. Êle próprio contou ao Sr. Ivo Meireles e ao Dr. Hans Rotgen, médicos, aquêle brasileiro e êste alemão antinazista, na visita dêstes à casa de doidos em que êle está internado. "Fizeram-me permanecer de pé, em posição de sentido, durante setenta e duas horas, e ao menor movimento, batiam-me de rijo, com tôda violência na cabeça. Deram-me água salgada e depois, negaram-me água durante vários dias, atirando-a contudo, por um buraco da cela".

A polícia do Ditador possuía outros meios de convicção. O operário Waldivio Loureiro, atualmente em Campos, conta a maneira terrível usada em seu interrogatório. Enfiaram-lhe umas farpas pelos dedos, chamadas adelfis, e à medida que êle recusava falar, empurravam mais um pouco, mais um pouco. Ademar, um marinheiro, sentou-se na cadeira Americana, sôbre os *anjinhos*, como os investigadores a chamavam, porque dispunha de um aparelho para esmagamento. O Dr. Silveira Martins teve enfiada no rosto até o pescoço, a máscara de couro, e enlouqueceu. Aida, a companheira de Sebastião Francisco, recebeu uma bucha de mostarda. Morreu. Outra companheira de um prêso, Antônia Xavier, residente à Rua Marquês de Sapucaí n. 30, sofreu a mesma tortura e salvou-se. Era costume da polícia brasileira no regime passado conduzir até à sala de martírio as espôsas ou companheiras dos presos, submetendo-as às mais bárbaras e inimagináveis torturas, a fim de que os interrogados falassem. E ainda havia o maçarico, jatos de fogo sôbre as nádegas dos homens e das mulheres. A espôsa de Harry Berger foi seviciada a casse-tête, queimada por centenas — centenas, vejam bem — de pontas de charutos, para que o marido confessasse. Tudo isto é possível que o Sr. Getúlio Vargas afirme desconhecer, tal qual Goering negou o conhecimento dos horrores dos campos de concentração. O Ditador, diretamente culpado dêsse vandalismo, poderá dizer que não sabia. Mas, e Luís Carlos Prestes?



Salvo-conduto

O portador deste, Sr. Harry Berger (nacionalidade norte americano) é pessoa para a qual peço o máximo respeito e consideração.

Rio, 26/8/1935

Luís Carlos Prestes

HARRY BERGER, uma das principais vítimas da Polícia do Ditador, entrou no Brasil sob a proteção de Luís Carlos Prestes. Prêso e submetido às mais inimagináveis torturas que um cérebro humano pode imaginar, êle perdeu a razão e hoje, em liberdade, é mantido e protegido por um grupo de alemães antinazistas

O Cruzeiro, 24 de novembro de 1945 – 0042-F

30

Diretor
ANTONIO ACCIOLY NETTO

O CRUZEIRO

RIO DE JANEIRO
24 DE NOVEMBRO DE 1945
ANO XVIII — NÚMERO 5

O ABISMO

AUSTREGESILO DE ATHAYDE

"IT is vain do attempt to keep a secret from one who has a right to know it." Encontrei essas palavras, tão oportunas e tão do momento, num ensaio de Emerson, denominado "Spiritual laws".

Verdadeiramente é inútil tentar esconder um segrêdo a quem de direito deve conhecê-lo.

Os grandes estadistas do mundo acham-se às voltas com um segrêdo, "o mais terrivel de todos", na expressão do primeiro Ministro britânico Clement Attlee, ao partir de Londres, para examinar com Truman o mistério da bomba atômica. Três governos conhecem o tenebroso sigilo e porque são apenas três, todos os demais sentem-se ameaçados e a pax do mundo não se restabelecerá na plenitude da sua perfeita segurança, enquanto houver nações que, pela fôrça das suas armas, dispuserem a seu talante do destino das outras.

Entre a palavra e o silêncio gira a sorte de todos os homens. Se falarem, poderão dar a quem não o mereça um recurso decisivo contra a justiça; se não falarem, a suspeita não permitirá que se conserte a sonhada pax duradoura e justa.

* * *

A HUMANIDADE ainda não perscrutou tôda a dramática profundeza da descoberta realizada pelos seus sábios. Apenas duas cidades sumiram como por encanto num fogo tão intenso como não houve jamais outro, desde a grande aventura de Pigmaleão. Mas foram cidades longinquas, entre os antipodas. Não se teve da catástrofe o testemunho imediato dos povos da nossa civilização, da civilização que recebeu da ciência o choque que poderá abismá-la.

Os acontecimentos não deixaram ainda que os espiritos pousassem sôbre o novo poder de destruição, para o qual não existe defesa; tão extenso que o seu emprêgo, mesmo numa escala mediocre lograria, em minutos destruir Nova York ou reduzir Londres a cinzas. O que a "blitz" aérea dos nazistas não conseguiu em anos, um único petardo atômico tornaria irremediável, num pavoroso instante.

* * *

COMPREENDO o dilema em que se encontram Truman, Attlee e Mackenzie King, os três detentores da fórmula. Revelá-la, seria talvez privar as nações democráticas, experimentadas na pax e na justiça, de um elemento de domínio, em proveito dos maiores interêsses humanos.

Quem nos garante que, participe do segrêdo, uma outra nação não fôsse tentada a usá-lo por vingança, cobiça ou loucura?

Mas se não fôr revelado, quem impedirá que os laboratórios trabalhem, os cientistas meditem, as fábricas operem e outros aprendam a libertar a energia atômica, em condições talvez ainda mais danosas?

O mundo está correndo o momento supremo do seu destino físico e moral. Mas não o percebe. As respirações deveriam estar suspensas, na ânsia das grandes expectativas. Seria, porém, pedir demasiado aos homens que, em todos os tempos, viveram desatentos ao abismo que se abre a seus pés.

Confiam na sabedoria divina que não consentirá nunca que a criatura contrarie os planos da natureza, apoderando-se de uma fôrça capaz de aniquilar a sua obra mais gloriosa.

O Cruzeiro, 24 de novembro de 1945 – 0043-F

NO MUNDO DOS LIVROS

A GUERRA ESTA' EM NOS

ANTÔNIO RANGEL BANDEIRA

A GUERRA raramente está fora de nós, parte do nosso mundo íntimo para o mundo exterior, do interior para a periferia, da contemplação para a ação. A nossa conduta individual é que elabora as guarras, ou antes, é que permite que a guerra seja possível, que os homens sejam levados sem resistência para os matadouros, que sejam transformados em feras, brutais, sanguinários, desumanos.

Naturalmente, êsse triste extermínio de homens, coisas e animais perde êsse caráter monstruoso, quando a guerra é defensiva, pois nenhum direito é mais legítimo ao homem ou aos povos, do que o direito de legítima defesa. A guerra, em sua essência, é a ação daquele que a provoca ou inicia. Tôda a ação criminosa da guerra recai sôbre o agressor; torna-se êle mesmo responsável pela morte de seus próprios soldados, eliminados pelo inimigo.

Mas, o agressor só existe porque nós existimos, porque antes de estar nêle, a guerra está em nós, está em nossos corações, está na nossa conduta diária, na vida. Não exagero, nem desejo dar sentido figurado às minhas expressões, porque na verdade antecipo a verdadeira guerra em muitos de nossos gestos, em muitas palavras que saem de nossas bôcas, em muitas atitudes que tomamos diante de nossos semelhantes. Os monstros de Belsen e de todos os campos de concentração alemães, não são sêres estranhos, desligados de nós, habitantes de Saturno que de repente tivessem vindo à terra. Não, não são homens e mulheres que se transformaram em monstros pelo isolamento, abandonados em ilhas desertas e em cavernas abandonadas. Apenas, êles somaram em si a maldade e a estupidez, a guerra que está em todos os homens. Nem por isso êles são menos responsáveis; o que desejo é chamar para nós um pouco dessa responsabilidade. Êles devem ser enforcados, para pagar os seus hediondos crimes, mas, nós devemos também olhar para dentro de nós, para ver até que ponto nós somos responsáveis pelos crimes alheios.

Não quero referir-me a nenhuma responsabilidade ontológica, refiro-me à nossa responsabilidade "de fato". Tudo aquilo que não foi mais do que uma guerra praticada de individuo para individuo, uma guerra aparentemente mansa, de superfície, sem se aprofundar na raiz do extermínio. Puro engano, pois não existe duas guerras. Só existe uma, a que leva à morte no campo de batalha, ou no lugar do crime. Os processos são os mesmos; os mesmos são os caminhos. Porque não somos assassinos, parecerá que nada temos a ver com essa guerra individual, alimento da guerra dos povos. Mas, na verdade, a guerra não está sòmente nas nossas mãos, no punhal assassino que elas podem empunhar, está no nosso pensamento, em muitas ações que praticamos, aparentemente pacíficas.

A guerra manifesta-se em fatos que parecem insignificantes, que superficialmente parecem inocentes. Mas, se tivermos a coragem de procurar o seu segrêdo, a sua fôrça oculta, recuaremos apavorados, porque êles revelam maldade, traição, egoismo, desinterêsse pela vida e direitos alheios. Revelam desgraça, podridão, destruição, morte. Rimbaud, certa vez escreveu: "Le combat spirituel est aussi brutal que la bataille d'hommes". Deve, aliás, ser desculpado o tom pessoal destas considerações, uma vez que elas partem de impressões, que através dos anos, têm se acumulado no meu pensamento.

Vi sempre a guerra nos pais que oprimem os filhos, nos apupos que se faz aos dementes nas ruas, nos maus tratos, praticados nos animais, na ironia com que se pretende envolver certas pessoas, no orgulho, na avareza, na paixão cega, na calúnia. A traição que o amigo nos faz, é o Pearl Harbour da vida diária; e a ela ninguém escapa. Vi sempre a guerra em tôrno de mim, vi sempre atos de guerra bem próximos de mim, nos senhores de terra, poderosos e ricos, invadindo a terra do camponês humilde, destruindo os seus marcos de demarcação, assassinando os seus defensores. Vi sempre a guerra naqueles que passam indiferentes pelos pobres homens que dormem, ao relento, nas portas dos bancos. Quantas guerras, quantas tragédias diárias!

A guerra está em nós, porque está sobretudo na exploração e a exploração

(CONCLUI NA PÁG. 100)

NOVIDADES

EU DESTINO E' PECAR — Rocce — Suzana Flagg — 10.ª Edi— Edições Cruzeiro. Com uma sobrecapa, desenhada por Bianessa edição está destinada a obter esmo sucesso das anteriores. MEU STINO E PECAR continua sendo rande "best-seller" nos últimos domeses.

IDA DE SCHOPENHAUER — rl Weisman — Biografia — Livra- Cultura Brasileira Ltda., Belo Honte. O autor é de origem austría- radicado há muito no Brasil.

AGONIA — Raimundo Souza Dan- — Edit. Guaíra Ltd. (Coleção derno Azul).

UM ROMANCE E SETE DESTIDS — Artur Santos — Edit. Zélio iverde — Romance — Um episódio vida do sertão nordestino. Lingagem simples e apropriada à hisria. Artur Santos é um bom narror. A técnica do romance, porém. recisa de mais cuidado.

SEMPRE HAVERA UM AMANHA — Cardoso Filho — Romance — 2.ª Ed. — Riachuelo Edt. Pôrto Alegre — Do drama polonês à conquista de Berlim.

SOMBRAS ETERNAS — Orvácio Santamarina — Biografias de cinco minutos — Pongetti.

TSCHAIKOVSKI — Herbert Weinstock — Biografia — Ed. Cruzeiro — O melhor estudo sôbre o grande compositor russo. A vida e a época de Tschaikovski, num trabalho monumental.

Telmo Vergara, o contista de CADEIRAS NA CALÇADA e o romancista de A ESTRADA PERDIDA, vai reaparecer em A LUA NOS ESPERA SEMPRE — (História de hoje

SINFONIA DE LENINGRADO

O Cruzeiro, 24 de novembro de 1945 – 0044-F

MARGARIDA - A FALSA ESPIÃ

Por DAVID NASSER

MARGARIDA HIRSCHMAN está sendo julgada por ter traído sua Pátria. Ela defende-se, alegando coação. "— Ameaçavam-me de morte". Esta reportagem historia o mêdo da brasileira que atuava ao microfone da rádio inimiga, na Itália. Mas isso é natural. Todos os ratos na hora final abandonam o navio, procurando salvação de qualquer maneira. Portanto julguemos Margarida Hirschman. Julguemos sem falsos pressupostos, julguêmo-la sem partpris, condenêmo-la se ela é culpada como parece, absolvamo-la no caso problemático de ela ser inocente. Mas não nos esqueçamos de julgar também os outros traidores da Pátria que não saíram de casa.

MARGARIDA HIRSCHMAN é uma vítima do mêdo. "— Nasci em São Paulo e meu pai, José, e minha mãe, Madalena, residiam em São Paulo, onde o velho possuía um comércio qualquer. Em 1939, março, decidimos a viagem para a Alemanha, pois o chefe da pequena família necessitava tratamento médico severo. Embarcamos em um navio no pôrto de Santos e estávamos em Munich quando a guerra começou". Margarida não está falando ao repórter, mas a seu advogado, Tenente Bento Leite Albuquerque, do Exército, nomeado ex-ofício para defendê-la).

— "A princípio, os alemães não me obrigaram a trabalhar. Eu, para manter-me, servia na Casa de Arte, porém depois, com a marcha da guerra desfavorável, todos os homens válidos foram sendo gradativamente substituídos e ordenaram-me a entrar para o Serviço de Trabalho Obrigatório. Dali fui enviada, sob pena de fuzilamento, para a cidade italiana de Fino Moraco, no largo de Como, e ainda sob ameaça disseram-me que atuasse como locutora e dactilógrafa no programa Auri-Verde, feito para os brasileiros. Durante os meses que estive nessa emissora, faltou-me, talvez, a coragem necessária para trocar o microfone pelo pelotão de fuzilamento. Desejo saber quantas mulheres prefeririam a morte. Várias vêzes tive conflitos com o pessoal alemão e de tudo isto tenho provas documentadas. Agora, surge um soldado brasileiro, capturado pelos alemães, e que trabalhou sob coação ao meu lado; êsse soldado faz parte da acusação. Pergunto eu: se êle, homem e soldado, não encontrou meios de resistir, que poderia fazer eu, uma mulher sòzinha? Confesso que tive mêdo. Podem até me acusar de covardia. Mas, não de traição. Em todos os anos que permaneci na Alemanha ou na Itália, não deixei de ser forçada a realizar tarefas que sinceramente não desejava executar. Deixei a estação alemã, na Itália, quando os aliados venceram a guerra e fui para Milão, onde encontrei diversos brasileiros, convivendo com êles. Residia a êsse tempo num edifício de apartamentos situado no Largo do Rio de Janeiro n.º 7. A polícia do Exército Norte-Americano realizou uma busca no 6.º andar para prender uma agente do serviço de espionagem alemã. Não a encontrando, decidiu revistar todo o edifício. E encontrando-me no 4.º andar, tendo eu nome alemão, fui prêsa. Como fôsse brasileira, entregaram-me à F. E. B., que, após minhas declarações, iniciou o inquérito cujo fim é êste processo em terra do Brasil.

O Sr. Nicolau Baldine, que está sendo julgado pelo mesmo tribunal, saiu diretamente da prisão, escoltado pela tropa SS, até à estação de rádio. Falávamos, por assim dizer, com a faca encostada no pescoço. Todos nós, entretanto, procurávamos ser úteis aos aliados, menos êsse tal Felício Mastrangelo, italiano, e que não poderá ser julgado no Brasil, porque não nasceu aqui". (Mastrangelo vive em liberdade na Itália e é feliz). Êle era o chefe e o mentor dos programas. Nós obedecíamos, apenas. Milhões de pessoas estão nas mesmas condições e foram perdoadas, porque não estava em suas mãos reagir contra a violenta perseguição dos nazistas".

O Tenente Leite de Albuquerque, um dos mais competentes advogados que acompanharam a Fôrça Expedicionária Brasileira, está desenvolvendo uma argumentação serena, precisa e sobretudo fartamente documentada, em tôrno da atuação de Margarida Hirschman na Itália. Antes de tudo, espiã não é um têrmo próprio, pois ela estava em terra ocupada pelo inimigo e se espionagem fazia, sòmente poderia ser em favor dos aliados, hipótese digna de atenção. Confundiram-na com aquela criatura que atuava no Rádio de Berlim, fazendo a intragável e mal temperada Salada Mista. Passou, Margarida, que é bela e loura, pela mirrada Rosa de Tóquio, uma japonesinha que atuava ao microfone de certa estação nipônica dirigida às fôrças norte-americanas. Embora não tenha sido uma ou outra, suas funções eram semelhantes e o único ponto em dúvida é apurar-se até onde foi sua má vontade em fazer a propaganda do inimigo. Êste documento que anexamos à reportagem e que será apresentado na próxima audiência do julgamento de Margarida Hirschman terá efeito surpreendente. Ei-lo:

"— Quartel General do IV Corpo — Seção G-2 (Serviço de Informações), 15 de junho de 1945. O Tenente Chiaparelli (Do Exército dos Estados Unidos) abaixo assinado, em funções junto à Seção G-2 do 4.º Corpo, declara que a Senhorita Margarida Hirschman prestou, ao lhe serem pedidas, informações úteis e dispendeu atividade a favor dos inquéritos feitos pela referida seção. O seu auxílio foi prestado com lealdade e amizade para com as Nações Unidas. (a) *Frederico Chiaparelli, 2.º Tenente I. A. Firma reconhecida pelo Consulado de Portugal, encarregado dos negócios do Brasil na Itália."*

Naturalmente que êste documento pode significar muito e *pode, também, não valer tostão*. Margarida Hirschman com êle, sòmente com êle, não obterá sua absolvição. Tudo depende das demais provas que ela apresentará em sua defesa e das provas que contra ela serão apresentadas pela acusação. Está claro que ela não soube resistir à pressão. O que não está claro, entretanto, é se ela não achou doce êsse constrangimento. Os fatos expostos em tribunal restabelecerão a verdade sôbre essa calma loura e falsa espiã.

DOIS FLAGRANTES de Margarida Hirschman quando entrava e quando estava no Tribunal

O Cruzeiro, 15 de dezembro de 1945 – 0045-G

Sete dias

A semana deixou estas lembranças

1

FRIEDRICH HEBBEL, QUE POVO É ÊSTE que vive nas montanhas? Há oitenta e dois anos, no dia de hoje, você deixava êste pobre mundo. Creio que você se foi embora como veio, a partida tal qual a chegada: desamparado. Sabeis: gosto desta espécie de gente que são os escritores. Não porque sejam diferentes, melhores do que os outros homens, etc. Se não estou confuso, algo de estranho, grande e estranho, a êles acontece. São homens como qualquer um de nós, não pròpriamente melhores e como nós possuidores apenas do "privilégio de habitar a substância e suportar o tempo". Mas algo de mistério, miraculoso lhes acontece. Quero falar depressa sôbre "isto", as idéias que tenho em mente saltam vertiginosas, mas talvez não me compreendam, de maneira que vou deixar passar o entusiasmo, para falar melhor. Bem, agora. São os escritores os homens em que com maior clamor e veemência, ímpeto e arranco, dilacerações e abalos sísmicos, gritam as angústias, vociferam as inquietudes, tumultuam as contradições, debatem-se as dúvidas, trituram-se as esperanças. São, portanto, os homens mais despedaçados. Mais esmagados do que os outros, pelo pêso e o castigo do mundo. Mas não é nêles que os outros homens vão procurar paz e quietude, respostas para as suas perguntas? Não são êles que quebram as cadeias, arrebentam as algemas, arrancam os grilhões, derrubam os muros, rompem as grades e dão a grande liberdade aos homens? Não achais patético que assim aconteça quando o próprio libertador é um prisioneiro e o salvador um escravo? Um prisioneiro e um escravo de si mesmo, não livre de suas próprias cadeias, não liberto de suas próprias muralhas? Êstes são os momentos de mistério e milagre na vida de um homem, de qualquer um homem quando êste homem é um escritor. Quando êste homem se chamou Friedrich Hebbel. Não foi êle um escritor apenas porque tivesse escrito tragédias bíblicas, dramas medievais, tragédias burguesas, tragédias de Israel e de Roma, comédias persas e comédias do Renascimento, o helenismo na "adoração das formas esplêndidas", e o antigo, marcial mundo germânico, lendas escandinavas e revoluções eslavas, tudo que numa geração foi grandeza e magnitude transformando-se para outra geração em rebeldia e ruína. Hebbel foi um escritor ainda que nunca tivesse escrito um livro e foi um escritor porque logo compreendeu que "viver significa estar profundamente solitário". Mas se foi só por isso, direis, sendo tristes: "também sou um escritor". Mas não basta para ser escritor ser triste; umas vêzes triste, outras vêzes mais triste ainda. É preciso saber sair do nada e com o mundo se relacionando, e não ver apenas a vida como um tímido medrar, antes vendo a vida numa contínua flutuação, um estremecimento e um renascimento eterno do ser. Uma perene transformação para que nunca sejamos coisas "acabadas", mas prosseguimento do ato criador, fôrça que impede a conclusão do mundo, evita a sua detenção e trava a sua paralisia. A vida só a nós se revela em estado de trânsito, na sua grande e maravilhosa passagem, ela sempre viajando sem parar. Defini-la, que tristeza! Que esplêndido poder captá-la e transfigurá-la! A isto, Christian Friedrich Hebbel, na glória solitária dos escritores, chama-se "criar", desnudar o mistério de tudo. E' a subida para a montanha. "Deus, antes da criação — recordo você, Hebbel — era para si mesmo um segrêdo: teve de criar para conhecer-se".

2

AFINAL PORTINARI VEIO e contou a história como realmente ela aconteceu. Alegasse o que alegasse, o municipalíssimo Prefeito de São Paulo, impedindo que se realizasse na Galeria Prestes Maia a exposição do grande pintor brasileiro, de um homem que deve ser o maior orgulho da inteligência criadora americana, não fêz mais do que endossar um conceito tipicamente nazista, tal seja considerar a arte moderna como uma degenerescência do espírito humano. Compreender-se-ia isso no covil de Hitler. E em nenhum outro lugar do mundo poder-se-á sequer admitir a idéia de tal revalidação. Se êste é o destino que nos espera, o da limitação da liberdade criadora, o da cerceação da inteligência, o da asfixia da sensibilidade, o do encarceramento do espírito, consagrados nessa ousadia que a si mesmo se atribue o poder público inculcado crítico de arte, arvorado árbitro de sentimentos artísticos, que palavra poderemos encontrar para definir tão violenta coersão ao mais legítimo e inticável direito que assiste ao homem sôbre a terra: o direito à beleza?

3

"APODERA-TE DO HOMEM, POETA TRÁGICO, à hora em que a terra o emancipa porque as estrêlas o reclamam". (Friedrich Hebbel).

4

NOTÍCIAS CHEGADAS DE BUENOS AIRES confirmam a velha suspeita de que o neofascismo está escolhendo a América para campo de centralização e hegemonia. Velha suspeita, tantas vêzes denunciada e tantas vêzes esquecida. No entanto, já agora, não poderão sequer negá-la os espíritos menos alertados. Que significa esta campanha anti-semita que está crescendo em Buenos Aires, onde nas paredes das casas inscrições contra os judeus podem ser lidas a dois e três passos? Que significa o assalto às residências israelitas, a depredação dos bens e o insulto público aos judeus? Que poderá significar o chauvinismo em que mergulham os argentinos? Corresponde e está vinculado à destinação histórica do nosso continente a exacerbação racial? Corresponde e está vinculada à vocação democrática da nossa América a adoção da Falange, substituindo o sentimento de interdependência americanista pelo "slogan" da "hispanidad"? Quem duvida que o fascismo não aspira a se unificar na América? Homens que morreram em Belsen e Dachau, mulheres violadas em Dora e Buchenwald, vossas cinzas estão sendo ultrajadas.

5

E' DIFÍCIL, DIFÍCIL, mas só há uma maneira de adquirir uma nova inocência: arrepender-se. Quantos homens terão esta suprema humildade?

6

E' PELO SILÊNCIO, espécie de idioma noturno, que o coração diz as suas mais belas palavras...

7

BEM, NESTE VAGO MUNDO tudo se explica. Machiavel, que não é autor muito decente para ser citado, esclarece: "Cada povo tem o govêrno que merece..."

F. O.

O Cruzeiro, 15 de dezembro de 1945 – 0046-G

Brasil, refúgio de intelectuais

ALMEIDA FISCHER

E' MELANCOLICA a notícia que nos veio da Itália anunciando que Pitigrilli, o famoso autor de "Loura dolicocéfala", perdeu quase tudo que possuía com os bombardeios sofridos por suas propriedades durante a guerra, e deseja emigrar. Em carta dirigida ao cônsul brasileiro em Genebra, na qual lhe pede para visar seu passaporte a fim de poder entrar em nosso país, o velho escritor e humorista italiano confessa que a guerra destruiu todo o produto dos seus longos anos de trabalho dedicados exclusivamente à literatura: "Perdi tudo, na Itália. As minhas casas foram destruídas pelos bombardeios, e não sinto encanto pela "soi-disant" civilização européia". E' bastante entristecedora esta confissão de desencanto do famoso escritor diante da desolação geral da paisagem européia e, principalmente, da de sua pátria sacrificada na terrível voragem da guerra.

Muitos escritores europeus, em diversas épocas, têm escolhido o Brasil para campo de suas atividades literárias, nos momentos mais aflitivos da história do mundo. Para aqui veio Stefan Zweig, o romântico biógrafo austríaco, despojado de seus bens e perseguido pelos nazistas, também em precária situação financeira. Aqui êsse restaurador de vidas semi-esquecidas, em 1942 suicidou-se românticamente, acompanhado pela espôsa, na aristocrática Petrópolis. Para o Brasil vieram também Oto Maria Carpeaux e Georges Bernanos — o primeiro, excelente crítico literário, bom conhecedor da literatura européia, e que parece haver-se radicado inteiramente em nosso país; o segundo, um dos mais conhecidos escritores católicos da França, não querendo ver sua pátria enxovalhada pelas botas germânicas, preferiu emigrar. Agora, expulsos os nazistas de sua terra, castigados os traidores que os ajudaram a conspurcar o solo da pátria, Bernanos vem de regressar ao seu país, a chamado do General De Gaulle, para tomar parte ativa na grande tarefa de reconstrução da França. Aqui ainda se encontram Ernesto Feder, escritor alemão antinazista, o jornalista Leon Crutians, o contista e editor Max Fischer, etc.

Agora chegou a vez de Pitigrilli volver seu olhar povoado pelas imagens tenebrosas das cidades destruídas, dos campos devastados, das vidas mutiladas, para a paisagem mais ou menos tranqüila do Brasil, que se lhe afigura um pôrto amigo, um refúgio seguro.

Pitigrilli, que é pai diversas vêzes e que, na vida real, é um pacatíssimo e excelente chefe de família, pode vir, à hora que quiser, abrigar sua alma angustiada no imenso coração do Brasil. Nós, brasileiros, e esperamos de braços abertos. Seus livros, que aqui chegaram há muitos anos, sendo devorados pelos apreciadores do gênero literário do qual êle se tornou um dos maiores representantes, servem-lhe de passaporte.

Pitigrilli não é um desconhecido no Brasil. E' uma pessoa de casa que pode entrar e sair a qualquer hora, sem precisar bater à porta.

CORRESPONDÊNCIA

Tôda correspondência para esta seção deve ser dirigida a Geraldo de Freitas — NO MUNDO DOS LIVROS — Redação da Revista O CRUZEIRO — Rua do Livramento n. 191 — Rio.

PAULINO AGOSTINHO DO NASCIMENTO — Curitiba — Paraná — Tomei nota de sua apreciação sôbre o livro de Nasser e Manzon. De fato, é um livro de muito valor. Quanto ao livro de Joel Silveira, sòmente a Editôra

de Londres. Os seus livros têm sido conhecidos no Brasil através de edições argentinas. Em um de seus livros Laski declarou: ...aquêles que foram ensinados pelo longo uso a considerar justo o privilégio, são raramente capazes de admitir que seu direito possa estar construído sôbre bases que outros verificaram serem injustas"

O Cruzeiro, 22 de dezembro de 1945 – 0047-G

Elegancia e beleza

CORRESPONDENCIA

Toda correspondência para esta secção deve ser dirigida para ELZA MARZULLO — "Elegância e Beleza" — *Redação de* O CRUZEIRO — *Rua do Lavradio, 191 — Rio de Janeiro. Não será respondida a consulta que não for desacompanhada do cupom que se encontra em outra página desta revista.*

...pelo correio... LILITA FEITO — Virgínia e NOLA CAMARGOS — Uberaba.

Só respondemos às cartas de nossas leitoras, aqui, nesta secção.

...não consigo engordar... TERESA — Juiz de Fora.

Se você se alimenta bem, como diz, há algum distúrbio interno ocasionando essa perda de pêso. Consulte um médico.

...quase uma drogaria... CACILDA — Uberlândia.

Seu rumo está com a razão: só o regime alimentar é suficiente, na maioria das vêzes, para corrigir essas anomalias. O regime e mais a ginástica, pela manhã, e quando for para o seu trabalho ande um pouco, um quilômetro, por exemplo. Além de ser um ótimo exercício é também uma excelente massagem para o fígado. E trate carinhosamente dêste órgão, para que suas manchas não se acentuem, tornando-se definitivas. Para a pele, no combate à oleosidade, aplique álcool, éter e água destilada, em partes iguais. Não abuse, porém. As bases compactas são prejudiciais à cútis.

...tenho sentido falta... MME. SA — Rio.

Mas aqui estamos, com o mesmo carinho e a mesma boa vontade. Se você vai fazer uma estação de águas deve deixar o "peeling" para depois, a fim de retirar a pele que o sol e o ar da montanha vão tornar áspera e queimada. Talvez êste tratamento seja, também, suficiente para retirar as ruguinhas das pálpebras. As outras perguntas devem ser feitas ao médico que vai fazer o "peeling".

...não posso usar um "maillot"... MIMOSA — Teresópolis.

Indicamos a cirurgia plástica nesses casos, porque seu resultado é certo e definitivo. Mas isso não impede que você experimente o produto citado em sua carta, apesar das informações de outras leitoras quanto à inutilidade do mesmo. Não conhecemos o aparelho cuja fotografia você viu numa revista francesa.

...se faz mal... MIRNA — Curitiba.

Reseca um pouco. Prefira misturá-lo a uma porção igual de água de rosas ou nata de leite.

...abaixo da cintura... FLOR DE PESSEGUEIRO — Campos.

Aproveite suas tranças num lindo penteado. Nas revistas femininas, nos filmes, etc., há inúmeras sugestões nesse sentido. E você tem a vantagem de não precisar recorrer a tranças postiças.

...o chá de nogueira... LIDIANNE — Belo Horizonte.

Quando o cabelo é quimicado pela permanente não há remédio que o faça voltar à côr natural. O recurso é cortar as pontas avermelhadas e procurar um profissional mais competente para a próxima ondulação. Em todo o caso, experimente o óleo de ricino, amornado em banho-maria.

...um desgôsto profundo... CHEILA MARIA — Corumbá.

Leia a resposta a Gilda Gilberto e use após as refeições um preparado (à venda nas farmácias) para bochecho e gargarejo.

...o prêmio do livro... ELISA F. V. — Est. S. Paulo.

"Beleza e Personalidade", o livro azul da mulher, custa oitenta cruzeiros.

...para os meus avós... GUILZA — Vitória.

Não é bolor, não. Infelizmente nada podemos fazer pois se trata de um caso que só pode ser tratado por um médico especialista. No caso de sua avó precisamos maiores detalhes. Por exemplo: Se o cabelo é sêco ou oleoso, se ela tem prisão de ventre etc.

...partidos ao meio... FEIA — Rio.

Assim mesmo é que ficam bem para você. Quando aplicar o "rouge" tenha cuidado para não colorir a parte fundo do rosto.

...crespos nas pontas... ESTRÊLA D'ALVA — Rio.

Apare as pontas e escove-os todos os dias, para evitar que isso se repita.

...estou embranquecendo... AMÉLIA — Pôrto União.

Você é ainda muito criança. Precisa de mais vitamina B. Peça ao seu médico que lhe receite concentrados dessa vitamina e escolha, para sua alimentação os alimentos que contenham em maior dose a vitamina B. Um exame de sangue também seria de muita utilidade no diagnóstico do médico.

(CONCLUI NA PÁG. 156)

E QUE ÊSTE PRIMEIRO NATAL DE PAZ...

ELZA MARZULLO

TODOS os anos, por esta época, a cidade se alegra, e escorre das casas de brinquedos todo um mundo em miniatura, um mundo de fantasia e de sonho que faz a alegria maravilhosa das crianças.

Embora não pareça, reflete-se sôbre êsse universo infantil — o universo dos brinquedos, dos jogos e dos folguedos — sob forma menos grosseira é claro, as preocupações, tormentos e objetivos do nosso mundo e do nosso tempo.

Se observarmos nas vitrinas de brinquedos e notarmos aquêles que mais dominam cada Natal, cada ano, podemos dizer, com uma margem mínima de equívoco, quais são as preocupações dominantes dos adultos.

O mundo dos brinquedos é um mundo em miniatura, sem tempo, porque a fantasia não tem idade. Mas é feito pelos adultos e feito em nosso tempo. Padece assim de nossa atualidade e de nossa preocupação, de nossas angústias e de nossos sonhos.

Por isso é que o mundo dos desenhos animados é superior ao mundo dos brinquedos e o mais livre de todos os mundos. E por isto, também, Walt Disney foi considerado um benfeitor da humanidade. O pai de "Mickey Mouse" saiu de todos os tempos e emancipou-se de tôdas as realidades. Nos seus filmes reina a verdadeira liberdade, a fantasia absoluta.

Ainda êste ano, dominam as vitrinas das grandes casas os brinquedos militares e os brinquedos educativos. Ainda bem.

São êles que compartilham o sucesso dêste fim de guerra super-militarizado e cheio de dissenções políticas; êste fim de um mundo, limiar de outro em que, mais do que nunca, precisamos as técnicas e as especialidades para reconstruir tudo o que a guerra destruiu.

Assim, surgiram do subconsciente dos fabricantes, idealizadores e manufatores de brinquedos, os jogos militares e os "sets" educativos, os canhões e as "hortas da vitória", as "bonecas noivas", como um apêlo ao instinto natural para o aumento da natalidade que corrija a terrível mortandade a que acabamos de assistir.

E que êsses brinquedos façam sorrir as crianças, trazendo alegria e encanto aos seus corações a que não pudemos evitar os sobressaltos trazidos pela guerra.

E que êste primeiro Natal de paz, após tantos anos de sangueira e de ódio, seja a promessa de um mundo melhor, construído sob o signo do trabalho e da justiça.

O Cruzeiro, 29 de dezembro de 1945 – 0048-G

Diretor
ANTONIO ACCIOLY NETTO

O CRUZEIRO

RIO DE JANEIRO
29 DE DEZEMBRO DE 1945
ANO XVIII — NÚMERO 10

UMA NOVA HUMANIDADE

AUSTREGESILO DE ATHAYDE

TODOS chegamos ao pórtico do novo ano com a alma pesada. Foram enormes e extraordinárias as comoções dêste, cheio como nenhum outro de acontecimentos decisivos para a humanidade.

Basta dizer que êle viu terminar a guerra mais terrivel da história, no ocidente e no oriente, e em ambas vencerem as armas da liberdade, depois de sacrifícios quase inumeráveis.

Uma espécie de embotamento espiritual, produzido pela multiplicidade de fatos relevantes, como que nos impediu de sentir na plenitude a importância dos dias que vivemos e agora vão encerrar-se para sempre com o calendário de 1945.

E' afastando-nos dêles, com a perspectiva do passado e com as repercussões das grandes coisas que se verificaram, que iremos avaliando a transcendência dêsses sucessos, alguns dos quais bastariam para encher as crônicas e legendas de um século.

* * *

JAMAIS poderemos averiguar, com a precisão do dia e até da hora, quando começou para os homens a época do ferro ou mesmo a da eletricidade. Mas nós que vivemos êste ano, magno entre todos, diremos com orgulho e temor que fomos contemporâneos do momento exato em que na destruída cidade de Hiroshima, uma bomba atômica comprovou o domínio da inteligência sôbre a mais poderosa energia do universo.

Não logramos ainda adaptar a nossa mentalidade à grandeza daquele instante, ao significado filosófico, moral, econômico, social e político dessa descoberta sem precedente.

Bastaria a desintegração da energia do átomo, realizada pelos sábios, penetrando mais fundo do que nunca no segrêdo da natureza, para tornar inesquecível o ano que se extingue aos nossos olhos atônitos e mal despertos para as imensas realidades que se descortinam e já irromperam na destruição, no tumulto e no sangue, nas duas infelizes cidades japonêsas.

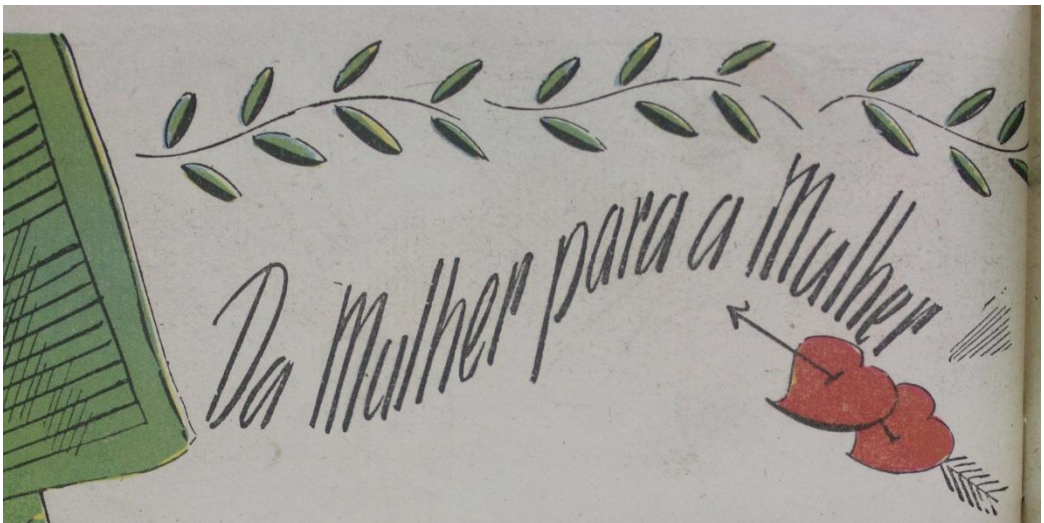
* * *

OS cristãos viram aproximar-se o Ano Mil, tomados de místicas esperanças e terrores teológicos. Previa-se nêle o fim do mundo. Falava-se, como coisa certa, do advento do reino de Deus, entre os esplendores do fogo, na última cena do juízo final. Transpôs-se, no entanto, a décima centuria da cristandade na paz das horas comuns e sem conseqüências.

Se, porém, houvéssemos de dividir os tempos, não pelas convenções dos séculos, mas pelo sentido das coisas que mudam verdadeiramente a face da terra, o ano de que vamos volver a derradeira página dentro de horas, marcaria a mais completa revolução já operada nas concepções e nos métodos de vida do homem.

Poder-se-ia, com justiça, iniciar a contagem de uma Era. Falta lux a nossos olhos para ver, com clareza, tudo o que sucedeu como coisa corrente, na rotina da existência, nestes doze meses ímpares da história e a partir dos quais começou uma nova humanidade.

O Cruzeiro, 29 de dezembro de 1945 – 0049-G



ANO-BOM

HELENA B. SANGIRARDI

E' NA VELHA encruzilhada das Idades, às margens do Rio do Tempo, que rola as suas águas para a Eternidade, o Ano-Novo aguarda a chegada do Ano-Velho. E, enquanto aguarda, 1945 escuta, cheio de felicidade, o rumor que saúda o seu nascimento. São badalar de sinos, apitos de fábricas, buzinas de automóveis, risos de alegria... Já não são canhões que rugem, metralhadoras que crepitam, gemidos de angústias, bombas que descem silvando dos céus abrasados...

1945 vem se aproximando do fim da jornada. Vem de sandálias rôtas e de pés sangrando. Êle pára diante de 1946 e sorri. Sorri para o Menino que vai iniciar a caminhada contínua dos 365 dias, para entregar, por fim, a um outro Ano mais feliz, às margens daquele mesmo rio, a ampulheta simbólica. E o Ano-Velho explica... Explica que, quando nascera, uma triste noite de gangrena ameaçava tomar conta do mundo. E aponta, lá ao longe, todo o difícil caminho percorrido. Desoladas paisagens em ruínas... instrumentos de tortura... campos de concentração... Ilumina os horizontes remotos o clarão dos incêndios... E, sôbre as ruínas e os incêndios, uma enorme bandeira da cruz gamada sinistramente tremula batida por um vento de maldição.

E agora, felizmente, 1945 ergue para as estrêlas a cabeça curvada. À luz do luar passam as esquadrilhas da Liberdade, formadas em "V". Os soldados se arregimentavam e, ao som de clarins de glória, avançaram rumo aos baluartes da tirania. Nas cidades conquistadas construíram-se barricadas. A dinamite explodiu dentro da fortaleza européia. E milhões de homens, empunhando archotes, dirigiram-se para o lado do estandarte que tremulava sinistramente, sôbre as ruínas. Mais uma vez, naquela encruzilhada, dois anos diferentes iriam assistir ao nascimento de uma nova era.

No horizonte da grande noite antes povoada de assombros, amanhece agora a brilhante madrugada da Vitória!

CORRESPONDÊNCIA

Tôda correspondência para esta seção deverá ser dirigida para HELENA B. SANGIRARDI — *"Da Mulher para a Mulher" — Redação de* O CRUZEIRO — *Rua do Livramento, 191 — Rio de Janeiro. Tôdas as respostas serão publicadas e, em nenhuma hipótese, respondidos diretamente.*

GRETA YOUNG — Pôrto Alegre — "...todos dizem que sou linda e eu mesma estou convencida disso, pois sou inteligente e tenho espelhos."

Linda, convencida, ignorante, inculta e sem modos. O último conselho que tenho para você, Great Young, é procurar ficar cada vez mais próxima da senhora sua mãe. Só ela poderá aconselhar você e tomar a responsabilidade de socorrê-la. Casos como o seu fogem à minha alçada. Só podem ser resolvidos pela própria mãe e não por uma pessoa que, afinal de contas, você nem conhece. Não sou eu quem vai querer interferir num problema como o que você me expõe. Repito portanto: acolha-se ao carinho e a ternura da senhora sua mãe e você será feliz.

LAURA PARKINGTON — Rio — "Devo deixá-lo em paz com a sua noiva ou lutar pelo meu amor".

Deixá-lo em paz com a noiva. Se êle estivesse interessado em você não teria ficado noivo de outra.

ANIGEL — Santos, São Paulo — "...conversando com amigas e senhoras casadas, vim saber de certas realidades..."

Amigas... da onça, isso sim. Isso que você teme muito raramente acontece e, assim mesmo, só quando os homens não estão interessados em casamento e em constituir família e fundar um lar. Quanto aos divertimentos aos quais você se refere, em geral também só são procurados antes do homem pensar em se casar. Deixe de bobagens, portanto, e esvazie sua cabecinha dessas apreensões que não têm razão de ser. Quando tiver realmente um caso para êste consultório sentimental, volte, que a atenderei com muito prazer.

IRENE DE SOUZA — Mafra, Santa Catarina — "...se tivesse a felicidade de ser atendida..."

Se a sua felicidade, por enquanto, só se resume em receber um retrato desta amiga, vou tentar fazê-la feliz, o mais depressa possível... Cuidado com o susto, porém! E' melhor abrir o envelope bem sentadinha...

TAYLOR — Belo Horizonte, Minas — "...pela primeira vez falou nessa história de "inteligência que desceu da cabeça para os pés" deveria ser algum despeitado, que nunca conseguiu ir lá das pernas...)

POTIGUARA — Interior de São Paulo — "...disse-me que a jovem que amo é leviana e que eu não deveria pensar nela para espôsa..."

O mal de muitas jornalistas de assuntos femininos é não conseguir isolar a sua personalidade, quando dão conselhos aos outros... E uma pessoa de vida amargurada, que se considera infeliz em tudo, dificilmente consegue distribuir felicidade entre os que a procuram. Já lhe disse uma vez o que penso do caso de sua namorada e reafirmo tudo, principalmente depois dêsse trecho de sua segunda carta: "Devo dizer-lhe, também, que essa pequena goza de ótima reputação em sua cidade". Trate, portanto, de refrear êsse pessimismo exagerado e camo, mais tarde, ainda há-de acabar rindo de suas preocupações de hoje.

MAY — Rio — "...posso escrever de vez em quando para contar a você coisas boas?"

Lógico. Pode escrever quando quiser. E, quanto ao retrato, é só você [illegible] seu endereço [illegible] falar no futuro, com naturalidade e, quando êle a interromper, entre claramente no assunto. Diga que nunca viu um rapaz bem intencionado — como êle se considera fugir a assuntos tão naturais entre pessoas que estão caminhando para o casamento. Observe então suas reações e, como moça inteligente que é, tire suas conclusões desapaixonadamente, como se as coisas estivessem acontecendo com a vizinha... Quando, escreva-me novamente.

LÚCIA — Providência, Minas — "...e acho que seria feliz se encontrasse um de idade bem superior a que possuo."

Idade "superior"? Nunca vi êsse qualificativo empregado para idade! Deixe de ser bôba, menina e trate de não complicar sua vida! Se gosta do rapaz, case-se antes que seja tarde demais.

PAULO CEZAR — Belo Horizonte, Minas — "Só copio retratos quando não consigo o original para modêlo".

Continuo pisando na mesma tecla: então só faça retratos de pessoas que podem posar para você. Em todo o caso,